

**Ivanilson José da Silva Moreira**

**A LIBERDADE HUMANA SEGUNDO SPINOZA**  
**A FORÇA DOS AFETOS E A POTÊNCIA DO *CONATUS***

Dissertação de mestrado em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler

Apoio CAPES

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2025

**Ivanilson José da Silva Moreira**

**A LIBERDADE HUMANA SEGUNDO SPINOZA**

A FORÇA DOS AFETOS E A POTÊNCIA DO *CONATUS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Felício Feiler.

Apoio CAPES

#### FICHA CATALOGRÁFICA

	Moreira, Ivanilson José da Silva
M8351	A liberdade humana segundo Spinoza: a força dos afetos e a potência do <i>Conatus</i> / Ivanilson José da Silva Moreira. - Belo Horizonte, 2025. 109 p.  Orientador: Prof. Dr. Adilson Felicio Feiler. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Filosofia.  1. Liberdade. 2. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. I. Feiler, Adilson Felicio. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Filosofia. III. Título
	CDU 100

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Ivanilson José da Silva Moreira

## A LIBERDADE HUMANA SEGUNDO SPINOZA

A FORÇA DOS AFETOS E A POTÊNCIA DO *CONATUS*

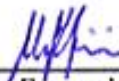
Dissertação de **Ivanilson José da Silva Moreira** defendida e aprovada, com a nota 8,0  
( oito ) atribuída pela Banca Examinadora constituída pelos  
Professores:



Prof. Dr. Adilson Felício Feiler / (Orientador)



Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki / FAJE



Prof. Dr. Nythamar Fernandes de Oliveira / PUC RS

Departamento de Filosofia – Pós-Graduação (Mestrado)

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

Belo Horizonte, 30 de junho de 2025.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

**RESUMO:** Esta dissertação oferece uma interpretação acerca da liberdade humana e como a alcançar, articulando, assim, a força dos afetos e a potência do *conatus*. O intuito deste estudo é mostrar como se dá, no pensamento de Spinoza, a transição da servidão (ser afetado passivamente por causas externas) para a liberdade (agir ativamente conforme se tem maior compreensão racional acerca do mundo). O entendimento do filósofo sobre a liberdade diverge de como ela é comumente entendida, a saber, a liberdade como livre-arbítrio. Para ele, a liberdade é uma construção baseada na compreensão dos afetos, intrínsecos à Natureza, que, quando são entendidos, é possível moderá-los e ter domínio sobre eles. O impulso para esse processo advém da força do *conatus* (esforço de preservação e “perseveração” do ser na existência, que busca sempre aumentar sua potência de agir). Ser livre não é se pensar como capaz de fugir da necessidade do mundo; pelo contrário, é se entender como um ser determinado, porém capaz de autodeterminação visto que se autocompreende e modera seus afetos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Conatus*. Afetos. Liberdade. Beatitude. Spinoza.

**ABSTRACT:** This dissertation offers an interpretation of human freedom and how to achieve it, thus articulating the power of the affections and the power of the conatus. The aim of this study is to show how Spinoza's thought makes the transition from servitude - which is to be passively affected by external causes - to freedom - which is to act actively to the extent that one has a greater rational understanding of the world. The philosopher's understanding of freedom differs from how it is commonly understood, namely freedom as free will. For him, freedom is a construction based on an understanding of the affections, intrinsic to nature, which, when understood, can be moderated and mastered. The impetus for this process comes from the strength of the conatus - the being's effort to preserve and persevere in existence, which always seeks to increase its power to act. To be free is not to think of oneself as capable of escaping from the necessity of the world; on the contrary, it is to understand oneself as a determined being, but one who is capable of self-determination to the extent that one understands oneself and moderates one's affections.

**Keyword:** *Conatus*. Affections. Freedom. Beatitude. Spinoza.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1 TUDO O QUE EXISTE ADVÉM DA SUBSTÂNCIA INFINITA, INCLUSIVE OS AFETOS HUMANOS .....	19
1.1 Existir é próprio da essência da substância infinita.....	19
1.1.1 O entendimento percebe os atributos, porque os atributos são expressivos.....	22
1.1.2 Os modos são manifestações dos atributos da substância infinita.....	24
1.2 É próprio do <i>conatus</i> perseverar na existência e não passar a existência.....	27
1.3 O desejo é a própria essência do ser humano como possuidor de esforço, volição, apetite, formando e fazendo o <i>conatus</i> assumir um rosto .....	33
1.4 A passagem de uma menor para uma maior potência e vice-versa caracteriza os afetos.....	35
1.5 A potência dos indivíduos deve se alinhar com os afetos produzidos pela política, para haver mais participação social .....	41
2 A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO SER HUMANO EM RELAÇÃO A SEUS AFETOS.....	49
2.1 Do império, que é a Natureza, o ser humano é uma parte integrante e não superior ou independente, não é um império num império.....	49
2.2 A afetividade humana se dá na dimensão relacional, primeiramente do ser humano com ele mesmo e depois com os demais modos de Deus .....	57
2.3 O sábio se entende como parte integrante da Natureza, o ignorante se imagina como aquele que toma decisões livres e, por isso, sua vida é, em grande medida, triste.....	64
3 O PROCESSO DA LIBERDADE HUMANA SE DÁ NA IMANÊNCIA DA SUBSTÂNCIA INFINITA, MANIFESTANDO-SE PELA MODERAÇÃO QUE O SER HUMANO FAZ DE SEUS AFETOS.....	77
3.1 A via que conduz à liberdade humana é o conhecimento.....	77
3.2 A beatitude é resultado da potência da ação e do pensamento dados pelo próprio ser humano, que o fazem, conforme vive, ser mais virtuoso .....	86
3.2.1 Beatitude é a vivência da eternidade alcançada pela intuição, gerando o amor intelectual, pois nos permite compreender a Natureza e a nós mesmos .....	95
CONCLUSÃO .....	101
REFERÊNCIAS .....	105



## INTRODUÇÃO

A filosofia de Spinoza<sup>1</sup> tem como base fazer do conhecimento o afeto mais potente para que seja possível alcançar a liberdade. Nesse sentido, nosso estudo versa em investigar como se utilizar dos afetos para guiar nosso modo de entender e agir no mundo, conduzindo, assim, à liberdade.

As ideias demonstradas pelo autor sugerem cuidado nas interpretações rápidas e conclusões apressadas, e, por esse motivo, a sugestão de cautela, prudência (*caute*), inscrição que estava no anel-sinete do filósofo. Essa expressão sugere cautela no agir e no falar. Acompanhando essa inscrição, há uma gravura de uma rosa envolta com seus espinhos. A cautela a qual ele se refere não se trata de um sinal de covardia, tampouco significa agir passivamente, a ideia é agir e falar, porém com cuidado.

A rosa é símbolo de fragilidade, beleza e perfeição, porém se deve recordar que, em volta dela, há muitos espinhos; assim também é a verdade, ao se aproximar dela, exige daquele que o faz cuidado, pois há consequências caso essa aproximação não seja feita com prudência. O conhecimento, embora seja libertador, pode ser um perigo para aquele que o comunica em meio àqueles que ainda estão acorrentados à ignorância e dessa condição não fazem questão de sair. É aqui que reside o império dos sujeitos tristes. Estão assim porque se entregam nas mãos de alguém a quem delegam o direcionamento de sua vida ou são também totalmente direcionados por suas paixões.

Quando pensam que escolhem algo, dizendo ser por sua liberdade, entendida como poder de escolha, na verdade, estão apenas se aprisionando mais ainda e não percebem que sua luta é em prol de sua própria servidão e aprisionamento. A isso dão nome de liberdade, pois estão totalmente imersos no desconhecimento daquilo que eles afirmam escolher livremente.

Spinoza desenvolve, na parte III de *Ética*, a teoria dos afetos, que consiste na relação de um corpo com outros corpos, afetando e sendo afetado, aumentando e diminuindo sua potência

---

<sup>1</sup> A grafia do nome do filósofo aqui estudado tem variações. Ao longo desta dissertação, adotamos a grafia Spinoza, em vez de Espinoza, pois é a forma mais consagrada pela academia e usada pela maioria de seus comentadores. A edição de *Ética* (2018) usada neste trabalho emprega a grafia Espinosa, porém a obra foi registrada com a forma em latim do sobrenome do filósofo. Dessa maneira, as referências seguem o registro da obra principal. A escolha da grafia aponta para a mudança ocorrida na vida do filósofo, ou seja, a versão de seu nome, Baruch Espinoza, está situada à sua vinculação com a comunidade judaica. Porém, quando ele é submetido ao *Herem*, ele passa a usar a versão de seu nome em latim, ou seja, Benedictus de Spinoza. Não se trata apenas de uma mudança de grafia, mas de uma ruptura, e esta, como podemos notar, é a marca de sua saída da tradição judaica para se dedicar à sua filosofia. Esse dado é importante, pois nos apresenta um novo momento na vida do autor, uma vez que sua comunidade o afasta, e ele também o faz, deixando de lado seu nome primeiro, apontando que não somente a comunidade o coloca para fora, cortando vínculos, mas que ele também a exclui de sua vida. É como se ele também fizesse um julgamento pessoal e a submetesse a seu próprio *Herem*, afastando-a do novo momento de sua vida.

mediante os encontros. Os encontros a que nos referimos não são apenas no sentido em que duas pessoas se encontram, é no sentido de que tudo no mundo pode produzir um encontro, que pode aumentar ou diminuir a potência humana.

São esses encontros que nos conduzem à liberdade, pois, para Spinoza, ela versa em conhecer a ordem da Natureza, ou seja, reconhecer a si mesmo como uma parte da Natureza e não separado dela é entender que somos causa e sofremos efeitos dos outros modos da substância infinita, pois tudo nela ocorre numa sequência infinita de causas e efeitos. Portanto o ser humano livre é aquele que é cômico de ser parte da Natureza e não se pensa superior a ela, que compreende as leis que estão sobre ele, não se vendo alheio à necessidade nela contida, e, a partir disso, tem a capacidade de detectar encontros úteis, ou seja, que aumentam sua potência, e de evitar aqueles que a diminuem, produzindo afecções de tristeza. Por sermos seres relacionais, somos, a todo instante, afetados por outros corpos, porém, quanto mais somos capazes de compreender nossos afetos e a razão pela qual tais paixões são produzidas em nós, fortalecemos nosso *conatus*, que, por sua vez, passa a buscar meios que favoreçam nossa potência de agir, pensar e perseverar na existência.

A liberdade em Spinoza é totalmente diferente da forma como é frequentemente entendida, como propõe a ideia de livre-arbítrio, ou seja, para ele, a liberdade não está associada à capacidade de fazer escolhas ilimitadas e sem interferências externas. Em sua obra magna, *Ética demonstrada em ordem geométrica*, na construção que perpassa por definições, axiomas, proposições, demonstrações, no centro dessa edificação, está a questão da liberdade humana, ressignificada pelo filósofo como profundamente desvinculada da noção de livre-arbítrio, ancorando-a na própria necessidade inerente à Natureza. Isto é, a liberdade humana não se opõe à necessidade, surge dela visto que temos uma compreensão mais clara acerca das causas e efeitos que nos afetam.

O objetivo de Spinoza é chegar à liberdade humana, mas, antes disso, ele desenvolve em sua obra outros temas cruciais para a compreensão da reflexão proposta por ele. Vale ressaltar que, apesar do título da obra, não se trata de um livro que propõe regras morais como estamos acostumados. No entanto, é uma proposta de entender a realidade, partindo de sua concepção de Deus, e verificando o lugar do ser humano nessa realidade. Para isso, ele usa o rigor e a precisão geométrica para construir um sistema filosófico em que há uma sequência lógica de ideias, para demonstrar que tudo o que ocorre na Natureza é também refletido no ser humano e que, para sermos livres e alcançarmos a verdadeira felicidade (beatitude), devemos conhecer a nós mesmos e o mundo no qual estamos imersos.

Posto isso, durante este estudo, procuramos aprofundar-nos na complexa noção de liberdade em Spinoza. Verificamos de que maneira a força dos afetos nos joga rumo à servidão e como a potência do *conatus*, que é o esforço que cada coisa faz para perseverar na existência, nos faz compreender a determinação que existe sobre nós e, ao mesmo tempo, coloca-nos no caminho da autodeterminação, e, conseqüentemente, nos faz alcançar a beatitude.

O primeiro capítulo deste estudo é dedicado à concepção, para o filósofo, de substância infinita ou de Deus. Explicitamos que Deus, compreendido por ele, é diferente da figura de um ser criador, pessoal e que age por sua própria vontade, intervindo nas questões humanas, por meio de milagres. Para Spinoza, Deus não é esse ser transcendente desvinculado do mundo, observando-o de longe. Ele é o próprio mundo, é imanente, ou seja, Deus ou a substância infinita é a própria Natureza, atuando em todos os lugares. Onde operam as leis naturais, lá está Deus presente. A substância infinita é, em sua filosofia, a única e eterna causa de si mesma, de suas leis que ela mesma se dá e tudo o que existe.

Assim como Deus é entendido, pela tradição, como aquele que dá forma ao mundo, em Spinoza, a substância ou Deus, como ele a identificará, abarca toda realidade. Não há nada fora dele, tudo é parte dessa vasta e única realidade divina e infinita (Deus/Natureza), em que os seres humanos são modos dessa substância.

Os modos são originados pelos atributos dos quais, apesar de infinitos, conhecemos apenas dois: extensão e pensamento. Ou seja, os modos são modificações da substância que existem a partir dos atributos. Por exemplo, cada corpo é um modo do atributo extensão, bem como cada ideia é um modo pertencente ao atributo pensamento.

Os atributos exprimem, cada um, a essência infinita e eterna de Deus. São formas diferentes pelas quais a única realidade se expressa. Dessa maneira, extensão é o atributo que exprime a materialidade de Deus; cada corpo que ocupa lugar no espaço e tem sua dimensão física, é através da extensão que o percebemos. Já o atributo pensamento é aquele voltado para a mente, sendo este responsável pela manifestação de tudo aquilo que é mental, como a consciência, as ideias. É pelos atributos que a realidade que conhecemos se apresenta e é inteligível.

Como a substância infinita é toda a realidade, e ela é regida por suas leis imutáveis, e se Deus é a própria substância em toda sua necessidade, não há milagres e, por isso, não faz sentido pedir algo a esse Deus. Não existe livre-arbítrio e, por essa razão, nossas ações não são livres e ligadas à nossa vontade; bem como Deus age totalmente pela necessidade de sua essência. Isso significa que tudo o que ele realiza no mundo é perfeito e adequado.

Outro ponto importante desenvolvido no primeiro capítulo é que, da substância, são os conceitos de desejo e *conatus*, sendo o primeiro intrinsecamente ligado ao segundo. Qualquer coisa na existência tem *conatus*, que significa o esforço que cada coisa realiza para perseverar na existência. Seja o ser humano, o menor micro-organismo até o maior dos animais, todos procuram meios para se manter firmes na existência, em que nenhum tende a se autodestruir, mas, sim, conservar-se em seu próprio ser; perseverar e não passar a existir, pois isso implicaria outra substância, e toda filosofia erigida por Spinoza viria abaixo.

Ter *conatus* não é somente perseverar na existência, é também procurar formas de aumentar sua própria potência de agir, porém não podemos entender o *conatus* como uma vontade consciente, mas como uma força, um impulso ou uma tendência que leva cada ser a preservar sua integridade e expandir suas capacidades o tanto quanto for possível. O *conatus* é a força de cada ser em ação.

Como o verso de uma mesma moeda, o desejo é o outro lado do *conatus*, porém consciente de si mesmo. O *conatus* é, pois, uma força que só quer e não sabe o que quer. Por outro lado, o desejo funciona como os olhos que dão forma àquilo que o *conatus* cegamente quer. O desejo é a manifestação da própria essência do indivíduo, de maneira consciente, acerca do esforço que cada ser humano faz para expressar sua potência de agir. Ao definir o desejo como essência humana, Spinoza quer dizer que se trata da força motriz para manter o ser humano na existência, e a compressão adequada do seu desejo é crucial para que a liberdade e a beatitude sejam alcançadas.

Outro ponto que se faz necessário compreender são os afetos. Eles são abordados, de forma revolucionária, pelo filósofo, pois ele aborda e analisa os afetos com a mesma objetividade como se fosse uma questão de geometria, buscando mostrar que eles passam despercebidos diante de nossos olhos, mas influenciam diretamente no ânimo e na tomada de decisões do ser humano. No entanto, eles não devem ser pensados como falhas morais ou dos quais devemos livrar-nos, o que não é possível. O que pode ser feito acerca dessas forças que nos levam a agir é entendê-las como coisas naturais e partes da Natureza, e estão tão sujeitos a leis naturais como a queda de uma pedra ou o curso de um rio.

Todos os afetos são derivados de três afetos primordiais: o desejo, a alegria e a tristeza. O desejo, vimos que está ligado ao *conatus*, esforço de perseverar na existência. Sua função é buscar por aquilo que nos faz passar de uma menor a uma maior perfeição, aumento de potência. O aumento de potência é a própria alegria, que faz o ser se expandir tanto quanto pode na existência e o coloca na posição de ação; do contrário, a diminuição da potência é a tristeza,

que retira o poder de ação, colocando o ser humano numa posição de passividade e, consequentemente, na servidão.

A condição humana inicial é de servidão, pois impera a impotência diante dos afetos, em que as paixões, como o medo e o ódio, arrastam-nos de um lado a outro. O que deriva das paixões são ideias inadequadas e confusas, e, por isso, colocam-nos em estado de tristeza. A aposta do filósofo é na razão, que pode guiar o ser humano em direção à produção de ideias adequadas, claras e que permitam a compreensão acerca do mundo à sua volta, levando-o ao que lhe é verdadeiramente útil.

O segundo capítulo é dedicado ao esforço realizado pelo ser humano em busca daquilo que lhe é útil, porém, antes, é preciso que ele se compreenda e se reconheça como parte da substância infinita e não como se fosse algo separado dela, como se fosse um império dentro de outro império, como diz Spinoza. Essa maneira de pensar, pois, leva-o a se entender como se fosse superior ao império da Natureza, da qual ele depende totalmente.

Ainda no segundo capítulo, enfatizamos sobre a afetividade humana como sendo a maneira pela qual os modos humanos vivem a tensão em afetar e serem afetados. É na vida social que os afetos circulam e que, principalmente, a tristeza circula com mais rapidez. Por isso, é fundamental a busca por aquilo que convém, que é útil para aumentar sua potência de agir, não mais sozinhos, porém aliados àqueles que buscam pela mesma coisa, juntam forças e são reciprocamente úteis.

Da afetividade humana surge também a tensão interna entre a figura do sábio e o ignorante. O primeiro é aquele que perpassou por todos os três gêneros de conhecimento: o primeiro da imaginação ou opinião; o segundo é o do estágio da razão; e o terceiro o da ciência intuitiva. Porém, ao desenvolver o último gênero, o sábio não se acomoda. Ele persevera na existência em busca de mais e mais conhecimento, sobre si e sobre o mundo em que vive; já o ignorante é aquele que permanece no primeiro gênero de conhecimento, ou seja, mantém-se preso na servidão de si, com seus afetos e na servidão dos outros, que lhe impõem uma maneira de viver.

No terceiro e último capítulo, examinamos sobre o conhecimento como a via que conduz à liberdade humana. O ser humano só se liberta quando se torna conhecedor das causas que o levam a agir. Ao tomar conhecimento disso, seu modo de pensar e agir é alterado, ou seja, ele se reconhece como um ser determinado pela Natureza, porém compreende que isso não é uma limitação, mas apenas um ponto de apoio para realizar muitas coisas no mundo e, a partir disso, ele se autodetermina, ele se apoia na necessidade do mundo para alcançar aquilo que ele pretende, visto que potente para tal empreendimento.

Ao se deixar guiar pela razão, compreendendo adequadamente as coisas, ocorre um aumento da potência de agir e, com isso, experimentamos a alegria que brota de nossa ação e do conhecimento. A beatitude é o último ponto de nossa exposição. É, nesse sentido, a alegria racional ou a felicidade, como diz Spinoza. É um amor sentido por nós ao conhecermos a necessidade da totalidade da Natureza e sua perfeição. Esse amor não é uma paixão, é uma alegria serena que nasce de nossa união intelectual com a totalidade da Natureza. Isso ocorre porque, para o filósofo, a mente é capaz de atingir o conhecimento adequado de Deus, que ocorre mediante o conhecimento intuitivo que culmina no amor intelectual de Deus. Nesse instante, é Deus vendo a si mesmo pelo intelecto humano, ou seja, quando o sábio atinge o terceiro gênero de conhecimento (intuição), ele experimenta a maior perfeição que a mente pode alcançar. Esse é o ápice do conhecimento intuitivo, pois nossa mente se une à ordem eterna de Deus e age de acordo com sua essência racional, fazendo-nos compreender a necessidade intrínseca a todas as coisas. É nesse processo que temos o potencial para alcançarmos a beatitude e a liberdade.

A *Ética* de Spinoza é um guia para a vida, mostrando que nem tudo convém a todos; o que é útil para uns é inútil para outros. A liberdade não é livre-arbítrio, é a capacidade de agir conforme a razão e produzir adequadamente nossas ações, e procurar pela felicidade na compreensão e no amor intelectual dispostas por todo Universo. Sua filosofia visa ao desvelamento da necessidade que há em todas as coisas, estimulando-nos a não murmurar, chorar ou ridicularizar, porém compreender e aceitar a realidade como ela é.

# 1 TUDO O QUE EXISTE ADVÉM DA SUBSTÂNCIA INFINITA, INCLUSIVE OS AFETOS HUMANOS

## 1.1 Existir é próprio da essência da substância infinita

Antes de adentrar no tema da pesquisa ao qual nos propomos, é importante ter em vista como se estrutura o raciocínio de Spinoza. É pelo conceito de substância que ele começa o desenvolvimento de sua filosofia, explicitando que tudo o que existe, inclusive a complexa natureza humana e seus afetos, deriva necessariamente de uma única substância infinita, que ele diz ser a Natureza/Deus. Com isso, ele demonstra a conexão intrínseca que temos com o Universo e a experiência individual que realizamos conforme nos voltamos para a compressão de sermos parte de um todo ordenado.

A obra na qual ele se propõe a discutir, de maneira central e sistemática, sobre o tema é *Ética demonstrada em ordem geométrica* (1675). A obra é dividida em cinco partes, sendo a primeira dedicada à explicitação acerca da substância infinita a qual chamará de Deus, sendo ela existente em si e por si, com infinitos atributos, e as demais coisas são finitas, ou seja, os seres humanos, os animais e todo o resto finito são expressões ou modos pelos quais Deus se exprime. A segunda parte explana sobre a Natureza e a origem da mente humana, do corpo humano e como se dá tal relação entre eles, bem como as diversas formas de pensar e conhecer a realidade. De modo geométrico, na terceira parte, explica a origem dos afetos, como surgem e interferem em nossa conduta, ou seja, Spinoza faz uma geometria das paixões, tratando-as “como se fosse questão de linhas, planos ou corpos”.<sup>1</sup> Na quarta parte, trata sobre a servidão humana, ou as forças dos afetos. Segundo ele, tais forças geram servidão por conta da “impotência humana para moderar e coibir os afetos”.<sup>2</sup> O que ele se propõe a demonstrar é a causa e “o que os afetos têm de bom ou de mau”.<sup>3</sup> Para finalizar, a quinta parte de *Ética* versa sobre a potência do intelecto, ou da liberdade humana,<sup>4</sup> expondo acerca da potência da razão e o que ela pode sobre os afetos e a via a ser seguida para se chegar à liberdade.

É pouco comum, quando se trata de Spinoza, depararmos com a expressão substância infinita, mas é comum a expressão “O Deus de Spinoza”. A proposta da parte I de *Ética* é justamente dar uma nova definição do que é Deus e qual é sua essência, concepção a qual difere

---

<sup>1</sup> SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; Marilena Chauí (coord.). São Paulo: Edusp, 2018. p. 235.

<sup>2</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 371.

<sup>3</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 371.

<sup>4</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 518.

totalmente da definição judaico-cristã de seu tempo e perpassa o tempo, e se mantém até os dias atuais. Para Spinoza, Deus não está separado do mundo, é o próprio mundo; não é transcendente, mas imanente.

A tradição o descreve como um rei, um grande legislador ou até como um ser humano, com sentimentos, vontades, um Deus colérico e possuidor de objetivos, e o ser humano passa a crer que tal ser o criou à sua imagem e semelhança, tendo desígnios para ele, um destino a se cumprir. A visão antropomorfizada deixa visível a ingenuidade para a compreensão acerca da essência das coisas, pois, se um triângulo pudesse definir Deus, ele o faria a partir de si. Aliás, não conhece nenhuma outra realidade que não seja a si mesmo. Dessa maneira, o triângulo diria que Deus tem três lados, e a soma de seus ângulos inteiros resulta em 180 graus. Da mesma maneira, faz o homem que, por desconhecimento em relação a Deus, diz que Ele pode tudo, vê tudo e que Ele deu ao ser humano mandamentos que não podem ser desobedecidos.

Para o filósofo, porém, Deus não se trata de uma entidade criadora que, separada do mundo, governa-o a distância, ditando e decidindo pelo mundo. Tal confusão é gerada, pois pensamos em Deus como imagem e semelhança do ser humano e, por isso, definir sua natureza é algo difícil de ser feito. A causa disso se deve tanto pelos teólogos, cujo objetivo é manter a obediência do povo através da fé, quanto pelos filósofos, que exigem que essa fé seja demonstrável.

É nesse sentido que Spinoza trará para a discussão o que entende por Deus. Ele diz que tal compreensão é errônea e que Deus é o próprio mundo, é a Natureza. A mesma coisa é dita por dois nomes diferentes, por isso é preciso conhecer a Natureza tanto quanto pudermos. Se quisermos chegar a conhecer Deus, tal conhecimento não é por completo, pois o finito contempla apenas uma parte do infinito, no entanto, ainda é possível conhecê-lo.

Ele não está fora do mundo, é causa interna de tudo o que existe, e, por ser anterior a tudo, é por ele que todas as coisas são concebidas e não por outra substância. “Além de Deus nenhuma substância pode ser dada nem concedida”,<sup>5</sup> fora dele, nenhuma substância é si mesma, pois todas as coisas estão ancoradas em uma única substância. Com isso, “Deus é causa imanente de todas as coisas, mas não transitiva”.<sup>6</sup> Não é pela vontade que Deus cria o mundo, Ele é o mundo pela necessidade de sua essência que envolve diretamente o existir e gera de si toda realidade.

Um dado curioso e que pode nos ajudar a pensar acerca do título da parte I de *Ética* é a análise que Spinoza faz da expressão “de Deus”. Ouve-se corriqueiramente dizer “palavra de

---

<sup>5</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 67.

<sup>6</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 81.



Deus”, “obras de Deus”, “maravilhas de Deus”, porém o filósofo mostrará que a expressão “de Deus” é utilizada pelo povo judaico para designar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana, ou seja, tudo o que o ser humano não pode compreender é dito como coisa “de Deus”. E esta é justamente uma das problemáticas de Spinoza, trazer à tona toda a falta de compreensão acerca das coisas e mostrar que é possível alcançar algum grau de compreensão quando há empenho para sair do simples ouvir dizer e ir além. A primeira parte, intitulada “De Deus”, pode ser uma forma de designar aquilo que, apesar de escapar de nossa compreensão completa, dada a finitude humana, não quer dizer que não se possa buscar a compreender em algum grau, dentro de tal finitude.

Apesar da comum expressão “Deus de Spinoza”, quando tomamos sua obra, notamos que ele não inicia a primeira parte de *Ética* dando uma definição nem de substância, nem de Deus. Ele começa trazendo sua compreensão sobre o que entende como aquilo que é causa de si mesmo e que não é gerado por outra coisa a não ser por ela mesma, mas não menciona que é a substância nem Deus. Dá, portanto, a entender que ambas as designações são apenas parte de um processo metodológico para falar sobre algo que escapa de nossa linguagem, pois ambos são muito mais do que possamos compreender ou ser nomeados. O termo substância aparece na III definição e só na VI é que ele vinculará o que havia definido como substância, ao que entende por Deus fazendo de ambos os sinônimos. Dessa maneira, ele toma o conceito filosófico de substância e depois o conceito de Deus a que se direciona a Teologia e que também se remete à tradição, principalmente pelo modo como escreve a palavra Deus, com a grafia do “D” em letra maiúscula.

Como seu trabalho, porém, é fazer uma análise a partir da Filosofia, ele parte do conceito de substância, em que expõe suas considerações a esse respeito, fazendo isso por meio da lógica, pois, na definição III da parte I, ele diz que entende por substância “aquilo que é em si e é concebido por si, isto é, aquilo cujo conceito não precisa do conceito de outra coisa a partir do qual deva ser formado”.<sup>7</sup> Quando ele usa a palavra “conceito”, voltamos ao que foi dito antes, ele fala de algo que não é nem substância, nem Deus ou, como ele mesmo diz, “aquilo”, afirmando o que entende por esse algo que causa a si mesmo. Ou seja, ele começa não nomeando esse ser que é causa de si, e diz, logo em seguida, que é uma substância e que ela dá existência a toda realidade, depois diz que o que se chama de Deus, conforme é dito pelas pessoas, nada mais é do que a própria substância concebida em si e por si, a qual, sem ela, nada existe nem pode ser concebido. Desse modo, uma vez que é causa de si mesma, ao causar-se,

---

<sup>7</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 45.

causa toda a existência, e parte de sua essência é exprimida nos seres e nas coisas criadas em todo Universo, tal substância é absoluta.

Temos com isso a definição formal de Deus, em que, ou existe um ser necessariamente infinito e que sustenta toda realidade, ou nada existe. Pois a existência de tal ser é um ato de sua afirmação, e o que constitui sua essência é o infinito em suas modalidades, que, não tendo causa, é “incausado”, é origem de si mesmo, é o único que existe em virtude de si mesmo, existe necessariamente numa relação inerente à sua essência. Tudo está contido em Deus, o mundo é o próprio Deus, que não foi por ele criado, mas existe por sua própria natureza, que envolve a capacidade de existir.

### 1.1.1 O entendimento percebe os atributos, porque os atributos são expressivos

Como substância infinita, dela se seguem infinitos atributos, estes são expressões da substância que se manifestam de variadas formas. A essência de tal absoluto é constituída de atributos infinitos e diferentes entre si. Temos conhecimento de apenas dois desses atributos (extensão e pensamento). Como tais atributos são infinitos e não os conhecemos todos, a essência é infinitamente complexa e diferenciada em qualidades infinitas. A substância infinita é uma potência de autoprodução de todas as coisas, por isso existência e essência são idênticas à sua potência infinita de existir em si e por si, e é dessa complexidade interna que ela produz a existência de todas as coisas. Pela identidade entre a existência, essência e potência, temos a eternidade como a “própria existência enquanto concebida seguir necessariamente da só definição da coisa eterna”.<sup>8</sup> Ou seja, é o ser no qual existência, essência e potência são idênticas. Assim, eternidade não diz respeito a um tempo sem começo e sem fim, mas sim à ausência do próprio tempo.

Se a substância existe por si e em si, pela força de sua potência que é idêntica à sua essência, sendo ela complexa infinitamente, bem como suas qualidades também o são, é evidente que somente pode haver uma única substância, pois “na natureza das coisas, não podem ser dadas duas ou várias substâncias de mesma natureza, ou seja, de mesmo atributo”.<sup>9</sup> Caso contrário, a substância infinita seria limitada por outra também infinita, e isso levaria a uma *reductio ad infinitum*. O universo é, portanto, constituído de uma única substância que é eterna, pois existir, ser e agir são nela uma só e mesma coisa. Spinoza diz que essa substância

---

<sup>8</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 47.

<sup>9</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 51.

é “Deus, ou seja, a substância que consiste em infinitos atributos, dos quais cada um exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente”.<sup>10</sup>

Ao fazer existir sua própria essência quando causa a si mesmo, Deus se exprime nas coisas singulares que ele faz existir, pela ação de sua potência infinita de autoprodução e, com isso, se ele é causa de si e de todas as coisas, podemos concluir que não poderia haver criação do mundo a partir do nada, pois o mundo é uma expressão da causalidade eterna de Deus. Por mais que as coisas existam temporalmente, elas passam de uma forma a outra sem cessar, e cada uma retorna a substância conforme seu atributo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que há duas maneiras de ser e existir, sendo a primeira vinculada à substância e seus atributos e a segunda aos efeitos dela, cabendo então fazermos a distinção entre o atributo e o modo que correspondem respectivamente. Um atributo é definido como “aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela”.<sup>11</sup> Como a substância é infinita, segue-se que há uma infinidade de atributos incompreensíveis para o intelecto humano.

Vale ressaltar que um atributo não é um ponto de vista particular pelo qual as coisas são vistas de um aspecto subjetivo, mas se deve considerar que, quando Spinoza ressalta que “o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela”,<sup>12</sup> esse constituir é uma conexão direta com a substância infinita e, com isso, podemos considerar que tal substância tem dois ou mais atributos que equivalem à sua essência e, mesmo assim, podem ser compreendidas de formas diferentes. Se tomarmos como exemplo duas pessoas que tenham conhecimento da natureza de uma coisa, ambas não fornecem a mesma explicação a respeito desta, mas, sim, de maneiras diferentes. Um atributo é justamente aquilo que é atribuído à realidade pelo intelecto. Dizer que existem dois atributos é afirmar que temos a possibilidade de conhecer o mundo de duas perspectivas distintas (mental e materialmente) sobre a mesma realidade. Os atributos funcionam como lentes que possibilitam que nossa mente apreenda a unidade da realidade, a substância.

---

<sup>10</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 59.

<sup>11</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 45.

<sup>12</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 45.

### 1.1.2 Os modos são manifestações dos atributos da substância infinita

Vimos que a única realidade existente é da substância infinitamente infinita, possuidora de infinitos atributos, porém conhecemos dois atributos pelos quais apreendemos a realidade. A partir desses atributos da substância, temos os modos ou modificações dela, que é onde está situado o ser humano. Portanto, os modos dizem respeito às coisas particulares, individuais e concretas que podemos perceber no mundo, convivemos então com muitos modos de Deus. No entanto, é crucial, no que tange à existência, entender que os modos não a têm em sua essência, ou seja, não existem por si, pois sua existência depende da substância.

Retomando a ideia de que tudo está contido em Deus e de que o mundo não foi criado por ele, mas existe pela sua natureza que envolve existência, nesse sentido, podemos dizer que a existência dos modos não é algo que se segue de sua própria natureza, assim como no caso da natureza da substância infinita, pois os modos não podem causar a si mesmos. A esse respeito diz Spinoza que “a essência das coisas produzidas por Deus não envolve existência”.<sup>13</sup> Isso se torna claro conforme seguimos o raciocínio do filósofo, pois se Deus é causa de si, somente Ele pode ter em sua essência a existência, pois ambas se implicam mutuamente e, uma vez que as coisas produzidas por Deus não envolvem existência, não podem ser causa de si, pois não são substâncias.

Nota-se, com isso, a total dependência que os modos ou as coisas particulares têm para com a substância infinita, pois, para que passem a existir e perseverem na existência, a causa originária está em Deus, pois é Ele o produtor de toda realidade que advém de sua natureza. Os seres humanos são modos da substância, mas isso não significa que vivemos em um mundo irreal ou que nada existe. O que o filósofo está expondo é que essa substância é a única existente, e como dependemos dela para existir, não existimos da mesma maneira que ela, que causa a si mesma. Dito de outra forma, os modos não podem ser tidos como envolvendo existência, pois isso é algo que pertence à essência da substância infinita. Se fosse de outro modo, isto é, se os modos fossem causa de si mesmos, estariam no mesmo patamar da substância, e essa equivalência implicaria a existência de duas substâncias, e isso é inconcebível para Spinoza.

Sobre a dependência do modo, no que tange à sua existência, o filósofo holandês explicita, na definição 5 da parte I de *Ética*: “Por modo entendo afecções da substância, ou seja, aquilo que é em outro, pelo qual também é concebido.”<sup>14</sup> Retomando a ideia dessa definição, de que o modo é aquilo que está contido na substância infinita, deduz na proposição 15: “Tudo

---

<sup>13</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 89.

<sup>14</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 45.

que é, é em Deus, e nada sem Deus pode ser nem ser concebido”.<sup>15</sup> O modo é em outro, não pode ser concebido por si e depende totalmente da substância, e sua essência é também produzida por Deus, como veremos na proposição 25: “Deus é causa eficiente não apenas da existência das coisas, mas também da essência”.<sup>16</sup> No corolário dessa mesma proposição, ele faz uma definição das coisas particulares, dizendo: “As coisas particulares nada são senão afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos, pelos quais os atributos de Deus se exprimem de maneira certa e determinada”.<sup>17</sup> Dizer que os atributos se exprimem pelos modos, de maneira certa e determinada, significa dizer que são eles que dão a determinação aos modos, ou seja, são os atributos que determinam como os modos operam na existência.

A esse respeito, na proposição 26, Spinoza deduz sobre a determinação das existências que passam a existir a partir de Deus, e diz que “uma coisa que é determinada a operar algo, assim foi determinada necessariamente por Deus; e aquela que não é determinada por Deus não pode determinar-se a si própria a operar”.<sup>18</sup> Em seguida, na abertura da demonstração da mesma proposição, ele começa afirmando que “aquilo pelo que as coisas são ditas determinadas a operar algo é necessariamente um positivo”.<sup>19</sup> Essa observação é feita para dizer que a determinação não é de caráter negativo, pois Deus é a causa eficiente da essência e da existência dos modos, isto é, a potência de existir e operar das coisas particulares são dadas por ele e não por elas mesmas, pois, se assim o fosse, os modos seriam substâncias.

É nesse sentido que devemos nos recordar do termo coação ou coagido, presente na definição 7 da primeira parte de *Ética*. O termo coação se diz em relação às coisas singulares, determinadas por outro e não por si mesmas. Não é de sua essência determinar sua existência, essa determinação pertence somente a Deus, que é livre por si. Em *A nervura do real I*, Chauí escreve:

A causa de si, livre e primeira, age sem ser constrangida por nada e por ninguém, sem ser determinada por causas extrínsecas ou intrínsecas, e sua espontaneidade necessária produz efeitos que, estes sim, estão determinados pela causa a operar de maneira certa e determinada. Enquanto no ser absolutamente infinito a necessidade de natureza é potência ativa livre, nos modos particulares, a necessidade da causa determina aquilo que a tradição sempre designou como natura, isto é, as operações que uma coisa está determinada a realizar.<sup>20</sup>

<sup>15</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 67.

<sup>16</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 89.

<sup>17</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 91.

<sup>18</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 91.

<sup>19</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 91.

<sup>20</sup> CHAUI, Marilena. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. (v. 1 - Imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 885.

As operações realizadas pelas coisas particulares, no entanto, dependem do existir que é determinado por Deus por meio de seus atributos, dos quais só conhecemos o pensamento e a extensão. Não se pode pensar, porém, que os modos são como objetos meramente manipuláveis e coagidos pela potência infinita, que os definiria como coisas totalmente passivas. Já que a operação é uma das atividades próprias das coisas finitas, com um caráter limitado em comparação com o agir livre da substância, que não está não sujeita a nenhum tipo de coação. No caso dos seres humanos, apesar de sua limitação como modo finito, ele pode muito, dentro da pequena parcela de existência sustentada por Deus. Com isso, é fundamental compreender a distinção entre agir e operar, para compreender a diferença entre liberdade divina e humana, conforme explica Chaui:

A distinção entre *agere* e *operare* funda-se na distinção entre o que é necessário por essência e o que é necessário pela causa, e exatamente por isso, quando se tratar da liberdade do modo finito humano, Espinosa buscará na essência desse modo (em seu *conatus*) o que lhe permite agir segundo sua própria essência e ser causa adequada.<sup>21</sup>

Assim, o modo finito para que se torne causa adequada em seu agir deve fazê-lo através de sua essência, ou seja, do *conatus*, passando pelo processo de ter consciência de si, das coisas e de Deus, pois é esse processo que possibilitará que o modo finito, mais especificamente em se tratando do ser humano, consiga alcançar a liberdade; tema discutido pela quinta parte de *Ética*.

Dando continuidade à exposição sobre a determinação que os atributos dão aos modos finitos de operar na existência, a proposição 27 mostra que “uma coisa que é determinada por Deus a operar algo não pode tornar-se a si própria indeterminada”.<sup>22</sup> Essa proposição mostra o caráter necessário com que os modos finitos operarão. Não há como escapar do que foi estabelecido necessariamente. Nesse sentido, a demonstração dessa mesma proposição evoca o axioma terceiro, onde está explicitado que “de uma causa determinada dada segue necessariamente um efeito; e, ao contrário, se nenhuma causa determinada for dada é impossível que siga um efeito”.<sup>23</sup> A noção de causa determinada apresentada pelo axioma mostra que um modo determinado a operar não pode deixar de produzir necessariamente um efeito, todas as coisas na Natureza têm uma causa determinada, conforme diz Chaui: “Uma coisa particular, isto é, uma afecção ou um modo de um atributo de Deus, só opera determinada pela ação de sua causa eficiente”.<sup>24</sup> A partir daí, compreendemos a maneira que os modos

<sup>21</sup> CHAUI, *A nervura do real*, p. 885.

<sup>22</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 91.

<sup>23</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 47.

<sup>24</sup> CHAUI, *A nervura do real*, p. 885-886.

operam e o motivo de serem considerados partes da Natureza sendo regidos por determinadas leis.

Os modos (modificações) são coisas que não podem existir de maneira independente. Sua existência depende de alguma outra coisa, porém não estão confinados à lógica de propriedade e relações, eles estão no âmbito de coisas individuais. Todas as coisas são modos da substância infinita, sua existência depende de algo externo. Nesse sentido, a existência humana depende de algo exterior. Não dependemos de nós mesmos, e, se existimos, isso se deve ao poder de algo exterior a nós. A partir disso, devemos notar que, ao falar de modo ou modificações, estamos nos referindo a algo muito amplo. Não se trata apenas do ser humano, mas, sim, de todas as coisas existentes; todas elas são modos pelos quais Deus se exprime. É preciso também distinguir, como faz Spinoza, entre modos finitos e modos infinitos, estes últimos se referem às infinitas modificações da substância que, por sua vez, manifestam-se no modo finito.

Tal manifestação se dá pelo *conatus*, que não é a mesma potência de Deus, mas um grau dessa potência. É uma força que tende a se manter na existência, é uma força de autoconservação; no caso do ser humano e dos animais, buscam evitar a morte a todo custo. Em relação ao ser humano, a morte aqui não é somente o deixar de existir nesta realidade da qual temos consciência, mas como aquilo que baixa nossa potência de agir, que nos deixa tristes e que tem efeito próximo ao da morte ou de uma doença que tende a destruir o corpo, baixando consideravelmente a força do *conatus*. Este é a força que nos mantém sempre em direção à vida, sendo ele o ato mais elevado de nossa potência.

## 1.2 É próprio do *conatus* perseverar na existência e não passar a existência<sup>25</sup>

Junto à noção de substância infinita, outro conceito muito importante na filosofia de Spinoza é o de *conatus*, presente em todo pensamento que permeia sua obra *Ética*. Segundo Chauí, trata-se de um:

Termo latino que significa esforço de, ou esforço para; na filosofia do século XVII, é usado a partir da nova física que, ao apresentar o princípio de inércia (um corpo permanece em movimento ou em repouso se nenhum outro corpo atuar sobre ele modificando seu estado), torna possível a ideia de que todos os seres do universo

---

<sup>25</sup> É próprio do *conatus* das coisas perseverar na existência e não passar a existência, porque o *conatus*, de um modo particular, é responsável pela autopreservação dele, para que ele se mantenha na própria existência, por isso, não é de sua natureza ser causa da existência de outro modo da substância. O *conatus*, de um modo particular, não cria ou dá origem a algo novo. No entanto, dar origem a algo novo é consequência do *conatus* da substância infinita que o produz.

possuem a tendência natural e espontânea à autoconservação e se esforçam para permanecer na existência.<sup>26</sup>

Como modos singulares finitos, não existimos por nós mesmos, mas como parte da essência de Deus que é causa de si e que necessariamente existe, sua existência é causa de toda realidade. Porém temos um grau de potência natural, a autoconservação na existência e que nos faz agir. Segundo a terminologia do século XVII, Spinoza a aplica ao ser humano. Tal potência é o *conatus*. Conforme Chauí:

É a potência interna de autopersistência na existência que toda essência singular possui porque é expressão da potência infinita da substância. Os humanos, como os demais seres singulares, são *conatus*, com a peculiaridade de que somente os humanos são conscientes de ser uma potência ou um esforço de persistência na existência. O *conatus*, demonstra Espinosa na Parte iii da *Ética*, a essência atual do corpo e da mente. Mais do que isto. Sendo uma força interna para existir e conservar-se na existência, o *conatus* é uma força interna positiva ou afirmativa, intrinsecamente indestrutível, pois nenhum ser busca a autodestruição. O *conatus* possui, assim, uma duração ilimitada até que causas exteriores mais fortes e mais poderosas o destruam. Definindo corpo e mente pelo *conatus*, Espinosa os concebe essencialmente como vida, de maneira que, na definição da essência humana, não entra a morte. Esta é o que vem do exterior, jamais do interior.<sup>27</sup>

O *conatus* é uma força de autoconservação, mas é também de afirmação de si mesmo. É uma potência que constitui o modo finito no estado atual da essência de uma coisa singular, por isso afirma sua essência perseverando na existência. Assim, o esforço de “persistência” no ser não tende para a autodestruição, a menos que sua afirmação encontre outro *conatus* que lhe seja mais potente e chegue a destruí-lo, pois “nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa externa”.<sup>28</sup> É nesse sentido que o *conatus* humano deve produzir seu esforço para poder durar e continuar na existência, uma vez que entramos em contato com muitos corpos que fazem nossa força de perseverar no ser oscilar constantemente.

O ser humano se afirma na vida, no decorrer dos encontros, visto que nossa força seja cada vez maior ou se mantenha nesse estado. Já a diminuição de tal força nos leva a um grau de destruição que podemos perceber quando nos sentimos desanimados, depois que algo nos desmotiva. A partir daí, todos os pensamentos e ações estão comprometidos a serem guiados por essa baixa potência, porém outro modo de falarmos acerca da destruição que decorre da diminuição dessa força é quando encontramos um *conatus* ou vários tão fortes que, operando em baixa potência, levam-nos à destruição total, ou seja, a morte.

<sup>26</sup> CHAUI, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 2005. (Logos). p. 99.

<sup>27</sup> CHAUI, Marilena. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 84-85.

<sup>28</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 249.



Vale ressaltar, contudo, que a morte de si não surge no interior do *conatus*, é sempre dada por uma causa externa, uma vez que “a definição de uma coisa qualquer afirma, e não nega, a essência da própria coisa; ou seja, põe, e não tira a essência da coisa”.<sup>29</sup> Não há nada na coisa, no ser humano que possa ser causa de sua própria destruição, no entanto, fora, externamente, há muitas possibilidades.

A permanência na existência, ou melhor, a “perseveração” nela requer que recolhamos tudo quanto for possível que contribua para que o *conatus* possa ser fortalecido e se mantenha elevado em relação à sua potência. Portanto, buscando tudo aquilo que for útil e bom para a mente e para o corpo, tenha potência suficiente em seu processo de afirmação na existência e, quando mais o ser humano afirma a vida, mais se torna livre, e mesmo com todas as oscilações de sua vida, alcança a felicidade.

Útil e bom é uma atividade que contribui para o aumento e o fortalecimento do *conatus* na existência. Bom e mau é uma questão que corresponde ao que Spinoza define como bem e mal. Por bem ele diz que o entende como “aquilo que sabemos certamente nos ser útil”;<sup>30</sup> enquanto o mal, como “aquilo que sabemos certamente impelir que sejamos possuidores de um bem qualquer”,<sup>31</sup> isto é, o bem corresponde a tudo aquilo que aumenta a potência de existir, já o mal é tudo aquilo que diminui a potência de existir. Tais conceitos são subjetivos e não absolutos, porque cada ser humano percebe a realidade de perspectivas diferentes, pois o que é um bem para uma pessoa pode ser considerado um mal para outra.

Vale ressaltar que um bem é assim considerado por um tempo determinado, não segue sempre sendo um bem, ele pode converter-se em mal. Por exemplo, um amigo que sempre foi considerado ser um bem para o outro o foi por um determinado tempo, depois, ao invés de permanecer como um bem passou a ser considerado um mal, por determinada ação que fez por considerar um bem, já o outro amigo considerou ser um mal. Por fim, a potência de um diminuía em relação à potência do outro, e a tendência natural foi o afastamento daquilo que só contribuiu para enfraquecimento do *conatus*.

Uma coisa considerada boa por nós é aquela que traz consigo algo que compõe com nosso *conatus*. O oposto disso é algo mau, pois é contrário a nós, um mau encontro decompõe. Podemos notar que, na vida afetiva do ser humano, há um esforço para manter presente o que é bom, que compõe com nossa natureza. Da mesma maneira, há um esforço para afastar aquilo que decompõe, pois, desse modo, somos guiados na existência. Não há um ser humano que

---

<sup>29</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 249.

<sup>30</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 379.

<sup>31</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 379.

busque algo que lhe cause tristeza, mas, pelo contrário, buscamos sempre algo que nos mantenha firmes na existência e sempre em estado de alegria.

É nessa atividade, é nesse esforço da mente e do corpo de evitar o que nos faz mal e fortificar relações que façam bem, que chegamos à definição do ser humano para Spinoza. Para ele, a essência do ser humano é o desejo, pois “entre apetite e desejo não há nenhuma diferença senão que o desejo é geralmente referido aos homens enquanto são cômicos de seu apetite”,<sup>32</sup> isto é, desejo é o próprio apetite conforme temos consciência dele. Desse modo, desejar é uma atividade intrínseca ao *conatus*, atividade realizada não somente pelo corpo, mas também pela mente.

É pelo *conatus*, portanto, que se dá o surgimento do apetite, e, a partir dele, germina-se o desejo que impulsionará o ser humano. Com isso, vemos surgir o primeiro dos afetos, que, junto com a alegria e a tristeza, gera todos os outros afetos. Estes moldam nossa maneira de agir, pois fazem parte de nossa natureza e, conforme vivemos, eles estão presentes. Tanto a alegria quanto a tristeza significam, respectivamente, aumento e diminuição da capacidade do ser humano de pensar e agir. O desejo pode ser entendido como sendo a potência de agir, que, ao assumir uma maneira de perseverar na existência e no ser, tal esforço pode repelir o que for contra ele e esforçar-se mais ainda para manter aquilo que o favorece.

Podemos dizer que as emoções mais fortes provêm da alegria, do resultado de nosso aumento de potência; do contrário, provêm da diminuição de nossa potência as emoções mais fracas, provêm a tristeza. A vida afetiva do ser humano é constituída de alegrias e tristezas, por isso é preciso compreender claramente e estar atento aos fatores externos com os quais mantemos relação e que nos afetam, pois isso nos faz experimentar a alegria. Compreender nos coloca na condição de ser causa adequada daquilo que compreendemos. Com isso, temos o seguinte movimento, na transição de um nível de perfeição menor (tristeza) para um maior (alegria), a alegria fortalece o *conatus*, e a tristeza o enfraquece, e pode ser letal em determinadas situações.

Fazemos parte de uma cadeia de acontecimentos infinitos, já que existimos em Deus e participamos de sua existência infinita, e temos um grau de potência, um grau de intensidade que advém de sua potência. Desse modo, ainda que limitados, somos parte da extensão e do tempo da potência infinita de Deus:

Quando o modo passa à existência é que uma infinidade de partes extensivas são determinadas do exterior a entrar sob a relação que corresponde à sua essência ou a seu grau de potência. Então, e só então, esta essência é determinada como *conatus* ou

---

<sup>32</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 255.

apetite (Ética, III, 7). Ela tende com efeito a perseverar na existência, isto é, a manter e a renovar as partes que lhe pertencem sob a sua relação (primeira determinação do *conatus*, IV, 39). O *conatus* não deve ser principalmente compreendido como uma tendência a passar à existência: precisamente porque a essência de modo não é um possível, porque é uma realidade física que não carece de nada, ela não tende a passar à existência. Mas ela tende a perseverar na existência, já que o modo é determinado a existir, isto é, a subsumir sob a sua relação uma infinidade de partes extensivas. Perseverar é durar; também o *conatus* envolve uma duração indefinida (III, 8).<sup>33</sup>

Podemos dizer que todos os seres têm naturalmente uma potência para sua autoconservação, o que Spinoza chama de *conatus*. Assim, todos os seres são indivíduos por terem *conatus*, pois têm uma força interna que os faz buscar sempre conservar seu estado e permanecer na existência. Assim como os outros seres, nós, humanos, somos dotados de *conatus*, ou melhor dizendo, somos o *conatus*, pois diferente deles, somos conscientes de que temos uma força interna que nos faz perseverar na existência.

Como ressalta Deleuze, “o *conatus* não deve ser [...] compreendido como uma tendência a passar à existência [...]. Mas ela tende a perseverar na existência, já que o modo é determinado a existir”.<sup>34</sup> Não passamos à existência, pois, se vivemos, vivemos em Deus, e nossa existência depende dele. Porém, como *conatus*, temos a capacidade de agir para perseverar em nosso ser, que é uma pequena parte finita da potência infinita da substância. Quando criamos condições para perseverar na existência, é o *conatus* buscando meios que contribuam para manter o aumento de nossa potência, pois “cada coisa, o quanto está em suas forças, esforça-se para perseverar em seu ser”.<sup>35</sup>

A conexão do corpo e da mente também é *conatus* que se dá pela expressão de dois atributos diferentes, expressando-se simultaneamente. Ambos podem ser afetados e afetar, mas conforme seu contato com o mundo se desenvolve, corpo e mente passam por alterações que buscam, a todo custo, evitar a diminuição de sua força. Porém, quando essas situações ocorrem, ambos gravam tais informações, e todas as vezes que situações parecidas ocorram, levarão ambos a aprender a tirar dessas situações algo que possa ser transformado em aumento de potência. Isso permite que o corpo e a mente possam agir de novas maneiras.

Vale ressaltar que, para o *conatus*, a única finalidade é perseverar na existência. É comum a todo ser vivo resistir em si até que algo mais forte o destrua. Não há em nós uma força de autodestruição, há um querer sempre latente de buscar pela vida. Assim como o *conatus* é próprio de nossa constituição, outra face da mesma moeda é o desejo, que, segundo Spinoza, é nossa essência.

<sup>33</sup> DELEUZE, Gilles. *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 104.

<sup>34</sup> DELEUZE, *Espinoza*, p. 104.

<sup>35</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 251.

Desejo e *conatus* atuam juntos. Há alegria quando o desejo aumenta e há tristeza quando o desejo diminui, quando é constrangido por forças externas. Ambos os afetos são geradores de todos os demais e, por isso, são chamados de afetos primitivos. O ódio, o amor, o contentamento, etc., são as consequências de nosso comportamento e não a causa. O desejo não se volta ao exterior para buscar um objeto, ele quer a si mesmo, ou seja, o ser humano é uma vida que quer a si mesma, criando condições em sua realidade para se expandir, e cabe a ele selecionar, dentre todas as possibilidades que lhe aparecem, aquelas que contribuam na perseverança em seu ser. A todo instante, pois, somos preenchidos ainda que por tristeza e, por isso, é importante que tenhamos capacidade de preencher-nos de alegria.

O *conatus* é a força que impulsiona para alcançar aquilo que o desejo coloca como objeto a ser alcançado em vista de aumentar sua potência, conforme diz Deleuze:

Os afetos-sentimentos (*affectus*) são exatamente as figuras que o *conatus* assume quando é determinado a fazer isto ou aquilo, por uma afecção (*affectio*) que lhe sobrevém. Estas afecções que determinam o *conatus* são causa de consciência: o *conatus* tornado consciente de si sob este ou aquele afeto chama-se desejo, sendo este sempre desejo de alguma coisa (III, def. do desejo).<sup>36</sup>

É preciso, porém, entender o que o *conatus* assume para aumentar nossa potência, pois bom é tudo aquilo que aumenta nossa força e mau tudo o que a diminui, mas as coisas não são boas ou más em si, e, nesse sentido, podemos ser enganados. Tal engano é causado pela imaginação, que nos leva a acreditar que, em dadas situações, nossa potência aumenta, porém, quando analisamos racionalmente, quando tomamos outra perspectiva, o resultado que temos é a diminuição de nossa força. Isso esbarra em outro ponto da filosofia de Spinoza: a servidão.

Quando não entendemos o que de fato afeta a variação de nossa potência, a servidão nos faz buscar por algo como se fosse nossa liberdade. O foco sai da busca interior e passa para a exterioridade e, com isso, gera-se uma confusão entre ambos, pois, ainda que enfraquecidos, seguimos nos esforçando para conquistar nossa liberdade e afastar a tristeza.

A servidão gera inúmeras consequências, tanto em nossa vida individual quanto intersubjetiva, entre elas, do lado individual, confundimos exterioridade com interioridade, colocando-nos em contradição com nós mesmos, fazendo-nos perder a referência em relação ao *conatus*, e nos faz tender para a destruição, como é o caso do suicídio. No suicídio, é perceptível haver uma força interna que busca a vida, que se recusa a utilizar-se de sua própria força para se autodestruir, porém o exterior pode tender a ser mais forte e chegar a destruir um *conatus*. Em relação com os demais, na dimensão intersubjetiva, tememos e odiamos, tornamo-

---

<sup>36</sup> DELEUZE, *Espinosa*, p. 104-105.

nos contrários aos demais e entramos num estado de luta de todos contra todos. A satisfação dos desejos é procurada a todo custo, mesmo que, para isso, seja preciso destruir o outro, tido como um obstáculo.

Cada corpo responde de uma forma diferente quando é afetado por outro, responde de acordo com o que sua essência pode, pois temos de considerar que cada corpo tem sua própria história, seus encontros vão lhe moldando, deixando marcas e o transformando-o no decorrer de sua existência. É isso que o faz agir de muitas maneiras. Isso também ocorre em sua forma de conhecer o mundo e aprender mais sobre ele. Nesse sentido, o *conatus* não aumenta quando eliminamos as paixões, e isso nem é possível, mas aumenta quando fazemos bom uso delas, quando sabemos lidar com elas para que nos favoreça.

### **1.3 O desejo é a própria essência do ser humano como possuidor de esforço, volição, apetite, formando e fazendo o *conatus* assumir um rosto**

No fim da parte III de *Ética*, encontramos as definições dos afetos. Não se trata de uma lista que se encerra nessas páginas. Spinoza faz a definição de apenas alguns dos principais afetos. Entre estas, temos a definição da essência humana, vinculada a um afeto pertencente a uma “composição de três afetos primitivos: Desejo, Alegria e Tristeza”.<sup>37</sup> Ele inicia dizendo que “o Desejo é a própria essência do homem enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer”.<sup>38</sup>

Podemos perceber a importância e a necessidade do desejo, não como uma imperfeição ou falta humana, mas como capaz de exprimir nossa natureza de diversas formas. Essa noção está vinculada à forma como Spinoza entende a existência individual, em que cada um é marcado por uma maneira de fazer algo por sua própria conservação. Nesse sentido, é o próprio *conatus* que impulsiona para a afirmação do próprio ser, tornando-se consciente de si mesmo no ser humano.

A afirmação da existência humana se dá, desse modo, pela dinâmica de uma potência que se orienta pelo que lhe favorece em sua autoconservação, pelo que lhe parece útil; e o suporte dessa afirmação se dá pelo desejo. Porém vale ressaltar que o desejo não exprime totalmente nossa natureza, pois é preciso distinguir, entre os afetos, aqueles que são paixões, que se dão por causas exteriores, e os afetos ativos, que procedem dos desejos ligados à afirmação de si mesmo.

---

<sup>37</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 337.

<sup>38</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 339.

A essência de nosso corpo e de nossa alma é o *conatus*. Ele é uma força interna, positiva e afirmativa que nos mantém conservados na existência e é intrinsecamente indestrutível (no que diz respeito à sua perseverança na existência, não é do *conatus*, ou seja, não é de nenhum ser a busca por autodestruição). No entanto, apesar de ter uma duração ilimitada, quando é atingido por causas exteriores que lhe são mais fortes e poderosas, ele pode ser destruído. Sua destruição não vem do interior, mas do exterior. Um exemplo disso é quando estamos doentes. Nosso corpo busca, de todas as formas, combater a doença que nos acomete e faz de tudo para manter sua preservação. O *conatus* entendido como corpo e mente é essencialmente a própria vida e a luta contra a morte.

*Conatus* se chama apetite no corpo e desejo quando se refere à mente (psíquico, espírito), por conta disso, quando Spinoza diz que a essência do homem é desejo, ele quer dizer que se trata da consciência que temos em relação ao que se chama apetite no corpo. Ao dizer que somos formados por apetite e desejo, “é dizer que *as afecções do corpo são afetos da alma*”.<sup>39</sup> Ou seja, essas afecções são imagens resultantes dos efeitos que elas causam em nós. É algo subjetivo causado pela exterioridade. Diz respeito a um processo que se passa em nós e não corresponde à verdadeira natureza do objeto que produziu tais efeitos; do contrário, na alma, os afetos se realizam como ideias, como um ato intelectual de íntima conexão com a essência de um ser, devido ao conhecimento de sua causa e que ligam necessariamente a outras ideias; portanto, temos uma relação afetiva entre corpo e alma, e destes com o mundo.

Ao entrarmos em contato com o mundo, não nos mantemos intactos diante dele. Somos modificados pelos objetos à nossa volta. Assim, o desejo passa pela flutuação<sup>40</sup> durante tais relações, passando por uma atualização constante em que pode ser preenchido de alegria, quando um encontro o favorece, ou de tristeza, quando é constrangido. Ele nunca será somente alegria ou tristeza, passará sempre por modificações.

O desejo almeja o aumento de sua potência, a ponto de chegar a tornar-se ele mesmo sua causa e, por isso, busca por bons encontros compostos de objetos e pessoas. Podemos também dizer que sua virtude é sua própria potência de desejar<sup>41</sup> o que lhe é próprio, ou seja,

---

<sup>39</sup> CHAUI, *Espinosa*, p. 59.

<sup>40</sup> Quanto a esse termo, preferimos utilizar o próprio termo empregado pelo filósofo e não substituir pelo termo “ambivalência”. Nesse sentido, flutuação de ânimo está ligada a um estado da mente, é a oscilação que ocorre quando, em uma mesma coisa, está algo que simultaneamente nos causa alegria e tristeza. “Se imaginamos que uma coisa que costuma nos afetar com um afeto de Tristeza tem algo semelhante a uma outra que costuma nos afetar com um igualmente intenso afeto de Alegria, nós a odiaremos e a amaremos simultaneamente” (SPINOZA, *Ética*, p. 265).

<sup>41</sup> A potência de desejar nada mais é do que a força de existir, de perseverar na existência. Essa força está diretamente ligada ao *conatus*, como uma disposição para que experimentemos os afetos alegres e, com isso, ampliemos a potência de agir. O ser humano potente é aquele que é de ultrapassar todas as barreiras estabelecidas pela convenção social, pela moral estabelecida, não se deixando conduzir pelo que diz a multidão. A virtude desse

causas adequadas que estão alinhadas com a mente infinita de Deus, pois “todos os apetites ou desejos são paixões apenas enquanto se originam de ideias inadequadas; ao passo que os mesmos são associados à virtude quando excitados ou gerados por ideias adequadas”.<sup>42</sup> Isso ocorre porque as ideias inadequadas são aquelas que não conseguimos ou cuja causa conhecemos parcialmente, e tais ideias pertencem somente aos seres humanos; não há ideias inadequadas em Deus. Em Deus, há ideias adequadas, e temos possibilidade de ter tais ideias quando somos capazes de conhecer verdadeiramente a causa de um evento. Essas ideias pertencem à mente infinita de Deus, o qual só pode gerar tais ideias devido à sua natureza regida pela necessidade.

Não se pode dizer que o desejo tem um objeto, pois ele é nossa essência que, assim como a essência da substância infinita, é um campo de possibilidades que se desdobra constantemente e, quando mais o faz, mais possibilidades cria em si mesmo, ampliando, assim, sua capacidade de ser afetado e também afetar. Desse modo, o desejo busca identificar-se consigo mesmo, não tem por finalidade a exterioridade, mas ele mesmo. Nesse exercício constante, ele se torna mais forte e pode agir mais adequadamente com o auxílio da razão, que lhe apresenta objetos que podem torná-lo mais potente e mais forte, tornando a razão um afeto e os desejos racionais, porém isso só é possível se ele estiver disposto a se deixar afetar por tais objetos.

#### **1.4 A passagem de uma menor para uma maior potência e vice-versa caracteriza os afetos**

Ao falar sobre os afetos, Spinoza procura nos mostrar que é preciso compreendê-los para utilizarmos-nos deles de forma a nos tornarmos mais potentes. As duas expressões de Deus, as quais conhecemos (pensamento e extensão), aumentam sua potência simultaneamente: a mente para pensar e existir, o corpo para aumentar sua capacidade de sentir, de modo a aproximar-se da substância infinita.

Na parte III de *Ética*, ele diz que entende por afeto “as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções”.<sup>43</sup> O corpo, além de sua materialidade, composto

---

*conatus*, desse ser humano, dá-se quando seu esforço, sua potência de agir, é bem-sucedida mesmo com todas as dificuldades que surjam e até mesmo com a morte. É virtuoso aquele é capaz de ultrapassar todas as barreiras que limitam a vida e seu fluxo constante.

<sup>42</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 529.

<sup>43</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 237.

por um conjunto de partes moles e duras, por átomos, tecido e órgãos, é também potência em ato, é força de existir. Sabemos o que é um corpo, mas Spinoza diz que “ninguém até aqui determinou o que o Corpo pode”.<sup>44</sup> Conforme diz Deleuze:

Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo. Propõe-lhe instituir o corpo como modelo: “Não sabemos o que pode o corpo...”. Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e de seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo, de dominar o corpo e as paixões – mas *nós nem sequer sabemos de que é capaz um corpo*.<sup>45</sup> Porque não o sabemos, tagarelamos.<sup>46</sup>

Afetar e ser afetado é o que pode o corpo, pois é pelos encontros que faz com outros corpos que surgem as afecções. Somos seres relacionais, não podemos escapar das relações com outros corpos e, quando sentimos suas afecções, ao sermos afetados por outros corpos, passamos por uma alteração em nossa potência que tende a aumentar ou diminuir. Das afecções advêm os afetos, que se dão num processo de transição. Segundo Chauí:

A virtude do corpo é poder afetar de inúmeras maneiras simultâneas outros corpos e ser por eles afetado de inúmeras maneiras simultâneas, pois, como vimos, o corpo é um indivíduo que se define tanto pelas relações internas de equilíbrio de seus órgãos quanto pelas relações de harmonia com os demais corpos, sendo por eles alimentado, revitalizado e fazendo o mesmo para eles.<sup>47</sup>

Como dissemos, quando nos relacionamos com outros corpos, ou seja, com o mundo, passamos pelo processo de aumento e diminuição de nossa capacidade de agir. Desse modo, um afeto de alegria ocorre quando passamos de “uma perfeição menor a uma maior”,<sup>48</sup> que nos leva a agir no mundo. Isso ocorre quando nosso corpo encontra outro com o qual combina, por conta das propriedades que nosso corpo encontrou no outro e que compõe com as nossas.

Ressaltamos que, quando falamos de encontro, não estamos nos referindo somente entre a relação de duas pessoas, mas encontro é todo contato que nosso corpo tem com o mundo do qual fazemos parte. Por isso é um bom encontro quando encontramos um amigo, quando vemos a pessoa amada assim como quando ouvimos uma música, comemos quando temos fome, bebemos água quando temos sede. Bons encontros nos fazem ampliar nossa capacidade de afetar e ser afetado. Por outro lado, um mau encontro é aquele que nos direciona para a tristeza, que é a passagem de “uma perfeição maior a uma menor”,<sup>49</sup> nessas condições nossa força para perseverar na existência, afetar e ser afetado, nossa potência de agir e o *conatus* diminuem.

<sup>44</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 243.

<sup>45</sup> SPINOZA, *Ética*, III, 2, escólio.

<sup>46</sup> DELEUZE, *Espinosa*, p. 23-24.

<sup>47</sup> CHAUI, *Espinosa*, p. 63.

<sup>48</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 341.

<sup>49</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 341.



Quando encontramos uma pessoa que não gostamos ou nos vemos em situações desagradáveis, quando ficamos doentes ou sofremos algum ferimento, todos estes são maus encontros, pois somos constrangidos por ele e ficamos limitados diante do mundo e, conseqüentemente, nos fechamos a ele.

Nosso corpo procura sempre ser preenchido de alegria. Aliás, conhecemos o que é bom quando passamos de uma menor para uma maior perfeição. Porém a vida não é apenas alegria. Há nela uma série de tristezas resultantes do acaso dos encontros. Entre convenientes e inconvenientes, vamos pelo mundo tendo encontros que compõem e que decompõem, como é o caso da tristeza, pois “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída”.<sup>50</sup>

Os afetos nascem da alegria, tristeza e também do desejo. O amor é uma alegria que se dá por uma causa exterior, bem como o ódio, que é uma tristeza também causada pela exterioridade. Assim como o corpo, a mente, quando afetada de muitas maneiras, tem sua potência de pensar aumentada quando essas afecções são refletidas como ideias dessas afecções, por isso é importante ter em vista como os afetos se originam e como se mantêm em nós, considerando nossa constituição corporal, mas não só, pois também isso depende de como o mundo exterior se organiza à nossa volta.

O desejo é produzido segundo a forma com que nosso corpo será afetado. Como dissemos anteriormente, ele é a própria essência do ser humano, sendo aumentado ou diminuído conforme o *conatus*. A potência de perseverar do corpo vem de sua força que o abre para ser afetado o tanto quanto for possível pela alegria. Da mesma forma, com a mesma força, ele evita e se fecha para afetos de tristeza.

Nas causas dos afetos, temos duas possibilidades: ser ativos ou passivos. Afetos ativos ou ações estão ligados diretamente à alegria, pois é o esforço feito pelo corpo para aumentar sua potência de agir de muitas formas, expandir-se, ficar mais forte e capaz de ser afetado de muitas maneiras e cada vez mais por afetos de alegria. Não tende para a morte, mas para a vida.

Por outro lado, os afetos passivos ou paixões estão ligados à tristeza, pois ocorrem quando não somos sua causa ou somos uma parte pequena dele. Dão-se pela imposição e força do mundo, pois podemos ser afetados por coisas que compõem e decompõem, há uma inconstância e, por isso, não podemos depender dele, pois podemos passar rapidamente da alegria para a tristeza. Geralmente falamos de ambos os afetos como se estivessem separados,

---

<sup>50</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 237.

porém ambos estão interligados: ora estamos na alegria, ora na tristeza, há uma oscilação rápida entre eles.

Evitar a tristeza e produzir paixões e ações de alegria não é uma questão fácil de ser resolvida, pois, como seres relacionais, vivemos em uma sociedade, é impossível não ser afetado pelo que a constitui, como o ódio, a inveja, a melancolia. Ela parece ser edificada na própria tristeza. Ao longo do dia, somos afetados de múltiplas maneiras e, nessa dinâmica, ora temos encontros tristes, ora temos bons, alegres. Este é o intento de *Ética*, buscar meios para transformar afetos passivos em ativos, tirando-nos da servidão e nos colocando na via que conduz à liberdade.

No que diz respeito aos afetos passivos alegres, são encontros que aumentam a potência do corpo e da mente. Com a potência de pensar da mente, geram-se as noções comuns que nos fazem conhecer melhor o mundo. Entender nossa relação com ele é saber selecionar melhor os encontros que podemos ter e, com isso, somos ativos na criação de nossos afetos, funcionando como energia que alimenta nossa potência para ser e agir.

Pode parecer estranho quando se diz que os afetos passivos alegres (alegrias passivas) podem aumentar nossa potência de agir, uma vez que buscamos sempre por encontros que nos convêm, que procuramos, ao máximo, por paixões alegres e evitamos paixões tristes. Porém os afetos passivos alegres podem, sim, aumentar nossa potência, pois deles nascem paixões e desejos, mesmo que ainda sejam ideias inadequadas.

Não somos causa de nossa potência quando estamos apenas nas paixões, porém é das paixões alegres que conseguimos passar de uma menor a uma maior perfeição. Isso ocorre, porque paixões alegres, em certa constância, aumentam nosso *conatus* e, conseqüentemente, nossa capacidade de pensar e, com isso, formamos noções comuns. Afetos passivos alegres, ainda que aos poucos, tornam-nos capazes de afetos ativos. Das paixões alegres é que nascem as ideias adequadas, tornando possível que um afeto ativo se explique por si mesmo, por meio de sua potência de agir e sua natureza.

As alegrias passivas juntam-se com as ativas, resultantes do pensamento racional de segundo gênero, fazendo-nos compreender o ponto comum entre o nosso e os demais corpos com os quais nos encontramos, mostrando-nos a melhor maneira de se relacionar com eles. Nisso temos a passagem dos desejos inadequados, aqueles que não somos causa, para os desejos adequados, dos quais somos sua causa e se alinham com a essência da substância infinita. Podemos então notar que Spinoza está procurando desenvolver uma sabedoria prática acerca dos encontros, pois queremos, buscamos ou damos importância a alguns encontros mais do que a outros.

Os encontros em si resultam da interação inevitável que os modos realizam uns com os outros. A seleção que fazemos desses encontros é advinda da afetividade que promove a valoração e a diferenciação deles, diretamente ligada ao *conatus* de cada ser, ou seja, cada encontro impacta diretamente nossa potência de agir e, por esse motivo, damos mais importância a alguns encontros e outros não.

A teoria dos afetos explicitada pelo filósofo busca trazer à tona algo que é vivido no cotidiano das pessoas, isto é, como os afetos circulam na dinâmica afetiva da sociedade.<sup>51</sup> A vida social pode ser, de muitas maneiras, um lugar de coletividade e, nesse sentido, um lugar para a autonomia que se ajusta à alegria ou de servidão, ligada à tristeza. Por isso é importante buscar compreender como os afetos circulam no corpo coletivo e como eles se configuram politicamente, tendo em vista que são permeados ora pela liberdade e ora pela servidão.

Na filosofia de Spinoza, os afetos são constituintes das afecções do corpo pelas quais estes podem expandir-se ou não, no que tange ao aumento ou diminuição de sua potência de agir. As afecções são o movimento que os corpos realizam na dinâmica dos encontros, em afetar e poder ser afetados. Com isso, Spinoza diferencia afetos passivos de afetos ativos. Como dissemos anteriormente, os afetos passivos são chamados também de paixões. Eles designam o estado da mente e corpo quando são guiados por forças externas e delas dependem, resultando que não participamos da causa de nossos afetos. Do contrário, os afetos ativos são aqueles que decorrem da ação da mente e do corpo, pois tais afetos resultam de uma passagem da menor à maior perfeição no ser.

A alegria, ligada a esses afetos, contribui para o fortalecimento do *conatus*, pois o mantém firme em seu estado de autoconservação, expansão e perseverante na existência, levando-o a buscar meios para conservar seu estado atual. Essa busca direcionada pela alegria leva o ser humano a agir, fazendo com que ele não espere passivamente que os outros ou as instituições ajam em seu lugar<sup>52</sup> para que ele se sinta ou se pense livre. Nesse estado, ele mesmo reconhece as possibilidades para agir, de modo a favorecer a autonomia de si e dos demais. Desse modo, é capaz de transformar sua realidade, a partir dos encontros que permitem sua expansão, levando-o para um estado de menor servidão e maior liberdade.

---

<sup>51</sup> Algo interessante o qual podemos notar nesse ponto é que, quando Spinoza escreve a terceira parte de *Ética*, iniciam-se as guerras. Logo em seguida, interrompe a escrita de *Ética* para começar a escrita de *Tratado teológico-político* (TTP) (ESPINOSA, Baruch. *Tratado teológico-político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003). Podemos notar que sua exposição sobre o tema dos afetos, de algum modo, mostra-se muito visível no TTP, pois é justamente um trabalho em que vai questionar como os afetos circulam em meio à sociedade e em meio àqueles que detêm o poder.

<sup>52</sup> Apesar de que, algumas vezes, isso é preciso na vida social, mas, seguindo esse raciocínio, ocorre a diminuição da potência, e um indivíduo que se deixe dominar pela tristeza acomoda-se, e seu *conatus* se mantém sempre frágil.

A tristeza, por outro lado, não contribui para o fortalecimento do *conatus*. Aliás, diante dessa diminuição de potência, o ser humano é levado a buscar desenfreadamente pelo aumento desta e, uma vez que esteja submetido ao medo ou à superstição (que estão no âmbito das paixões tristes), o faz depositar em forças externas a causa para isso, seja esta a política, uma autoridade religiosa ou outras autoridades semelhantes. Isso, porém, o faz pensar que é livre, quando, na verdade, colocou-se numa posição de servidão e submissão, pois estas são os efeitos do medo, que deixa o ser humano vulnerável diante daquele em quem ele pôs sua esperança e felicidade. Nesse caso, enquanto estiver tomado pela sensação de segurança, permanece na tristeza, permanece num estado menos potente, pois está determinado a agir não por si mesmo, mas por causas externas.

As relações de afetividade estão sempre suscetíveis a variações, à instabilidade, por conta da multiplicidade dos encontros que os seres humanos podem experienciar. Com isso, é preciso compreender essa rede de afetos que se cria (principalmente os afetos passivos, pois eles são os que mais circulam e configuram a vida social), entendendo como os indivíduos se organizam diante de tal vivência, como os afetos atuam politicamente, como perpassam o tempo em contextos socioculturais, históricos e geográficos.

De múltiplas formas, o convívio social, a vida coletiva, pode favorecer tanto a tristeza que tende para servidão, quanto a alegria que direciona o indivíduo para a autonomia. Nesse sentido, a diminuição ou aumento de potência favorecido pelo convívio social, depende da maneira de como tal convívio está organizado politicamente e como isso se articula com a vida dos indivíduos, ou seja, os cidadãos.

A articulação realizada pela política vai muito além da criação de leis ou sobre formas de governo. A política está intimamente associada à produção de afetos e à capacidade de proporcionar que os indivíduos possam viver uma vida plena, com maior ou menor potência, para poderem alcançar sua liberdade. Estruturas políticas, sejam aquelas que proporcionam ou não a participação do indivíduo, podem fazer a potência deste variar e produzir afetos tanto de alegria como de tristeza. Os indivíduos vão se sentir mais inclinados a participar da vida social quando a política se alinha pela busca natural do aumento de sua potência. Por esse motivo, a participação não pode ser uma obrigação. Ela deve ser um resultado natural da alegria e de sua potência. Do contrário, quando a política não se alinha a esse princípio, a participação social será reduzida, pois os indivíduos vão se sentir alienados e deixados de lado, gerando, assim, uma obrigação que logo se transforma em indiferença, pela falta de identificação com o coletivo, e disso ocorre uma diminuição da potência e o coloca na servidão, na passividade.

### 1.5 A potência dos indivíduos deve se alinhar com os afetos produzidos pela política, para haver mais participação social

Quando a vida social é construída a partir da participação de todos, há uma identificação do cidadão para com ela. Levando a discussão para o âmbito da cidade (sociedade) ou espaço geográfico com o qual ele componha sua potência, ele a entende como uma extensão de si e, tanto nas organizações como nos espaços públicos, esse contexto será tido por ele como algo do qual faz parte e, por isso, o que fizer a cidade é feito a ele mesmo. Porém, quando não há tal participação, quando lhes é imposto limites de participação, quando somente um grupo limitado dita aos outros o que deve ou não ser feito, impedindo a participação, o cidadão não se vê mais como ligado à cidade e à vida social como um todo. Esses elementos são vistos como uma coisa alheia, vive-se na cidade, porém não há identificação com ela, não há mais reconhecimento de sua parte em relação aos espaços públicos e, por isso, torna-se indiferente.

Sua indiferença decorre da estranheza para com os espaços urbanos, pois não correspondem tanto à dinâmica afetiva como à histórico-política dos cidadãos, gerando, por exemplo, a falta de cuidado e preservação para com os espaços históricos, que podem ser resultado de uma lógica da racionalidade técnico-científica, uma lógica econômica, mas estranha à vivência dos cidadãos.

A vida cotidiana cada vez mais acelerada, pautada numa lógica do neoliberalismo e do capitalismo, buscando sempre o desempenho, a eficácia e a rentabilidade econômica, não favorece a busca pela felicidade, os valores, o bem-estar nem a história das pessoas e, com isso, cada vez mais os afetos de tristeza crescem exponencialmente em vista dos afetos de alegria, ou seja, cresce cada vez mais o fazer por fazer e diminui o fazer por querer fazer ou se sentir bem em fazer algo. Porém, para que seja possível a vida social, com base nesses moldes externos, os indivíduos se reorganizam e, com isso reorganizam, a dinâmica afetiva da cidade, considerando a garantia de seus direitos, sem ferir o direito dos outros, tendo em vista que também são possuidores de *conatus* e têm potência suficiente para tal garantia.

No *Tratado Teológico-Político* (TTP), mais especificamente do capítulo XVI ao XX, que são mais propriamente de caráter político, Spinoza defende a liberdade de pensar no Estado, que tem por base não a Moral ou a Teologia, mas fundada sobre a utilidade comum. Sua defesa busca propor que termos liberdade de pensamento é uma forma de mudar primeiro a nós mesmos e depois a cidade. Considerando sempre a coletividade com a qual se convive necessariamente, não se muda a cidade de forma individual, mas de modo coletivo, essa transformação e remodelação dos processos urbanos dependem do poder coletivo.

Os cidadãos se sentem parte da cidade quando fazem parte das mudanças urbanas. Essa participação gera uma relação entre ambos. No livro *Política em Espinosa*, escreve Chauí:

É o que faz com que haja relações intrínsecas de concordância ou conveniência entre aqueles indivíduos que, por possuírem determinações comuns, fazem parte do mesmo todo. Assim, a teoria da individualidade recebe nova determinação, graças a uma teoria das relações necessárias entre os *singularia*, relações que podem ser de composição-constituição, conforme a proporção de movimento e de repouso e conforme a causalidade comum, ou relações de afecção entre os indivíduos, desde que tenham algo em comum, pois o que nada tem em comum com outro, diz a Parte IV, não pode auxiliá-lo nem prejudicá-lo, isto é, não pode com ele se relacionar.<sup>53</sup>

A decisão conjunta dos cidadãos, quando não é permeada pelo medo, tende a ser exercida livremente; caso contrário, a vivência do comum pelo indivíduo não é sentida quando é afastado dos espaços urbanos, e isso ocorre, como já dissemos, quando se tem uma imposição de fora a qual não tem semelhança com as pessoas que ali vivem. Se reduzirmos o campo de visão, podemos pensar numa vila e que, por uma imposição de planejamento, o governo implante nela algo que não se assemelhe com seus moradores. Primeiramente vem a estranheza e, com ela, o distanciamento de algo que não faz parte da vida daquele lugar, e, com isso, criam-se maiores possibilidades de tristeza.

As cidades, mais especificamente os lugares públicos, revelam como os encontros são feitos pelos cidadãos e como os afetos circulam nesses espaços,<sup>54</sup> pois se eles geram aumento de potência no indivíduo, isso é refletido na cidade e, nesses locais, há sempre retornos que promovem o aumento de potência. Mas não podemos pensar somente no aumento, há casos contrários, os de diminuição da potência. Nestes, se ocorrer alguma situação que remeta àquele local público, devemos recordar o que diz Spinoza na parte III de *Ética*, “Se a mente foi uma vez afetada simultaneamente por dois afetos, quando depois for afetada por um deles o será também pelo outro”.<sup>55</sup> Por isso algumas pessoas ou a coletividade sentem repulsa a certos locais na cidade, por conta de um afeto que lhes causou tamanha impotência que a mente se esforça para recordar outras coisas que se sobreponham, evitando assim tal lugar. No entanto, esses locais passarão a ser ignorados, malcuidados, vazios, pois não favorecem a vida, ou seja, não favorecem o *conatus* nem contribuem para a expansão da liberdade.

A passagem de uma menor a uma maior perfeição (alegria e tristeza) bem como o desejo são os afetos originários de todos os afetos que levam o ser humano a manifestar formas no percurso da existência, na qual expressam essa passagem de aumento e diminuição da potência,

<sup>53</sup> CHAUI, Marilena. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 136.

<sup>54</sup> Lembramos que encontro é uma forma mediante a qual o indivíduo faz com o mundo nos seus mais variados modos e não somente um encontro feito entre duas pessoas, ou seja, entre dois modos humanos.

<sup>55</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 261.

que consiste em sua aptidão ou capacidade de agir. Enquanto a alegria estimula o agir, a tristeza o inibe, portanto nos tornamos passivos diante do mundo. É nesse sentido que podemos notar que a vida em sociedade se dá pelas vivências afetivas, onde se dão os encontros e as afetações. Devemos ressaltar que são essas afetações que configurarão a vida social, processo que ocorre mediante os encontros e, ao mesmo tempo, define a qualidade destes, que se dividem entre aqueles aumentam e diminuem o *conatus* coletivo.

Como já mencionamos anteriormente, esse aumento do *conatus*, de perseverar na existência, dá-se pela possibilidade de participação da coletividade mediante ações que promovam o direito à cidade. Do contrário, há uma diminuição quando esse direito é retirado, favorecendo, assim, a passividade, pois houve uma imposição externa que o impediu de participar ativamente na cidade. Para compreendermos o movimento histórico do cotidiano, é preciso ter como ponto de partida os afetos, que, ao mesmo tempo, são questões-chave para compreendermos que os indivíduos não apenas vivem na cidade, mas ela vive neles, de forma tão enraizada assim como seus afetos.

Podemos notar que o caráter imanente da filosofia de Spinoza, em que o ser humano é parte da Natureza e está no mesmo plano de suas leis. Assim como os afetos, a ética, e é a partir disso que ele explicita sua análise política. Spinoza, em seu TTP (1676-1677), obra que ficou inacabada devido a seu falecimento, tem por objetivo fazer uma análise política partindo daquilo que ele considera como pertencente à natureza humana: os afetos. Estes não podem ser desconsiderados e tratados como se fossem vícios, uma vez que são parte integrante da natureza humana, dando margem aos julgamentos e preconceitos que fortalecem a ignorância. Com isso, diz o filósofo:

Visando à política, não quis, por consequência, aprovar fosse o que fosse de novo ou desconhecido, mas somente estabelecer, através de razões certas e indubitáveis, o que melhor concorda com a prática. Noutros termos, no deduzir do estudo da natureza humana e, para contribuir para este estudo com a mesma liberdade de espírito que é costume contribuir para as investigações matemáticas, tive todo o cuidado em não ridicularizar as ações dos homens, não as lamentar, não as detestar, mas adquirir delas verdadeiro conhecimento. Considerei também as emoções humanas, tais como o amor, o ódio, a cólera, a inveja, a soberba, a piedade e outras inclinações da alma, não como vícios, mas como propriedades da natureza humana: maneiras de ser que lhe pertencem como o calor e o frio, a tempestade, a trovada e todos os meteoros pertencentes à natureza atmosférica.<sup>56</sup>

A política é criada por meio do consenso mútuo dos indivíduos, para aumentar sua potência individual, entendendo que lhe seja útil a associação com outros seres humanos que

---

<sup>56</sup> ESPINOSA, Baruch. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. Tradução de Marilena de Souza Chaui et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores), cap. 1, §4.

também buscam o aumento de sua potência e que, juntos, formam um todo mais forte do que quando estão separados. Porém, assim como se associam para formar um todo mais forte, não podemos desconsiderar que suas potências ora se ajustam, ora desajustam, e seguem o processo normal de variação conforme as vivências de seus afetos individuais e do afeto coletivo. Na parte IV de *Ética*, proposição 18, escólio, ele escreve:

Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos que têm exatamente a mesma natureza se unem, compõem um indivíduo duplamente mais potente que cada um em separado. Nada, pois, mais útil ao homem do que o homem. Nada, insisto, os homens podem escolher de preferível para conservar o seu ser do que convir todos em tudo de tal maneira que as Mentes e os Corpos de todos componham como que uma só Mente e um só Corpo, e que todos simultaneamente, o quanto possam, se esforcem para conservar o seu ser, e que todos busquem simultaneamente para si o útil comum a todos.<sup>57</sup>

Mediante os elos que formam entre os indivíduos, formam-se os territórios urbanos, que se desdobram em macro e microterritório. O macro comporta o micro, que nada mais é que os bairros, que formam uma unidade política, por meio de suas associações, com suas ideias e objetivos específicos, bem como tendo sua vida própria em relação a atividades econômicas e socioculturais. Ainda nos bairros, já se têm as relações que aumentam e diminuem a potência do *conatus* e, com isso, o resultado de tais relações, produzem no ser humano, o mínimo de conhecimento dos encontros que devem ser mantidos ou evitados. No entanto, quando se avança desses espaços micro para o macro, são encontros únicos indo ao encontro com o desconhecido. É nessa experiência que, se houver a composição de um corpo com o outro, o resultado é de aumento de potência e, naquela instância, a mente entende que aquele local lhe traz alegria. Não podemos deixar de lembrar, porém, que pode ocorrer que um corpo possa não convir com o outro e, desse modo, haver uma passagem de maior à menor perfeição, enfraquecimento do *conatus*, e a mente entender que aquele local deve ser evitado.

Pode-se perceber que o corpo da cidade é composto por um conjunto de *conatus* individuais, que estão sempre numa dinâmica instável, por conta dos afetos que cada pessoa vivencia individualmente, e esse processo vai sendo feito no cotidiano da vida social, que, na mesma medida, colabora na construção do *conatus* coletivo, passando então de um afeto individual a um comum e potência comum, resultando na criação de organizações estáveis de tais afetos que colaboram para o aumento da potência de agir. Vemos a passagem do instável ao estável, visto que os indivíduos se unem para viver em sociedade; caso contrário, com a instabilidade dos afetos, a vida social não seria possível. Vale ressaltar também que a

---

<sup>57</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 407.



instabilidade segue ante a vivência diária com os demais, porém são as organizações que mantêm o equilíbrio no embate de forças entre as potências individuais.

Como a cidade é um corpo composto da união de corpos individuais, naturalmente submetidos aos afetos, bem como todos os corpos dispostos na Natureza, da mesma maneira como o ser humano, não estão imunes à servidão e, ao mesmo tempo, é também capaz de liberdade. A noção de liberdade na filosofia de Spinoza relaciona-se com o conhecimento adequado da mente em relação aos afetos, pois “a mente humana percebe não somente as afecções do corpo, mas também as ideias dessas afecções”<sup>58</sup> próprios do ser humano, dados os encontros que realiza e experimenta.

Na parte III de *Ética* (1675), Spinoza faz a distinção entre causa adequada e inadequada ou parcial, bem como de ideias adequadas e inadequadas. Ele chama de causa adequada “aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma”,<sup>59</sup> ou seja, quando é possível conhecer a origem do efeito, permitindo-nos entender o primeiro evento que levou ao segundo. Porém, quando isso ocorre de modo parcial ou nos impossibilita de compreender a causa de um efeito, deixando-nos em estado de desconhecimento, ele chama de causa inadequada, pois é “aquela cujo efeito não pode só por ela ser entendido”.<sup>60</sup>

Sendo o mundo ordenado e regido por leis da Natureza, a teoria das causas coloca os seres humanos, bem como os outros objetos envolvidos nas cadeias causais, como produtores de causa e efeito tanto na relação com seus semelhantes como com os demais modos da substância. Somos causa adequada quando nossas ações são explicáveis, e sua origem é conhecida por nós. No entanto, quando não entendemos as causas que levaram a tal efeito, ou mesmo agindo de forma reflexiva, e não conseguimos compreender o todo que está por trás dele, somos causa inadequada ou parcial dessa ação, tornando-nos apenas condutores de efeitos que não compreendemos ou que compreendemos de modo insuficiente, incorporando-os à nossa natureza e nos fazendo assumir algo que não pertence a ela completamente.

Antes de passarmos para as ideias adequadas e inadequadas, vejamos primeiro o que Spinoza entende por ideia. Para isso, voltemos às definições da parte II de *Ética* (1675), nas quais ele diz: “Por ideia, entendo o conceito da mente, que a mente forma por ser coisa pensante”,<sup>61</sup> ou seja, a ideia é a própria mente, sendo ela responsável por formar um

---

<sup>58</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 175.

<sup>59</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 237.

<sup>60</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 237.

<sup>61</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 125.

conhecimento do corpo. Pois “a mente humana não conhece o próprio corpo humano nem sabe que ele existe senão pelas ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado”.<sup>62</sup>

Com o desconhecimento da mente em relação ao corpo, tudo que chega para ela é confuso, e as ideias adequadas e inadequadas ficam embaralhadas. Nesse ponto, entra o esforço da ética spinoziana em fazer com que a mente aprenda a buscar sempre a união com as coisas e seres que aumentam a potência do corpo, e, por sua vez, sua própria potência, tirando-nos do acaso dos encontros. Spinoza entende por ideia adequada “toda ideia que em nós é absoluta, ou seja, adequada e perfeita, é verdadeira”.<sup>63</sup> Ao falar do absoluto, trata-se de uma referência à substância infinita (Deus), pois, quando temos uma ideia adequada, isso significa que tivemos uma ideia verdadeira e perfeita, e que nossa mente a produziu pela conexão que existe entre ela e a mente de Deus, uma vez que esta é a essência de nossa mente.

Contrariamente estão as ideias inadequadas. Não estão na mente de Deus. Elas são próprias da mente singular do ser humano (modo da substância), pois “a falsidade consiste na privação de conhecimento que as ideias inadequadas, ou seja, mutiladas e confusas, envolvem”.<sup>64</sup> Entretanto se a mente acumular muitas ideias inadequadas, maior será o número de suas paixões, o que a levará para o caminho da impotência, e suas ações serão sempre guiadas por essas ideias, pois não podemos deixar de ressaltar que a potência é algo característico de tudo o que existe, não é de sua função fazer a distinção das ideias.

A mente, ao formar ideias claras acerca das afecções do corpo, já não se guia mais pelas imagens que são produtos dessas afecções. É nesse momento que temos a liberdade, que não pode ser entendida como aquela advinda do livre-arbítrio ou de uma vontade, mas que advém da potência da mente e daquilo que lhe é próprio, o pensar, que forma ideias adequadas acerca das afecções do corpo.

O ser humano, na servidão, tem ideias inadequadas, pois não consegue distinguir, de forma clara e distinta, as causas das afecções no corpo, fazendo com que surjam explicações parciais, mutiladas e confusas dessas afecções. Na ausência de ideias adequadas, o indivíduo fica no estado de servidão, cuja característica é ser contrário ao *conatus*, pois não agindo, torna-se impotente para moderar seus afetos, pois está submetido a eles.

Spinoza expõe essa contradição da servidão em relação ao *conatus* e, ao fazer isso, alude ao poeta Ovídio, no prefácio parte IV de *Ética*, dizendo que o ser humano “não é senhor de si, mas a senhora dele é a fortuna, em cujo poder ele está de tal maneira que frequentemente é

---

<sup>62</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 171.

<sup>63</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 189.

<sup>64</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 189.

coagido, embora veja o melhor para si, a seguir porém o pior”.<sup>65</sup> No estado de servidão, o ser humano é levado como uma marionete, quando submetido aos movimentos das paixões, com isso, é presente a passividade quando é movido pelos afetos, guiando-se por ideias inadequadas, das quais não é causa. Com isso, aposta no exterior as causas de seus afetos. A exterioridade, portanto, impõe-lhe a dinâmica a ser seguida.

Retornando para o ponto que estávamos expondo, sobre o corpo urbano social, servidão e liberdade dependem da potência do pensar da coletividade, de suas possibilidades de agir ou não, conforme sua maneira de refletir e discutir suas questões. Porém a passividade que acomete os territórios, as cidades e os bairros se dá no fato de que a resolução de problemas da coletividade é buscada de maneira externa, visando a alguém ou a um modelo que traga respostas prontas para todos os seus problemas que deveriam ser discutidos internamente.

Não é somente isso, porém, o fato relevante para a passividade. Até mesmo de modo interno ao coletivo, pode surgir alguém que proponha um modelo que, de maneira supersticiosa, leva todos a vê-lo como alguém possuidor de um poder extraordinário de pensar e que somente essa figura tem a capacidade suficiente de tomar decisões, ou seja, optam pelo caminho mais simples: o de se guiar por ideias externas a si mesmos. Dessa maneira, quando os cidadãos não se esforçam para pensar coletivamente, apesar de suas ideias e opiniões diferentes, não há capacidade de agir coletivamente. Sempre, pois, alguém pensa e age pelos demais, sempre submetidos por algo que lhes é exterior, não sendo inerente ao conjunto, ou até mesmo quando o é, ainda assim, age conforme as determinações de grupo específico que decide por todos. Somente no pensar coletivo, pela participação política, é que o corpo da cidade se fortalece e favorece o aumento do *conatus* coletivo.

A base das relações humanas é a afetividade. Ela pode nos mostrar o que temos em comum com os outros seres humanos e o que ocorre quando nos encontramos e interagimos. Para isso ela nos aponta outro caminho a ser trilhado, que vai na contramão de uma sociedade que se guia pela tristeza, pois nos retira do julgamento, da moral e das paixões tristes. Tal caminho nos mostra que é pelos afetos que podemos nos libertar da servidão, alcançar a virtude, beatitude e a liberdade.

O modo como Spinoza escreve sua *Ética*, com todos as suas proposições, axiomas, escólios bem como a forma direta e seca podem revelar uma dureza em sua filosofia. No entanto, sua obra não é um conjunto de regras a serem seguidas, é um guia para que cada um possa trilhar e talvez encontrar o caminho no qual possa se autorrealizar. Sua proposta é para

---

<sup>65</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 171.

que analisemos nossos afetos, a fim de encontrarmos a felicidade nesta vida e não em outra. Quando lemos sua biografia, sua felicidade foi encontrada na vida simples, que ele mesmo buscou e encontrou seu próprio caminho para sua satisfação, um caminho muito tumultuado, porém que não foi dado por outros, mas forjado por ele mesmo.

Forjar a si mesmo como um ser humano livre implica justamente o movimento que ele realizou em sua vida, ou seja, buscou profundamente compreender seus afetos para que assim pudesse agir. Seu entendimento como parte da Natureza e como um ser determinado foi fundamental para interagir com o mundo à sua volta, que, apesar da determinação à qual o ser humano está sujeito, ele é capaz de autodeterminar suas ações, passando da servidão das paixões à liberdade verdadeira, pois não procura extirpar seus afetos, mas sim saber como sua força pode nos impulsionar a dar direções diferentes para nossas ações.

## 2 A TOMADA DE CONSCIÊNCIA DO SER HUMANO EM RELAÇÃO A SEUS AFETOS

Os afetos não podem ser compreendidos como vícios, mas, sim, como naturalmente intrínsecos à Natureza e necessários à nossa existência como modos da substância. A tomada de consciência desse processo coloca o ser humano rumo à liberdade, pois isso faz com que ele possa compreender essas forças que o movem. É nesse sentido que exploramos de que maneira a razão auxilia no funcionamento dos afetos, possibilitando ir além deles, deixando o campo da mera passividade, passando a ser ativos e começar a agir, transformando as paixões em ações que dão à nossa vida o direcionamento construído por nós mesmos, almejando sempre se conservar potente e ativo.

### 2.1 Do império, que é a Natureza, o ser humano é uma parte integrante e não superior ou independente, não é um império num império

A Natureza, para Spinoza, a substância infinita ou Deus, é entendida como um grande império, como se pode notar na associação feita pelo filósofo no prefácio da terceira parte de *Ética*. Sendo a Natureza, para ele o todo, um império único do qual nada lhe escapa, nada está fora dele e tudo está conectado, interligado, sua filosofia é imanente e não transcendente. Por isso, partimos da compreensão de Deus, que, para Spinoza, é “causa imanente de todas as coisas, mas não transitiva”.<sup>1</sup> Dessa forma, de maneira simples, podemos dizer que a distinção entre causa imanente e transcendente (transitiva) em sua filosofia, e o que diferencia essas concepções é que a causa imanente não está separada de seu efeito, mas permanece nele, ou seja, a causa não está separada de seu efeito, ainda existe algo da causa que permanece no efeito. Não permanece nada da causa transcendente ou transitiva em seu efeito; há uma ruptura e um distanciamento entre a causa e seu efeito.

Dito de outra maneira, os seres humanos não estão alheios aos movimentos realizados pela Natureza, não são superiores a ela por conta de sua racionalidade, mas são parte integrante da substância infinita. É nesse sentido que Spinoza escreve, no prefácio de abertura da terceira parte de *Ética*, destacando a naturalidade dos afetos e que não podemos negá-los ou tomá-los como algo que não faz parte de nós. Com isso, ele afirma:

---

<sup>1</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 81.

Quase todos os que escreveram sobre os Afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Parecem, antes, conceber o homem na natureza qual um império num império. Pois creem que o homem mais perturba do que segue a ordem da natureza, que possui potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nenhum outro que ele próprio. Ademais, atribuem a causa da impotência e inconstância humanas não à potência comum da natureza, mas a não sei que vício da natureza humana, a qual, por isso, lamentam, ridicularizam, desprezam ou, o que no mais das vezes acontece, amaldiçoam; e aquele que sabe mais arguta ou eloquentemente recriminar a impotência da Mente humana é tido como Divino.<sup>2</sup>

Falam do ser humano como possuído por algo exterior à própria natureza e que, em vez de buscarem compreender quem são e lidar com seus afetos, preferem o caminho mais fácil, e por isso riem, lamentam, desprezam e até amaldiçoam. Isso só colabora para sua perpetuação no estado de servidão.

A imagem do ser humano como um “império num império” é uma crítica que decorre de uma maneira de pensar que pode ser dividida em duas partes: primeira, da Natureza, pensada como um império possuidor de um poder de comando; e segunda, do ser humano, pensado como um poder arbitrário e voluntário. Nesta crítica, busca-se mostrar que, na forma de pensar sobre ambos, dá-se uma separação, são pensados como coisas diferentes. Assim, como uma guerra entre ambos, o ser humano rivaliza com o poder da Natureza, decorrendo desse conflito a perturbação e o desordenamento da ordem natural, ou seja, pensam o ser humano como aquele que “mais perturba do que segue a ordem da natureza, que possui potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nenhum outro que ele próprio”.<sup>3</sup>

Spinoza nunca teve a intenção de ensinar como podemos nos livrar ou extirpar de nós os afetos. Não buscou mostrar de que maneira podemos evitar sermos afetados; pelo contrário, sua intenção era justamente chamar atenção e mostrar que, porque somos afetados, é que devemos saber lidar com esses afetos, ou melhor, como moderá-los, pois aquele que sabe moderar os afetos e entender sua força consegue sair do estado de servidão desses afetos e alcançar a liberdade. Ser livre não é estar acima dos afetos ou da Natureza, mas é se apoiar neles para alcançar algo que eleve a potência do corpo e da mente, fazendo com que o ser humano saia da superstição e o faça ser ativo em suas relações com os demais modos da substância infinita, tanto humanos como não humanos.

Para que o ser humano se entenda como parte da Natureza, é preciso ter em vista a progressão do conhecimento que se dá em três gêneros no pensamento spinoziano: imaginação/opinião, razão e intuição. Esses gêneros de conhecimento visam a fazer com que o

---

<sup>2</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 233.

<sup>3</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 233.

ser humano possa se tornar causa adequada dos próprios pensamentos e ações, porém esse processo exige que ele possa compreender de maneira adequada, pois, como somos apenas uma parte da mente de Deus, é preciso haver um esforço para que se dê a progressão da imaginação, passando pela razão e chegando à intuição.

Para compreender, é preciso desvencilhar-se da opinião, do mero ouvir dizer ou imaginação. Com isso, na parte II de *Ética* (1675), Spinoza enumera três gêneros de conhecimento que permitem a afirmação da ideia de algo em nossa mente.

O primeiro gênero se trata do modo mais confuso de conhecer algo, pois provém da opinião e da imaginação, assim “cada um formará imagens universais das coisas de acordo com a disposição de seu corpo. Por isso não é de admirar que, entre os Filósofos que quiseram explicar as coisas naturais só pelas imagens das coisas, tenham nascido tantas controvérsias”.<sup>4</sup> A imaginação ou a opinião sempre estará sujeita ao erro, pois tem sua origem na opinião produzida de um ouvir dizer, ou seja, nasce de uma posição que advém dos outros, cheia de ideias formadas e com opiniões que nem sempre são próprias daquele que ensina, e como se trata de um conhecimento que tem um intermédio de alguém, não passa pela própria intelecção do indivíduo. Por isso, nascem as controvérsias, como diz Spinoza, pois chegará um momento em que os pontos não conseguem se conectar a outros. Talvez o ser humano potente, nesse momento do processo, ao intrigar-se, busca afirma-se e, com isso, avança para o segundo gênero do conhecimento.

No segundo gênero, a afirmação se dá mediante um processo dedutivo racional, em que é possível notar as propriedades gerais de algo, ou seja, “o que é comum a todas as coisas e está igualmente na parte e no todo não pode ser concebido senão adequadamente”.<sup>5</sup> Conhecer adequadamente é compreender o que está envolvido no ato de produzir, do mesmo modo como Deus produz as coisas, e isso é possível com o pensamento racional que vai nos fazer avaliar melhor acerca dos encontros dos quais estamos sujeitos, levando-nos a conhecer o que produziu aquele efeito que me afetou. Nesse gênero de conhecimento, o pensamento se dá de forma mais reflexiva, de modo que a ideia a que se chega é resultado de um processo avaliativo acerca de sua validade, é a razão que orienta para se chegar a validar uma ideia.

Por fim, o terceiro gênero de conhecimento consiste na intuição da essência, pois “o sumo esforço e a suma virtude da Mente é entender as coisas pelo terceiro gênero de conhecimento”.<sup>6</sup> Quando Spinoza trabalha esse ponto, parece algo um tanto místico, porque

---

<sup>4</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 199.

<sup>5</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 193.

<sup>6</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 555.

esse terceiro gênero é o que mais se aproxima de uma experiência mística de contato com a substância infinita, ou seja, Deus. Ao chegar a esse ponto de conhecimento, a mente humana se torna mais apta para agir no mundo, e sua conduta ética será notada pelos demais, pois se trata de um ser humano que ultrapassou interiormente a si mesmo e foi em busca de novas formas de viver ou procurou renovar e dar novo sentido ao que já estava estabelecido. Nesse processo, nosso grau de perfeição aumenta e, com isso, saímos da passividade dos efeitos e passamos a ser ativos.

Ser ativo é compreender que, apesar da necessidade na qual estamos envolvidos, é possível que ultrapassássemos os limites impostos. Ser ativo implica avançar os limites e saber que a vida pode ser de outra maneira e não daquela que foi colocada; já ser passivo está ligado a uma causa exterior que deixa o ser humano paralisado diante do mundo, fazendo-o aceitar os limites impostos, paralisando o fluxo constante de vida. O ser humano não é sempre ativo ou passivo, por isso é preciso que se busquem formas de compreender essas passagens de ânimo para não ser levado e guiado pelas opiniões dos outros. Torna-se exigente sair do primeiro gênero de conhecimento e avançar na busca do último gênero, que é conhecer a Deus; conhecendo-o, conhecemos a nós mesmos.

Um ponto a ser ressaltado é que, como se trata de um processo na imanência, não há, durante a progressão dos três gêneros de conhecimento, um descarte do que foi adquirido entre um e outro. A imaginação é um gênero de conhecimento muito inferior para Spinoza, mas é essencial para o segundo poder existir e realizar seu trabalho. Há, no segundo gênero de conhecimento, resquícios do primeiro. Não se trata de recomeçar, mas dar continuidade ao processo.

Quando o ser humano chega ao terceiro gênero, que é a intuição, ou podemos também chamar de clareza das causas por trás dos efeitos, existem nele elementos que são do primeiro bem como do segundo, os quais são sustentáculo para alcançar o conhecimento paciente das coisas. Torna-se um conhecimento paciente, pois a ideia já não pertence somente ao âmbito da razão, ultrapassa o entendimento racional e alcança a percepção perfeita. Com isso, ela pode ser compreendida, em sua origem, com a clareza de sua gênese. É essa ideia que faz o ser humano observar a ordem da Natureza na qual está imerso e que não é alheio. A intuição é responsável por mostrar que o ser humano, na Natureza, não é um império que vive separadamente, mas sim que faz parte do grande império que é a Natureza.

Os três gêneros de conhecimento se baseiam na capacidade do intelecto de reconhecer, ou captar, aquilo que é contingente. Para Spinoza, a contingência é um defeito da maneira como conhecemos, que advém de ideias confusas por conta da falta de clareza. A filosofia spinoziana



é uma filosofia do necessário, não admite contingência. Toda Natureza é regida pela necessidade, e, por isso, pensar a contingência como algo necessário é um erro do conhecer, e isso está ligado à produção de ideias inadequadas acerca da realidade.

A razão nesse processo da construção do conhecimento, este muito mais ligado à dimensão pessoal do que coletiva, começa no indivíduo e só depois vai para o coletivo. Durante esse processo, a razão tem a dupla tarefa de recusar a contingência, que advém de um erro do conhecer, gerando ideias inadequadas,<sup>7</sup> bem como faz a distinção das ideias adequadas<sup>8</sup> (aquelas ligadas à necessidade da Natureza) das demais percepções que a mente conhece através do corpo.

O necessário pode ser entendido de duas maneiras, sendo a primeira com relação à sua essência, e a segunda, à sua causa. Na primeira, com relação à sua essência, em que esta envolve a existência,<sup>9</sup> conforme escreve Spinoza, podemos notar que está associado ao “necessitarismo” divino, do qual nem mesmo Deus está fora, pois, no momento em que passa a existência, junto dele, são formadas as leis que regem a Natureza e, como elas são formadas a partir da existência de Deus, podemos dizer que Ele mesmo se deu tais leis, e tudo ocorre com base nelas. Nada de fora ou antes dele lhe impôs tais regras, portanto é por tal razão que Deus é livre, pois ele mesmo se deu as leis que se traduzem na necessidade do Universo. Na segunda, a substância infinita ou Deus é a causa de todas as coisas existentes, e nada poderia ser concebido sem ela, ou seja, todas as coisas existem, pois Deus dá a elas existência. Em sentido último, somente Deus existe e nada mais, pois todas as coisas dependem dele para, em algum grau, existir; nada passa a existir por si mesmo.

Nesse sentido, dá-se a importância de chegarmos ao terceiro gênero de conhecimento, pois ele não somente nos faz reconhecer o “necessitarismo” divino como também nos faz ter a compreensão perfeita da eternidade divina. Portanto, ele atua da seguinte maneira: elimina as ideias inadequadas, confusas e mutiladas, nos faz aceitar o “necessitarismo” no qual estamos imersos e, por fim, nos leva a compreender a eternidade de Deus como força produtora da realidade e de todas as coisas que existem.

Spinoza, no entanto, reconhece que o ser humano está sujeito à variação de ânimo e, com isso, forma conceitos que, por vezes, são positivos ou negativos, ou bons e maus a respeito das coisas, que advêm do grau de conhecimento que temos acerca delas, ou seja, nada mais é

---

<sup>7</sup> “A falsidade consiste na privação de conhecimento que as ideias inadequadas, ou seja, mutiladas e confusas, envolvem” (SPINOZA, *Ética*, p. 189).

<sup>8</sup> “Toda ideia que em nós é absoluta, ou seja, adequada e perfeita, é verdadeira” (SPINOZA, *Ética*, p. 189).

<sup>9</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 45.

do que a ação da subjetividade humana que valora as coisas a partir de sua percepção. Assim, nem sempre a razão é suficiente para conduzir o ser humano a tomar boas decisões, pois vale ressaltar que ela lhe dá a capacidade de conhecer acerca de suas ações e possibilita que ele analise sobre suas ideias. O processo reflexivo, portanto, é crucial para a produção de ideias adequadas, das quais se promove o terceiro gênero de conhecimento, ou melhor, conhecimento intuitivo.

É pelo conhecimento intuitivo que o ser humano se torna capaz de buscar agir de acordo com a sua essência, sua natureza, e aquele que não age de acordo com sua intuição transgride sua essência (desejo), seu ser, e essa transgressão abala a ordem natural das coisas. Ou seja, a energia vital da Natureza transcorre por todos os seres, mas, no caso do ser humano, a ordem natural potencializa a ação humana, isto é, dá todas as condições possíveis para que ele possa ser potente e, nesse mesmo movimento, a própria ordem natural terá realizado bem sua função, pois a vitalidade que demandou foi correspondida na mesma medida ou para além.

Spinoza define a essência humana como desejo: somos seres desejantes. O desejo é uma força determinante em nossas relações e nos aproxima do conhecimento verdadeiro (intuitivo). Cabe aqui a distinção entre desejo e vontade, pois, para Spinoza, a vontade é um esforço realizado propriamente pela mente, a vontade é passiva, pois carece de que o corpo também seja afetado. Ao atingir mente e corpo, a vontade se dá pelo que Spinoza denomina apetite e o identifica à essência do ser humano, pois “entre apetite e desejo, não há nenhuma diferença senão que o desejo é geralmente referido aos homens enquanto são cômicos de seu apetite”.<sup>10</sup> É a essência do ser humano, ou seja, é o desejo que manifesta conscientemente o *conatus* e que o impulsiona a julgar aquilo que é bom e a evitar aquilo que é mau. É esse esforço fundamental de perseverar e expandir sua capacidade que o leva a agir desta ou daquela maneira, sua ação revela sua essência, que segue a determinação dada pelo desejo, pois é o desejo que revela nossa natureza, isto é, se ela é potente ou impotente.

Enquanto se dá na mente, a vontade fica sob o domínio da razão e fica inerte, porém, ao afetar simultaneamente mente e corpo, transforma-se em movimento, potência e ação. A mente fica inerte sem que o corpo a impulse em direção à formação de novas ideias. É nesse instante que a vontade colabora no aumento de potência e impulsiona para ação, pois ela tem disponível, pela razão, novas maneiras de perdurar na existência.

---

<sup>10</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 255.

Quando nos propomos a evoluir no conhecimento, colocamo-nos na direção do conhecimento das causas, e todo esse processo está intimamente conectado à produção de ideias adequadas e inadequadas.

No primeiro gênero de conhecimento, está presente a produção de ideias inadequadas, ou seja, que se dá pelo ouvir dizer ou pela opinião, fazendo com que o ser humano não tenha conhecimento da causa de algo que o afetou. Orienta-se então apenas por uma ideia confusa, mutilada e vaga do efeito de um corpo sobre o dele.

Já no segundo gênero de conhecimento, formam-se as ideias daquilo que pode ser útil ou não ao ser humano, e, a partir disso, produzem-se as ideias adequadas, que se dão pelo conhecimento da causa de um efeito. Com isso, podemos aplicar a mesma lógica dos bons e maus encontros, isto é, respectivamente, aquilo que nos convém buscamos preservar para continuar proporcionando aumento de potência; do contrário, aquilo que baixa nossa potência buscamos rechaçar e manter afastado de nós.

Finalmente o terceiro gênero de conhecimento, que está relacionado com a percepção que se tem da essência das coisas, que não seria apenas a compreensão do que nos convém ou que nos potencializa, mas também uma compreensão que se volta para nós mesmos, é um conhecer-se a si mesmo bem como conhecer as várias relações que fazemos com o mundo e chegarmos ao encontro com Deus, mesmo que parcialmente.

É importante termos em vista que só podemos compreender aquilo que nos potencializa e nos torna pessoas de ação e, conseqüentemente, felizes. Pois todo objeto que se opõe a nosso ser, a nosso *conatus* (a saber, as paixões tristes) nos provoca uma diminuição de potência e nos destrói. Por esses objetos, o corpo e a mente não têm interesse em conhecer, porém, mesmo havendo uma resistência, é preciso compreender esse aspecto da vida, porque nem sempre estaremos somente na alegria. Por isso, o ser humano deve-se entender como uma parte da Natureza, que é um modo de ser nela. Para integrar-se nela, ele precisa passar pelo aperfeiçoamento de seu conhecimento. Nem poderíamos falar de uma integração, uma vez que nunca foram separados, porém essa percepção de separação se dá pelo modo de compreender o real que, de maneira diversa e equivocada, acabou fazendo com que o ser humano se entendesse como separado.

Desse modo, quando pensamos na vida em sociedade, percebemos o quanto é importante e requer do ser humano a compreensão de seus afetos para então saber moderá-los, pois existimos sob esta condição, conviver com eles diariamente sem poder deles se desvincular, e devemos entender que eles estão intimamente ligados à Natureza, não é algo anormal, não é um vício dela, pois “nada acontece na natureza que possa ser atribuído a um

vício dela; pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma em toda parte é sua virtude e potência de agir”.<sup>11</sup> Agimos de acordo com a variação de nossa potência, aquilo que nos agrada nos faz ter ações favoráveis e rejeitamos aquilo que nos desagradar. No entanto, isso é complicado quando vaza para a vida pública, quando se trata de instâncias de decisões que interferirão na vida de outras pessoas. Apesar de os afetos serem algo que pertencem à nossa natureza, a razão tem um traço importante na moderação deles. Talvez uma questão que surge é saber até que ponto ela suporta moderá-los.

Os afetos, assim como a Natureza, estão por toda parte, presentes em todos os âmbitos da vida humana. São eles que fazem com que os seres humanos possam se juntar em comunidades, tribos, vilas, cidades. Essa união entre eles é forjada e é uma união genuína que surge do acordo entre os indivíduos, que se funda nas semelhanças existentes entre eles. Por exemplo, viver em segurança é uma das semelhanças que os une, essa união é entendida por eles como uma forma de resistir contra aqueles que possivelmente os ataquem. Sozinhos, eles vivem em completa fraqueza, porém, unidos, há uma soma de forças gerando uma força coletiva que se torna útil para sua defesa. A respeito dessa união, ela não visa a criar uma massa amorfa, guiada por uma vontade imposta externamente; pelo contrário, ela se forma como uma unidade composta por indivíduos independentes e que cooperam em benefício de um objetivo comum, como a segurança, a saúde, a sobrevivência.

O ser humano que se entende separado da Natureza é impotente em seu pensar e agir, fazendo-o cair ainda mais na vida passional, sempre sujeito à exterioridade. Entretanto aquele que se sabe ligado totalmente à afetividade natural não compreende o mundo a partir de si, porém olha para o mundo para se compreender. Uma vez que não somos separados do mundo, é possível conhecer a nós mesmos quando estamos atentos aos movimentos do mundo. Da mesma forma ocorre com os demais modos humanos, quando queremos nos conhecer nessa dimensão, não temos de voltar-nos para nós, mas devemos nos voltar para os outros como um reflexo que nos possibilita vermos a nós mesmos.

---

<sup>11</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 235.

## 2.2 A afetividade humana se dá na dimensão relacional, primeiramente do ser humano com ele mesmo e depois com os demais modos de Deus

A vida humana é marcada por objetos e situações que nos alegram e nos entristecem. No entanto, antes de darmos seguimento à nossa exposição sobre este ponto, voltemos um pouco ao ponto dos afetos, para termos em vista que a afetividade humana da qual estamos falando se dá pelo movimento de afetar e ser afetado, perpassando pela atividade e passividade.

Na filosofia de Spinoza, em sua obra *Ética*, na parte III, o filósofo expõe sobre os afetos e diz que são entendidos por ele como “as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e simultaneamente as ideias destas afecções”.<sup>12</sup> Nesse sentido, as afecções são o movimento entre corpos, nos quais afetam e são afetados, variando assim sua potência de agir de forma positiva ou negativa, pelos encontros (bons e maus) que realizam no mundo. A esse respeito da filosofia de Spinoza, Gleizer diz:

Desta forma, uma afecção neutra, isto é, que deixa invariável a potência de agir, não tem dimensão afetiva. Assim, se todo afeto é uma afecção, nem toda afecção é um afeto. A variação positiva da potência de agir — ou seja, sua passagem a uma maior perfeição ou força de existir — constitui a alegria, enquanto sua variação negativa — isto é, sua passagem a uma menor perfeição ou força de existir — constitui a tristeza. Ao definir esses dois afetos que, junto com o desejo, constituem os afetos primitivos, Espinosa enfatiza sua natureza transitiva, destacando explicitamente a diferença entre o ato de passar para uma perfeição maior ou menor e o estado final alcançado após a transição.<sup>13</sup>

Os afetos não resultam de uma comparação, em que a mente faz entre o estado inicial e final do corpo. O afeto é a experiência que o ser humano vive na transição do aumento ou diminuição da sua potência, de sua vitalidade. Como na explicação de Spinoza:

Porém é de notar que, quando digo uma força de existir maior ou menor do que antes, não entendo que a Mente compara a constituição presente do Corpo com a passada, mas que a ideia que constitui a forma do afeto afirma algo sobre o corpo que na verdade envolve mais ou menos realidade do que antes.<sup>14</sup>

Tal variação de potência está ligada diretamente aos afetos ativos e passivos. Os afetos ativos resultam na potência para afetar outro corpo bem como causar nossos próprios afetos. Estes são advindos da ação do corpo e da mente. Já os afetos passivos, também chamados de paixões, ocorrem de maneira inversa em relação aos ativos, pois neles não há uma ação do

<sup>12</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 237.

<sup>13</sup> GLEIZER, Marcos André. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2005. (Passo-a-passo; 53). p. 35-36.

<sup>14</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 367.

corpo e da mente, há um padecimento destes, pois são sujeitos a forças externas e destas dependem seu estado, determinando assim o que se passa neles, resultando em não sermos causa de nossos próprios afetos.

A tríade desejo, alegria e tristeza compõe os afetos primitivos, geradores de todos os demais. O desejo é definido por Spinoza como sendo a própria essência do ser humano, “enquanto é concebida determinada a fazer [agir] algo por uma dada afecção sua qualquer”.<sup>15</sup> Também chamado de *conatus*, quando se faz referência somente à mente ou simultaneamente à mente e ao corpo. Assim, quando se refere apenas à mente, chama-se vontade, pois ela não é uma faculdade de escolha, mas o esforço contido nas ideias que constituem a mente. Quando se refere à mente e ao corpo, ou seja, ao ser humano, chama-se apetite que, seguido da consciência de si, é chamado de desejo. O desejo é definido como essência do ser humano, como determinada a agir com fins à sua preservação.

Quanto à alegria, afeto que marca uma passagem do corpo e da mente, de uma potência menor a uma maior de agir, essa passagem fortalece o *conatus*, contribuindo para a preservação do ser na existência.<sup>16</sup> Por outro lado, a tristeza é a passagem de um estado maior para um menor de sua potência de agir. Inversamente à alegria, não fortalece o *conatus* e nos faz experimentar brutalmente a impotência do corpo e da mente, deixando-nos paralisados diante da exterioridade.<sup>17</sup>

A passividade leva o ser humano, a supor inadequadamente que sua força de existir é aumentada quando se volta para coisas externas, como fonte de causa para isso. O ser humano entregue ao medo, à superstição, às paixões tristes coloca seu aumento de potência em algo externo. Com isso, ele se julga livre, quando, na verdade, somente está criando para si mesmo sua própria prisão.

A alegria, por outro lado, leva o indivíduo adequadamente para o fluxo constante de vida e, em consequência, para a expansão de sua própria vida, isso porque esse afeto faz os indivíduos não esperarem passivamente pelos outros para agir em seu nome ou em seu lugar. Ele mesmo toma a frente da situação e age. Não delega aos outros o rumo de sua própria vida e procura expandi-la por si mesmo.

O indivíduo entende nele próprio as possibilidades para agir. Ele reconhece essas potencialidades que até então, estando num estado de servidão ou de passividade, não conseguia notar. Quando se dá conta disso, age para a autonomia de si mesmo e do outro. Desse modo,

---

<sup>15</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 339.

<sup>16</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 341.

<sup>17</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 341.

um ser humano ativo é capaz de transformar tudo a seu redor, ou seja, sua própria realidade, pois ele não espera por ninguém nem lamenta. Ele age em prol do benefício comum, e isso o faz a partir dos encontros que realiza e são capazes de potencializar sua expansão, fazendo-o passar para a perfeição de uma maior liberdade e o afastando cada vez mais da servidão. Já o ser humano passivo é também capaz de transformação, só que, nesse caso, tudo o que é modificado por ele é contaminado de tristeza, colaborando cada vez mais para manter a si mesmo e os demais no estado de servidão.

O ser humano vive constantemente ora sob afetos passivos, ora sob afetos ativos. Desse modo, podemos notar que não há, nesse sentido, uma vivência constante em somente um deles. Até mesmo o ser humano mais ativo pode ser aplacado por um afeto passivo, basta que nele surjam ideias inadequadas, as quais o deixarão à mercê da falta de clareza e confuso.

Expomos anteriormente acerca de ideias adequadas e inadequadas, sendo as primeiras, ideias claras e distintas que revelam sobre as coisas na mente de Deus e que fazem o ser humano se aproximar mais dele e, com isso, havendo o aumento de sua potência. Já as inadequadas são aquelas ideias confusas, mutiladas ou que se apresentam em apenas um aspecto. Essas ideias são propriamente humanas, pois, na mente divina, não há ideias inadequadas, pois ela compreende por completo todo fluxo de vida e realidade de que é geradora.

Nesse sentido, originam-se das ideias adequadas os afetos ativos. Estes são frutos do esforço adequado que o ser humano faz de sua potência intelectual, ou seja, a razão tem em si uma afetividade que lhe é própria; portanto não há oposição entre afetividade e razão. Conforme afirma Spinoza: “A Mente, tanto enquanto tem ideias claras e distintas como enquanto as tem confusas, esforça-se para perseverar em seu ser por uma duração indefinida e é cônica deste seu esforço”.<sup>18</sup>

Há uma determinação do desejo que leva o ser humano a agir, que pode variar adequada ou inadequadamente. Assim, da mesma maneira que há desejos passionais marcados por ideias inadequadas, há também desejos racionais marcados por ideias adequadas, que são os desejos mais apreciados na filosofia de Spinoza, pois conduzem à libertação.

Tendo em vista que os afetos ativos são propriamente explicados por nossa essência, como seres desejantes, torna-se mais fácil mostrar que eles são necessariamente positivos, pois, segundo a doutrina do *conatus*, nada do que se explica somente pela natureza de determinada coisa pode levar à sua diminuição ou até mesmo a sua destruição. Isso implica, portanto, que o

---

<sup>18</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 253.

*conatus* não pode gerar tristeza, pois ele visa à sua expansão e não à sua diminuição; ele procura se manter na existência e não em sua destruição.

Assim, a afetividade, quando ativa, é definida por sua alegria e positividade. Diferentemente dos afetos ativos (afetividade ativa), os afetos passionais (afetividade passional), por dependerem de coisas exteriores, podem variar entre coisas tristes ou alegres, em razão do que nos convém ou não entre essas coisas. Segundo Gleizer, o par ativo/passivo não recupera nada em relação ao par positivo/negativo, pois, apesar de as ações serem necessariamente alegres, as paixões não estão determinadas a serem tristes.<sup>19</sup> A esse respeito, ele observa:

Há, no entanto, uma diferença de importância ética fundamental entre os afetos ativos e os passivos, mesmo quando estes últimos também são alegres. Com efeito, as paixões, ao resultarem naturalmente de nossa interação com causas exteriores sempre variáveis, se caracterizam pela instabilidade e trazem a marca de nossa dependência em relação ao outro, de nossa heteronomia e alienação. Com elas nosso *conatus* se deixa orientar do exterior pelas afecções que nós sofremos, sendo as paixões eventos que nos ocorrem mas que escapam ao nosso poder, colocando-nos à mercê da fortuna. Por outro lado, as ações, ao resultarem exclusivamente de nossa natureza, se caracterizam pela constância e trazem a marca da autonomia e do exercício plenamente eficaz de nosso *conatus*. Por isso, é sobre elas que repousará o projeto de liberação e a experiência da beatitude.<sup>20</sup>

Essa interação que fazemos com os demais e da qual não podemos escapar contribui para nossa variação de potência, mostrando, assim, o quanto somos levados naturalmente pela instabilidade que vivemos na relação com os outros. Esse aspecto pode ser visto nas coisas que nos causam amor e nas que nos causam ódio.

Na parte III de *Ética*, Spinoza diz que a mente se esforça o quanto possível para poder imaginar coisas que facilitem e façam com que sua potência seja aumentada para não retrair o corpo, mas, sim, levá-lo a agir.<sup>21</sup> Ou seja, a mente se esforça necessariamente para o *conatus* aprender a ser fortificado por afetos alegres e não confundir os afetos tristes como sendo causadores do aumento de potência, como ocorre quando somos levados de maneira inadequada a pensar que estamos na alegria, quando, na verdade, estamos sendo conduzidos totalmente por coisas exteriores e ensinando ao *conatus* que o mínimo possível é o que ele deve fortalecer para que nos mantenha na existência.<sup>22</sup> A alegria, quando unida à ideia de uma causa externa, é o

<sup>19</sup> GLEIZER, *Espinosa & a afetividade humana*, p. 39.

<sup>20</sup> GLEIZER, *Espinosa & a afetividade humana*, p. 39.

<sup>21</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 259.

<sup>22</sup> Os afetos de tristeza também contêm em si pontos conectados aos afetos de alegria. Um afeto de tristeza não é só tristeza. Na filosofia de Spinoza, todas as coisas estão, em alguma medida, conectadas, alguma coisa faz parte de outra. Por exemplo: não somos um único corpo, mas a integração de muitos corpos diferentes que se organizam e nos permitem construir o corpo que temos.



que define essencialmente o amor, como escreve Spinoza, o “Amor é a Alegria conjuntamente à ideia de causa externa”.<sup>23</sup>

Como nem sempre estamos na alegria e convivemos afetivamente com diversos afetos opostos ao movimento que naturalmente nosso *conatus* realiza, tendemos então pela memória reviver um afeto de alegria com intensidade, desde a primeira vez em que ocorreu. Esse esforço visa a representar o objeto exterior para fazê-lo presente. O desejo, por sua vez, que foi alterado pelo amor, ou seja, o amor mostra ao desejo o que ele deve naturalmente buscar e, com isso, o desejo procura por tal objeto amado.

Vale ressaltar, porém, que o amante, quando tem vontade de se unir ao objeto amado, não revela a natureza do amor, mas apenas uma propriedade deste:

Mas cumpre notar que, quando digo ser uma propriedade no amante unir-se pela vontade à coisa amada, não entendo por vontade o consentimento ou a deliberação do ânimo, ou seja, o decreto livre [...], nem tampouco o Desejo de unir-se à coisa amada, quando ela está ausente, ou de perseverar na presença dela, quando está lá; pois o amor pode ser concebido sem este ou aquele Desejo; por vontade, todavia, entendo o Contentamento que se dá no amante diante da presença da coisa amada e que corrobora, ou pelo menos fomenta, a Alegria do amante.<sup>24</sup>

Contrariamente à alegria/amor, temos o ódio/tristeza, demonstra Spinoza na proposição 13 da parte III. A mente, ao imaginar coisas que reduzem sua potência e a potência do corpo simultaneamente, esforça-se mediante a recordação de coisas que possam banir e excluir tais ideias,<sup>25</sup> pois é uma tendência natural afastar do corpo e da mente tudo aquilo que os faz perder potência. A mente não se esforça para imaginar aquilo que a entristece, o que seria contrário ao *conatus*. Assim, o ódio é “a tristeza conjuntamente à ideia de causa externa”.<sup>26</sup>

Podemos notar que amor e ódio estão ligados às causas externas. Dessa maneira, colocamos no âmbito da servidão, até mesmo o amor, que, apesar de nos alegrar um pouco, é causado por algo externo. As ideias imaginativas presentes no amor e no ódio são inadequadas, mutiladas, confusas, fonte de falsas interpretações acerca dos objetos exteriores bem como da própria natureza do indivíduo desejante. Sua tendência é, pois, tomar a parte pelo todo, projetando, assim, sobre a natureza do objeto exterior o efeito que causa em nós. Conforme Gleizer:

Na perspectiva invertida da imaginação, o útil que necessariamente desejamos em virtude do *conatus* aparece como livremente escolhido por nós. O objeto do desejo, destacado das circunstâncias exteriores e momentâneas que o determinam como útil, aparece como um fim desejável em si, como um bem em si que exerce uma atração

<sup>23</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 343.

<sup>24</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 343-345.

<sup>25</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 259.

<sup>26</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 345.

sobre nós. Dessa forma, ele aparece como fundando “objetivamente” nossos juízos de valor, motivando nossas escolhas, enfim, inclinando nossa vontade sem, no entanto, determiná-la. Com isso, nós acreditamos falsamente que desejamos os objetos por julgarmos que eles são bons em si, quando, na realidade, é porque os desejamos que julgamos que são bons para nós.<sup>27</sup>

O encadeamento das ideias imaginativas está no campo da memória, ou seja, conforme uma ordem da qual não temos controle, que se dá de maneira aleatória em relação às afecções que nosso corpo experimenta. Quando um corpo humano é simultaneamente afetado por dois ou mais corpos, sempre que a mente imaginá-los, todos os outros que participaram de tal afeto também serão recordados imediatamente.<sup>28</sup> Vale ressaltar, nesse ponto, que, caso o primeiro corpo gere no corpo afetado uma afecção afetivamente neutra e um segundo corpo produza um afeto de tristeza, sempre que a mente imaginar o primeiro corpo, será conduzida a lembrar do segundo e, nesse caso, o afeto de tristeza prevalecerá, entristecendo, assim, o corpo e a mente, uma vez que “qualquer coisa pode ser, por acidente, causa de Alegria, Tristeza ou Desejo”.<sup>29</sup>

Na verdade, as conexões criadas entre as ideias imaginativas não têm para nós uma necessidade interna. A derivação delas se dá somente pela justaposição espaçotemporal entre as imagens dos objetos que chegam a nós e nos afetam, juntamente com os diversos traços de semelhanças sensíveis que notamos entre elas. Com isso podemos compreender “como pode ocorrer que amemos ou odiemos algumas coisas sem nenhuma causa que nos seja conhecida, mas apenas por Simpatia (como dizem) e Antipatia”.<sup>30</sup> Segundo Gleizer:

O simples fato de termos notado alguém nos observando em uma situação desagradável faz com que sua mera presença nos relembre aquela cena, e que essa pessoa nos apareça sob uma luz afetivamente desfavorável; assim também, a mera semelhança de um desconhecido com algum ente querido faz com que ele nos apareça sob uma luz afetivamente favorável. Essas associações por contiguidade e por semelhança permitem que qualquer coisa inicialmente indiferente possa se tornar “por acidente” objeto de amor ou de ódio, e que não importa quem possa desejar o que quer que seja. Com isso, nossas paixões, submetidas ao mecanismo associativo que reproduz na mente a justaposição espaçotemporal e a fusão das imagens corporais, se deslocam continuamente e circulam sobre um vasto campo de objetos, propiciando que nos tornemos escravos passionais de nossa situação no Universo.<sup>31</sup>

A flutuação do ânimo, ligada ao princípio de associação, trata-se da oscilação entre afetos contrários que se referem a um mesmo objeto. Com ela, surge no ser humano a divisão interior, a inconstância, a irresolução. O que ocorre é que uma mesma coisa pode ser causa de tristeza e, por sua semelhança com algo que nos causa alegria, pode ser, por acidente, causa de

<sup>27</sup> GLEIZER, *Espinosa & a afetividade humana*, p. 42.

<sup>28</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 169.

<sup>29</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 261.

<sup>30</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 263.

<sup>31</sup> GLEIZER, *Espinosa & a afetividade humana*, p. 44.

alegria. Um mesmo objeto pode ser causa eficiente em nós, pois pode causar afetos contrários e numerosos. Essa mesma coisa oscilará, fazendo com que esse objeto seja ora causa de amor, ora causa de ódio. Mesmo contrários, esses afetos não se excluem, apesar de coabitarem em nós de maneira conflitante.

Outro aspecto a ser observado no aspecto da afetividade humana é a dinâmica afetiva do medo e da esperança, que se dá na dimensão temporal, que, por sua vez, também está conectada à flutuação do ânimo sobre qual acabamos de falar e que, posteriormente, estará conectada à dinâmica afetiva que ocorre entre o sábio e o ignorante.

Na dimensão temporal, na qual ocorre a dinâmica afetiva de oscilação entre o medo e a esperança, temos uma abertura para a ideia imaginativa de uma coisa futura ou passada poder ocorrer e não mais somente a ideia de uma coisa presente que nos afeta, aumentando ou diminuindo nossa potência. O ser humano é afetado “a partir da imagem de uma coisa passada ou futura, é afetado pelo mesmo afeto de Alegria ou Tristeza que a partir da imagem de uma coisa presente”.<sup>32</sup> Conforme explica Gleizer:

Segundo Espinosa, toda ideia imaginativa, sendo uma representação do objeto exterior a partir da ideia da afecção causada em nosso corpo, tende a afirmar a existência presente desse objeto exterior mesmo quando ele não mais existe. A imaginação possui, como vimos, uma natureza alucinatória. Por isso, para representar um objeto como ausente é preciso que essa representação entre em conflito com a representação de algo que exclua sua existência presente. Só a presença conflitante de outras ideias pode alterar a afirmação existencial primeira. É esse conflito, maior ou menor em função da quantidade de ideias envolvidas, que determina o “coeficiente de realidade” com o qual o objeto é imaginado. Ora, esse conflito acarreta naturalmente afetos marcados pela instabilidade, incerteza e flutuação do ânimo.<sup>33</sup>

Essa instabilidade na vida afetiva, provocada pela esperança e pelo medo, surge da incerteza acerca das coisas sobre as quais temos dúvida. Assim, Spinoza diz que a esperança é originada de uma “Alegria inconstante originada da imagem de uma coisa futura ou passada, de cuja ocorrência duvidamos”.<sup>34</sup> E o medo é uma “Tristeza inconstante originada da imagem de uma coisa duvidosa”.<sup>35</sup> A dúvida acerca da imagem que criamos de determinado objeto faz com que criemos uma conexão entre medo e esperança a tal ponto que um não exista sem o outro.

Podemos notar, porém, que surge certa estabilidade nas relações a partir do medo e da esperança, contudo é precária, pois recai sob o campo de um conhecimento inadequado, ou seja, mutilado, incompleto, acerca dos acontecimentos temporais, de maneira que a ausência da

<sup>32</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 267.

<sup>33</sup> GLEIZER, *Espinosa & a afetividade humana*, p. 45-46.

<sup>34</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 269.

<sup>35</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 269.

dúvida não pode ser confundida e não pode ser equivalente à posse de uma certeza intelectual. Caso isso ocorra, ela também será inadequada. A instabilidade contida no par que mencionamos será, em outros trabalhos de Spinoza, a saber, o *Tratado Teológico-Político* (1670)<sup>36</sup> e no *Tratado Político* (1676-1677),<sup>37</sup> ponto crucial em sua explicação acerca da gênese da superstição e em suas análises sobre as instituições religiosas e políticas.

### **2.3 O sábio se entende como parte integrante da Natureza, o ignorante se imagina como aquele que toma decisões livres e, por isso, sua vida é, em grande medida, triste**

O sábio e o ignorante são duas posturas filosóficas no pensamento de Spinoza que fazem com que o ser humano possa dar um passo mais firme para ser tornar livre. Tais posturas, respectivamente, dizem respeito primeiro àquele que, com toda a necessidade da Natureza, age; e, segundo, àquele que permanece na servidão dos afetos e é levado de um lado a outro sem entender corretamente a forma pela qual age. No primeiro caso, há um reconhecimento de que não se é plenamente livre; já no segundo caso, tais indivíduos se julgam livres por conta da consciência que têm em relação a suas volições e apetites, porém “nem por sonho cogitam das causas que os dispõem a apetecer e querer, pois delas são ignorantes”.<sup>38</sup>

Sábio não se trata de alguém que adquiriu conhecimento suficiente para transmitir para os demais, que, na estrutura social, está numa posição privilegiada do saber. Trata-se daquele que entendeu que a vida humana e todas as outras seguem regras naturais que não podem ser quebradas e que não conseguiremos quebrar. O sábio entende que, por mais que entendamos a Natureza e a queiramos moldar à nossa maneira, ela sempre buscará outras formas de se modificar, corrigindo, assim, o que não está inscrito em suas leis naturais. Ela é muito mais potente que o ser humano; aliás, estamos falando da potência da substância infinita, ou seja, de Deus que é potência pura. O sábio compreende que vida busca sempre um meio de realizar aquilo que está em ato na mente divina.

O ignorante, por sua vez, pensa que domina a Natureza e que pode lidar com a força que ela tem (ao falarmos da força da Natureza, estamos nos referindo às mudanças climáticas que, em grande medida, são provocadas pelo ser humano, causadas pela ação humana, devido a seu

---

<sup>36</sup> ESPINOZA, *Tratado teológico-político*.

<sup>37</sup> SPINOZA, Baruch. *Tratado político*. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio; revisão da tradução Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

<sup>38</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 111.

entendimento inadequado quanto à forma de lidar com a Natureza). No entanto, vale ressaltar que a força da Natureza também se transmite pela força dos afetos. Estes, nesse sentido, são outra forma de força fazendo com que os seres humanos sejam movidos, mas que passam despercebidos por aquele que ignoram sua presença.

Ainda com relação à força da Natureza, não estamos dizendo aqui ou defendendo uma servidão a ela nem que deva ser cultuada ou algo do tipo, porém afirmamos que a Natureza não pede permissão nem segue o querer humano. Ela segue somente sua necessidade natural e continua se modificando conforme inscrito em suas leis. O ser humano consegue realizar certas modificações na Natureza (se é que podemos dizer que o consegue), pois ele não tem o conhecimento suficiente do que acontece na Natureza de maneira geral. Nosso conhecimento acerca dela é sempre fragmentado, porém a Natureza trabalha totalmente de modo interligado, em que cada ponto leva a uma série de efeitos quando nele se interfere. Por exemplo, estudos recentes sobre as plantas mostraram que elas se comunicam entre si quando estão em perigo, através de compostos elétricos em suas raízes, ou seja, não sabemos o que pode ir além de uma “simples” comunicação de perigo.<sup>39</sup>

Podemos notar, portanto, que nada passa despercebido na teia que interliga todo o sistema natural, no qual os seres humanos são apenas uma parte, que se considera a mais importante por conta de sua racionalidade, porém esquece ser jovem demais num sistema complexo modificando-se sem sua “permissão”. O sábio, em vista disso, não busca ir contra a Natureza, todavia busca se apoiar em tudo aquilo que ela proporciona. Procura, com todos os meios, fazer bom uso de toda força que passa por si, pois ele compreende que, apoiando-se nessas forças, ele aumenta, sempre mais e mais, sua potência e se transforma num ser humano melhor, tanto nas relações com seus semelhantes como em relação com os outros modos da substância divina.

Para que haja tal processo, é preciso que todo preconceito que, com o tempo, foi tomando conta da mente daquele que ignora todas essas coisas seja questionado e olhado de um ângulo diferente, caso contrário, segue sua vida impotente, triste e segurando o peso do desconhecimento daquilo que pesa sobre seus ombros. Assim, Spinoza escreve no apêndice da parte I de *Ética*: “Embora os corpos humanos convenham em muitas coisas, discrepam,

---

<sup>39</sup> FORATO, Fidel. As plantas conversam entre si, mas não do jeito que você pensa. In: *Canaltech*, 4 fev. 2024. Disponível em: <https://canaltech.com.br/ciencia/as-plantas-conversam-entre-si-mas-nao-do-jeito-que-voce-pensa-278001/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

contudo, em várias, e por isso o que a um parece bom, a outro parece mau; o que a um parece ordenado, a outro, confuso; o que a um é desagradável, a outro, desagradável”.<sup>40</sup>

O ignorante é um ser humano impotente, pois vive muito mais na tristeza do que na alegria. Na vida diária, é aquele que está de um lado a outro pelas ruas, sempre atrasado, com o peso das coisas que deram errado, ressentido, irritado. Seu fardo lhe é cada vez mais pesado devido a dificuldades e desgostos que o afligem, deixando sua vida se tornar um obstáculo. Diferentemente do sábio, o ignorante carrega mais peso por conta de sua própria ignorância.

Isso gera nele outro aspecto que se repete diariamente. Ele é o ser humano que reclama de tudo e de todos, fala mal de todos, maldiz a vida: “viver é puro sofrimento”, “valeria mais não ter nascido”. Nada para ele está bom, nada é bom o bastante, nada lhe convém, é um ser humano que pensa que tudo está contra ele, inclusive ele mesmo, seu próprio corpo não lhe convém, ou seja, mente e corpo lhe são desarmonicos. O ignorante sofre verdadeiramente, porém não compreende as causas desse sofrimento pelo qual passa e, por isso, vive a se lamentar,<sup>41</sup> achando ser tudo sua culpa, ser a vida sofrimento, e assim por diante. Vai descontando suas frustrações por meio de suas reclamações. É um ser humano que mais se aproxima da morte e medita mais sobre ela do que medita sobre a vida e as potencialidades que o permitem existir.

Dada à limitação de nossa natureza, nossa finitude, somos levados, em dado momento da vida, a recorrer às reclamações, pois, como modos finitos da substância infinita, estamos sujeitos ao constrangimento de potências que nos superam. Com isso, o que vemos é um embate de forças, ou seja, um embate de *conatus* que alguns são mais fortes que outros, e isso é a mais pura manifestação da Natureza. Da perspectiva da Natureza, de modo geral, tudo é manifestação da potência de Deus, tudo convém, pois seu agir é sem nenhum constrangimento. A Natureza age sem ser constrangida por algo que lhe seja exterior; nem podemos falar de algo exterior, pois, no pensamento spinoziano, não há uma exterioridade que controla o mundo de fora. No entanto, o ignorante não percebe que todas as coisas que lhe acontecem são, na verdade, expressões da própria Natureza, que expressa a si mesma, por si mesma.

---

<sup>40</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 119-121.

<sup>41</sup> Em *Tratado político*, Spinoza diz que a postura deve ser não rir, não chorar, não lamentar, mas compreender. “Os filósofos concebem os afetos com que nos debatemos como vícios em que os homens incorrem por culpa própria. Por esse motivo, costumam rir-se deles, chorá-los, censurá-los, ou (os que querem parecer os mais santos) detestá-los” (SPINOZA, *Tratado político*, p. 273). Portanto, fazendo uma pequena ligação com esse trecho, quem ria da condição humana era o filósofo pré-socrático Demócrito, quem lamentava da condição humana era Heráclito. Spinoza, ao contrário, propõe que, em vez de assumir tais posturas sobre os afetos, devemos procurar compreendê-los.

O ser humano que chega ao terceiro gênero de conhecimento se dá conta de é Deus ou a substância infinita, conhecendo a si mesmo por meio dele, pois “é o próprio Amor de Deus pelo qual Deus ama a si próprio, não enquanto é infinito, mas enquanto pode ser explicado pela essência da Mente humana considerada sob o aspecto da eternidade”.<sup>42</sup> Esse é o ponto culminante no caminho ético proposto por Spinoza, que é a passagem da ignorância, na qual imperam as paixões, as ideias inadequadas, para a sabedoria, campo das ideias adequadas e da ciência intuitiva. É na sabedoria que se pode atingir a verdadeira liberdade e alcançar a beatitude.

Como tudo convém à Natureza, podemos dizer que tudo convém ao sábio, pois ele conseguiu perceber o todo no qual está ligado e, com isso, entrou em sintonia com tudo o que o cerca. Vale ressaltar que não se trata de um ser humano que se torna passivo diante do mundo e que aceita tudo, pois isso seria uma falsa sabedoria, uma vez que estaria no estado de servidão. Dissemos anteriormente que o sábio não é aquele numa posição privilegiada e acima dos demais. Sua sabedoria não é algo fixo. Ela se dá diariamente nas relações que tem com os demais modos da substância e, principalmente, com os modos humanos.

O ser humano que pratica a postura do sábio é aquele que se faz e se desdobra no embate de forças como o normalmente é na Natureza. Sua sabedoria é dada pelo caminho que percorre bem como sua serenidade que, admirada pelos demais, não se dá por fuga da realidade dura (como os demais podem entender), mas, sim, pelo enfrentamento dos demais *conatus* com os quais encontra e que podem aumentar ou diminuir sua potência de agir. Trata-se de saber que a fortuna o pode aplacar a qualquer momento, porém segue tentando realizar suas conquistas dentro da própria realidade.

Na proposição 67 da parte IV de *Ética*, Spinoza escreve: “Não há nenhuma coisa em que o homem livre pense menos do que na morte, e sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida”.<sup>43</sup> Meditar sobre a vida nada mais é que entender que ela segue uma lógica diferente da qual podemos pensar a partir de nossa racionalidade. Ela simplesmente ocorre na maneira como somente poderia acontecer e sem que haja o sentimento de culpa ou de mágoa, até porque essas coisas são noções próprias do ser humano e não da lógica interna da vida como um todo.

A meditação do sábio ou do homem livre sobre a vida resulta no trabalho e no esforço para criar condições e gerar no mundo bons encontros, ou seja, para tornar o mundo conveniente, fértil, propício. No entanto, não podemos pensar tal mudança como algo que

---

<sup>42</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 567.

<sup>43</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 483.

ocorre da noite para o dia, pois, antes de chegarmos à sabedoria, passamos pelo estado de confusão em que não sabemos o que nos convém,<sup>44</sup> pois, como seres humanos, somos atravessados pela flutuação ora da sabedoria, ora da ignorância.<sup>45</sup>

O ser humano passa, por exemplo, por muitas fases durante a vida. Quando criança, o que pode convir para ele, em grande parte, são os doces agregados à nossa alimentação. Já na juventude, aflora a vida sexual e outras coisas que ele possa julgar que convêm a ele. Na fase adulta, o envolvimento com o trabalho e a produção de dinheiro para seu autossustento, e assim por diante. Cada um vive em seu universo particular, limitado pelos afetos à sua disposição, escapando, assim, as outras possibilidades de vida que passam despercebidas; fogem dele por não se dar conta e não conseguir percebê-las.

Quando vivemos ao acaso dos encontros, não conseguirmos perceber nem entender o que nos convém ou não. Por isso se fazem urgentes a coerência e a constância nos encontros, ou seja, o que Spinoza quer dizer com isso é que cada pessoa que não busca a coerência não extrapola para além do que pode compreender, isto é, não ultrapassa o primeiro gênero de conhecimento que se dá pelo que os outros dizem. Ela mesma não procura, por si, compreender para além do que lhe dizem. Para ela, é mais confortável deixar as coisas da forma como estão, devido à sua limitação que ela mesma se impõe ao viver confortavelmente na opinião alheia, o que a impede de querer avançar no processo do conhecer. Com isso, suas concepções sobre a realidade, sua maneira de entendê-la não passa de uma ficção de seu pensamento, dado de modo incompleto pela imaginação que dificulta explicar o mundo. É daí que nascem as incoerências no percurso da existência, pois, na verdade, “na natureza das coisas nada é dado de contingente, mas tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e operar de maneira certa”.<sup>46</sup>

Spinoza quer dizer com isso que a incoerência é uma impotência, é uma lente equivocada pela qual olhamos para buscar compreender o mundo, porém o resultado é um erro

---

<sup>44</sup> Na Natureza tudo convém; ou seja, para ela, tudo é perfeito e ordenado. No entanto, para os seres humanos, são necessárias certas precauções nesse sentido. Por exemplo, convém-nos beber água, e a Natureza nos fez para tomarmos água e nos limitou na quantidade de água, mas não nos limitou em poder ingerir para além do que ela estabeleceu. Com isso, beber água faz bem, porém podemos passar mal se ingerimos mais do que precisamos. Nesse caso, podemos notar que o raciocínio lógico do autor é, se a liberdade se limita a esse tipo de situação, logo, não somos tão livres como pensamos. Se a liberdade se aplica somente em alguns casos, ela é uma construção humana para algumas circunstâncias da vida.

<sup>45</sup> O sábio não é puramente sábio, ele também tem momentos de ignorância, mas, diferentemente do ignorante, ele consegue perceber e reverter tal situação. É por isso que sua sabedoria é um exercício diário. O ignorante tem também momentos em que pode se tornar sábio, porém, ao passar por esses instantes, logo se vê condenado pelos preconceitos que possuem sua mente, julga como algo mau e despreza os momentos que o possibilitariam se tornar um sábio. Ele não explora o sábio que existe dentro de si em ato.

<sup>46</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 95.



na compreensão, é inadequada essa forma de conhecer. A razão, nesse processo, busca encontrar coerências entre as coisas e a maneira como elas se comunicam reciprocamente, uma vez que, na filosofia spinoziana, elas estão conectadas.

A constância é como o verso da moeda com a coerência. É procurada pelo segundo gênero de conhecimento (conhecimento racional), pois “não é da natureza da razão contemplar as coisas como contingentes, mas como necessárias”.<sup>47</sup> A constância nada mais é do que a necessidade que existe intrinsecamente ao mundo. Tudo está conectado por um nexos causal, em perpétua relação. Pelo segundo gênero, saímos da inconstância, que surge pelo equívoco de compreender a realidade, saímos do conhecimento fragmentado e conseguimos, como que num quebra-cabeça, começar a articular as partes, as causas e os efeitos. A partir daí vemos a consistência necessária, e o que parecia absurdo passa a fazer sentido. Compreender isso torna o conhecimento um forte aliado e utilizamo-nos dele para irmos aos poucos nos tornando livres.

Quanto mais o ser humano é capaz de conhecer as propriedades comuns dos afetos e a maneira como eles contribuem para a flutuação de sua potência, torna-se mais capaz de selecionar os encontros que quer realizar. Este é o esforço de Spinoza, demonstrar que os afetos não devem ser suprimidos e que isso é impossível de se fazer, pois eles também são uma parte da Natureza da qual somente nós somos capazes de notá-los. Ou seja, para ele, o sábio não é quem suprime os afetos, mas é o que sabe lidar com eles, que sabe usá-los para aumentar sua potência de agir. Os afetos são uma parte importante na construção do sábio spinoziano.

É pelos afetos que o sábio sabe identificar aquilo que lhe convém ou não. Quando sua potência é aumentada, seu *conatus* o faz perseverar mais fortemente na existência, sua vida se desdobra para além de si mesmo, percebendo que não está separado da Natureza, mas imerso nela. Isso significa que ele realizou um bom encontro e temos então a equação de soma de duas potências. Um corpo convém a outro, pois ambos partilham mutuamente de potências que se juntam e se tornam mais fortes, uma vez que, “enquanto uma coisa convém com nossa natureza, nesta medida é necessariamente boa”.<sup>48</sup>

Quando há, porém, uma diminuição de sua potência, quando ela é estrangida, isso quer dizer que ele realizou um mau encontro, em que uma potência externa não se somou à sua; ao invés disso, subtraiu tanto que lhe deixou com baixa potência de agir, causou-lhe estrangimento. Portanto, esse encontro não lhe convém, pois “nenhuma coisa pode ser má pelo que tem de comum com nossa natureza, mas, enquanto nos é má, nesta medida nos é

---

<sup>47</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 207.

<sup>48</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 419.

contrária”.<sup>49</sup> Lembremos que a alegria é direcionada para as coisas que nos convêm, já a tristeza direciona-se para as coisas que não nos convêm, que nos constroem e diminuem nossa potência de agir.

A vida segue nessa constante variação de potência, resultado dos encontros que os corpos realizam no mundo. Certamente, alguns nos ajudam no percurso de passagem da servidão para a liberdade, mas outros nos mantêm na servidão constantemente. A filosofia de Spinoza, por meio de *Ética*, é justamente auxiliar a traçar o percurso que nos faça sair da servidão e nos conduza à liberdade. Para o filósofo, porém, é muito claro que não se pode fazer isso sem considerar os afetos; ou seja, sua proposta é passar da servidão para a liberdade, apoiando-se na força dos afetos.

Não podemos, contudo, fazer esse percurso sem que esteja presente a razão, porque, sem ela, vemos o que brota da impotência de moderar os afetos, a saber, a incoerência e a inconstância, que nos tornam incapazes de organizar e selecionar os encontros que fazemos. A sabedoria só pode surgir dos afetos. Sem eles, passamos a ignorar aquilo que nos atravessa e estaremos impossibilitados de compreender tudo aquilo que ocorre em nós. Sem essa compreensão, fazemos coisas que poderiam ser evitadas se tivessem sido mais bem pensadas e analisadas com o auxílio da razão, que, aliás, este é seu trabalho, mostrar com precisão o que pode acontecer caso sejamos conduzidos totalmente pelos afetos.

Uma vez conduzidos pelos afetos, estamos imersos no estado de servidão. Neste nada nos convém, pois estamos no acaso dos encontros; estamos à mercê da fortuna que se torna nossa guia. Desse modo, não somos ativos nas coisas que nos acontecem. A esse respeito, escreve Spinoza no prefácio parte IV de *Ética*, no qual diz que o ser humano “não é senhor de si, mas a senhora dele é a fortuna, em cujo poder ele está de tal maneira que frequentemente é coagido, embora veja o melhor para si, a seguir porém o pior”.<sup>50</sup> O sábio se esforça para escapar de seu estado de servidão, que produz contrariedades, alienação, violência, e sua saída é pelo desenvolvimento de seu conhecimento acerca da realidade em que se encontra. Podemos dizer que ele vive dentro de si, no seguinte sentido, pois compreende que está sempre sujeito à servidão dos afetos, porém se esforça para sair de tal estado. É potente, forte, conhece a si mesmo, ainda que minimamente.

O ignorante, pelo contrário, vive fora de si. É inconstante, incoerente e incapaz de compreender que aquilo que ele denomina liberdade, na verdade, é um erro de compreensão da realidade, não sendo capaz de perceber que há muitas forças que atuam sobre ele. Sendo

---

<sup>49</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 419.

<sup>50</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 171.

arrastado por essas incompreensões, desse modo, ele vive fora de si, ou seja, vive totalmente pela motivação exterior. Esse indivíduo não convém a si mesmo. Ele se esquece de seu próprio corpo,<sup>51</sup> dado seu estado de alienação. Com isso, é impotente, fraco, incapaz de conhecer a si mesmo e, por isso, continuamente se estranha, vive à margem de si mesmo.

O riso, o choro, o maldizer são rejeitados por Spinoza, justamente porque impedem o ato de compreender, sumamente importante para o processo de tornar-se livre. Se, em vez de conhecer, o indivíduo opta por maldizer a realidade, o mais provável que aconteça é seu fechamento para o mundo, seu isolamento; no entanto, essa não é a melhor opção, não há como sair deste mundo em momento algum. Apesar de pensarmos que saímos da caverna, permanecemos nela, só que, agora, não mais na escuridão. Por nosso esforço, chegamos à sua parte iluminada, onde são produzidas as realidades que julgávamos serem verdadeiras. Não é possível sair do mundo. Com Spinoza, a transcendência foi extinta, desse modo, é precioso fazer da imanência nossa aliada e se apoiar nela para nos tornarmos livres.

Tudo isso é possível quando nosso grau de potência está elevado, pois estamos mergulhados na alegria; a faísca para isso é um bom encontro. Deste podemos ter múltiplas possibilidades, como unir forças, descobrir novos caminhos, aliar-se aos demais. O encontro que convém é aquele resultante da soma de todos esses fatores e que nos faz ver o mundo de outras perspectivas, sob a orientação da razão. Podemos notar, em Spinoza, um duplo movimento que ora se volta de maneira individual, ora para a coletividade, mostrando que não podemos viver isolados dos demais, porém, ao mesmo tempo, não podemos viver à mercê dos outros.

Na parte IV de *Ética*, Spinoza escreve: “Enquanto os homens vivem sob a condução da razão, apenas nesta medida necessariamente convêm sempre em natureza”.<sup>52</sup> Ou seja, as naturezas não convêm caso sejam incompatíveis, não convêm a alegria com a tristeza, os seres humanos se aliam uns aos outros enquanto percebem que são fracos quando estão solitários. Quando duas naturezas racionais se encontram, sabem que podem se fortalecer mutuamente, visto que uma complementa a outra, no entanto, essa é apenas uma das várias possibilidades de se pensar essa questão.

Para a sociedade funcionar, é preciso que cada um colabore com algo. É nesse sentido que o filósofo escreve, dizendo que “na natureza das coisas não é dado nada de singular que

---

<sup>51</sup> O corpo aqui não somente como material orgânico, mas como relação que mantém com o mundo e com as coisas com as quais está ligado.

<sup>52</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 425.

seja mais útil ao homem do que o homem que vive sob a condução da razão”.<sup>53</sup> Outro ser humano é o que mais convém à nossa natureza. Entre as coisas finitas singulares, é útil tudo aquilo que aumenta nossa capacidade de agir, pois favorece os afetos de alegria, e nisso está incluso fortemente outro ser humano. No apêndice da parte IV de *Ética*, Spinoza escreve sobre o estabelecimento de tais vínculos que fortalecem as relações sociais, dizendo que “aos homens é primordialmente útil estabelecer relações e estreitar aqueles vínculos pelos quais, de maneira mais apta, fazem-se todos eles um só e, absolutamente, [é útil] fazer tudo aquilo que serve para firmar as amizades”.<sup>54</sup>

Pela proposição 40 da parte IV, temos uma dimensão política, na qual diz que “as coisas que conduzem a Sociedade comum dos homens, ou seja, que fazem com que os homens vivam em concórdia, são úteis; e más, ao contrário, as que introduzem discórdia na Cidade”.<sup>55</sup> Tudo aquilo que favorece a boa convivência na cidade é útil para todos, e todos se beneficiam disso. Porém Spinoza não é ingênuo e alerta que nem sempre a sociedade viverá em constante concórdia, em constante alegria (talvez seja mais comum, na cidade, a tristeza do que a alegria). É preciso ter em vista que, assim como o bem de nossos semelhantes, devemos também esperar deles o pior, ou seja, o pior virá daqueles que vivem imersos e são comandados pelas paixões. Os seres humanos vivem em concórdia e são úteis uns aos outros, conforme são conduzidos pela razão. Não há utilidade verdadeira a não ser sob essa condição, que o ser humano seja orientado pela razão. O aumento de nossa potência depende, quando se trata da vida social, do esforço que a cidade realiza para cultivar uma vida racional. Desse modo, o útil singular se combina com o útil comum.

O fechamento que ocorre na vida social atualmente é também um tipo de servidão. A solução e, ao mesmo tempo, origem desse problema passa totalmente pelos encontros que realizamos com os demais e pelos afetos que produzimos e colocamos em circulação. Como os afetos circulam o tempo todo, precisamos identificar quais nos convêm, por isso é preciso termos a atitude do sábio, que não espera por ninguém. Ele se lança nesse emaranhado de afetos e faz com que eles possam convir com sua natureza mediante seu esforço e suas ações.

O sábio não fica como um espectador. Mesmo que se depare com um afeto de tristeza, ele procura, nesse afeto, pontos que possam fortalecer sua potência. Isso é possível se pensarmos que os afetos são um misto de coisas, e depende muito mais de nossa potência para transformá-lo em algo do que dele próprio, isto é, o afeto de tristeza pode nos abater se nossa

---

<sup>53</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 427.

<sup>54</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 499.

<sup>55</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 443.

potência estiver fragilizada; do contrário, pode dobrar a ponta desse afeto e tirar dele algo que se transforme em alegria. O ignorante, por sua vez, não percebe a sutileza que existe nos afetos, pois, como sua potência é sempre baixa, no primeiro tombo, maldiz, reclama e para de agir. Ele simplesmente, como já dissemos, é levado de um lado a outro sem a busca pelo aumento de sua força, que permanece inativa dentro dele por falta de motivação em si mesmo para ativá-la.

O aumento daquilo que nos convém é, ao mesmo tempo, a utilidade que se dá de uns para com os outros. O que nos convém se dá por aquilo que nos é útil, fazendo-nos agir, sentir, pensar. A conveniência está ligada ao aumento de potência e não à negação desta. Ela é a somatória que resulta em algo maior que as partes que o compõem. O caminho é longo até o sábio perceber que tudo lhe convém e que há nele a capacidade suficiente para ter parte nesse processo, fazendo com que as coisas possam convir com ele, uma vez que, na Natureza, todas as partes se articulam de maneira certa. Nela não há contradições e imperfeições, tudo é harmônico, perfeito e determinado.

Somos, assim, capazes de fazer isso, pois somos partes da Natureza. Ela está por toda parte, e vale ressaltar que não somos um império num império. Somos graus de potências se expressando a todo instante, lutando para perseverar na existência. Do ponto de vista de Deus, tudo nos convém. Não existe nada além do que bons encontros, o mal não está presente nessa realidade (lembrando que Deus age por ideias adequadas, gera causas adequadas, pois é um ser puramente racional). Apesar de parecer utópico, não há outro objetivo para o sábio que não seja aprender a ver as coisas na ótica de Deus, e isso representa a chegada no terceiro gênero de conhecimento, em que ele se torna capaz gerir os encontros que faz com o mundo, pois se lança utilizando-se da força da Natureza para ir cada vez mais longe dentro de sua finitude, “mas tudo o que é notável é tão difícil quanto raro”.<sup>56</sup>

A felicidade é buscada por todos, porém, para alcançá-la, é preciso ter constância e coerência. Quando se vive na paixão e conduzido pelo acaso dos encontros, os seres humanos sempre discordam entre si. A razão serve então como auxílio, para harmonizar as relações, de maneira que cada um possa encontrar seu lugar na grande engrenagem que é a Natureza. É convivendo com os demais que percebemos que as potências individuais, reciprocamente, se fortalecem e somam-se umas às outras, uma se alimenta da outra. Vemos, por exemplo, que, por muitas vezes, a felicidade de um será a tristeza de outro, e vice-versa. Nem todos ficam felizes com as mesmas coisas, o que convém a um não convém a outro.

---

<sup>56</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 579.

De nenhuma forma, a felicidade de um contradiz a felicidade do outro, pois a liberdade de cada um é força geradora de aumento da liberdade coletiva. A liberdade se desdobra em outras liberdades, e esse é seu processo natural; do contrário, não é um ato de liberdade. Isso não pode ser percebido por aqueles que têm um olhar mesquinho, impotente e pequeno. Em Spinoza, a liberdade não tem a ver com a ideia de livre-arbítrio do ignorante, que se pensa escolhendo as coisas e achando poder fazer o que quiser, onde e na hora em que quiser. A liberdade tem a ver com a capacidade do sábio de multiplicar os bons encontros. É o aumento de potência que inicia em si mesmo, perpassando pela cidade, pelo mundo e chegando ao universo.

Ser livre é poder mergulhar profundamente nas formas de se determinar e se mover, conhecendo como funcionam as relações e interações, como o mundo opera e como circulam os afetos. No fundo, a liberdade dá vazão para a vida poder seguir seu esforço incansável e ininterrupto de produção constante de encontros que, uma vez que convenham à nossa potência, possamos chegar ao máximo dela, em que podemos afetar e ser afetados.

Falamos mais sobre a figura do sábio spinoziano, pois ele é aquele que passa pelos três gêneros de conhecimento e, com isso, está mais próximo de Deus, ou seja, da Natureza e seus processos nos quais estamos imersos. Para ele, as coisas são vistas da perspectiva da eternidade, não a transcendente, mas a imanente, na qual tudo se renova a cada nascer e morrer, todas as coisas se tornam convenientes, coerente e constantes. A capacidade de pensar e agir faz do sábio spinoziano o mais virtuoso dos seres humanos, pois ele encara as situações sem se lamentar por elas. Outro ponto é que, mesmo sendo finito, ele apreende o infinito, e esse instante de conexão com o infinito o faz alcançar a beatitude. Ele se torna apto a conhecer a si mesmo e o mundo. Em tudo que pôde, encontrou relações de coerência e se esforçou para ver, nas pequenas e nas grandes coisas, a constância que passa por eles.

Quando retratamos esse processo de se tornar sábio, pode-se pensar que há um afastamento dele em relação ao mundo ou aos ignorantes, no entanto, não é assim que ele age. Tudo é realizado de maneira imanente. É nesse momento que mais se aproxima dos demais para melhor compreender a dinâmica afetiva. Ele se afasta, o máximo possível, da servidão, sem se afastar dos demais, pois o que ocorreu nele foi uma modificação na qual seu corpo elevou sua capacidade de autorregulação e experimentação de múltiplos afetos, levando também a mente a pensar clara e corretamente. Conforme a proposição 38 de *Ética*, Spinoza diz:

É útil ao homem o que dispõe o Corpo humano tal que possa ser afetado de múltiplas maneiras ou o que o torna apto a afetar os Corpos externos de múltiplas maneiras; e

tanto mais útil quanto torna o Corpo mais apto a ser afetado e afetar os outros corpos de múltiplas maneiras; e, inversamente, é nocivo o que torna o Corpo menos apto a isto.<sup>57</sup>

Na aproximação que o sábio faz com os demais, afetando e sendo afetado de diversas maneiras, aproxima-se cada vez mais de Deus, a tal ponto que se torna capaz de imitá-lo, no que diz respeito em ser causa de si mesmo,<sup>58</sup> dentro de suas possibilidades como finito, tornando-se livre pela potência que advém tanto da mente quanto do corpo, sendo capaz de experimentar, ao mesmo tempo, uma pluralidade de afetos, ações e ideias. Não há motivos para esperar por outro mundo para a sabedoria poder fluir. É aqui e agora que ela se faz útil, não há um depois, há um agora. Ela é a potência que se consome e se refaz no próprio ato de viver. Essa potência age de duas formas, sendo, ao mesmo tempo, capaz de dividir-se com os demais e multiplicando-se para si mesma. Dessa maneira, vemos nesse processo os afetos ativos dos quais o sábio é causa e que lhe permitem uma verdadeira afirmação de si; do contrário, ele se afasta dos afetos que advém das paixões, sendo estes determinados por uma causa exterior, fonte de servidão.

Na parte V de *Ética*, Spinoza escreve que a beatitude (*beatitudo*) ou felicidade<sup>59</sup> “não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude. E não gozamos dela porque coibimos a lascívia, mas, ao contrário, é porque gozamos dela que podemos coibir a lascívia”.<sup>60</sup> O esforço do sábio spinoziano é encontrar nas coisas, como já dissemos, a coerência, a constância e a conveniência. Não é um trabalho de um dia, mas de uma vida toda. Mesmo sendo sábio, ele oscila para a ignorância e deve evitar voltar para este estado inicial. É um trabalho “tão difícil quanto raro”,<sup>61</sup> como diz Spinoza no fim de *Ética*; no entanto, está ao alcance de todos.

O ignorante, porém, não consegue perceber essas coisas, pois até mesmo confunde a sabedoria com sua ignorância, incoerência e inconveniência. Da mesma maneira que confunde sua impotência e inconstância com a liberdade, é inadequado pensar que as causas exteriores lhe convêm, uma vez que ele não as produziu por seu próprio esforço. A recompensa que cabe ao sábio é aquela que ele mesmo produz, visto ser ativo em seus afetos, ou seja, conforme se esforça para se distanciar cada vez mais da servidão, esta será sua recompensa, faz valer a pena toda capacidade que lhe foi dada por Deus.

---

<sup>57</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 439.

<sup>58</sup> Aqui a causa de si não é como Deus faz em relação a si mesmo. Utilizamos aqui tal analogia para falar daquele ser humano capaz de gerar seus próprios encontros úteis para sua felicidade (beatitudo), ativo em suas relações e que não fica à mercê dos afetos.

<sup>59</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 589.

<sup>60</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 577.

<sup>61</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 579.

A vergonha, o ódio, a inveja que geram tristeza, provocam um sentimento passivo e diminuem nosso poder de agir. Tais negatividades estão ligadas à servidão e a uma falsa moral que fazem ser exaltadas a renúncia e a piedade, que ao invés de libertar, causa maior aprisionamento. No entanto, no lugar desses sentimentos que cooperam para o aprisionamento, deve-se dar lugar à alegria que aumenta nosso poder de existir e agir, proporcionando a liberdade. O conhecimento racional de si é a verdadeira virtude, ou seja, é a capacidade de fazer importantes não somente o exterior, mas o interior. É conhecendo a si mesmo que podemos nos libertar de paixões tristes. Vale ressaltar, as paixões tristes são geradas pelo desconhecimento do ser humano em relação a si mesmo e da necessidade que o envolve.

Para o sábio, é conhecendo a si mesmo que o faz apoiar-se bem para alcançar a beatitude. Ele é a figura do ser humano que medita sobre a vida e não sobre a morte, conforme escreve Spinoza, “não há nenhuma coisa em que o homem livre pense menos do que na morte, e sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida”.<sup>62</sup> Ele vive e saboreia os prazeres que aumentam seu poder de agir e se afasta daqueles que são nocivos. A alegria que advém da razão e sua autorrealização é onde se situa sua sabedoria.

A sabedoria aponta para a salvação e mostra que está ao alcance de todos, mas é negligenciada, deixada de lado. Tudo isso se dá de maneira imanente e não transcendente, como se pode confundir com o modo de pensar religioso, a salvação se dá de maneira imanente e não transcendente. Pelos bons encontros e pelo *conatus* que faz aumentar sua capacidade de pensar e agir, fazendo do sábio um ser humano capaz de ver o todo e não somente uma parte, ele capta tudo sem contradições e incoerências, ele capta a alegria pura na harmonia plena em que tudo lhe convém; essa é a salvação.

Sua liberdade não está atrelada a um ato de vontade desconecta das causas, mas sua capacidade de realizar a síntese perfeita entre os afetos e a razão, tornando-o, por excelência, a personificação da própria liberdade, em seu mais alto grau. O sábio supera e escapa da servidão das paixões passivas, quando compreende as causas e a necessidade do mundo. Sua mente é guiada por ideias adequadas, que não visam a extirpar os afetos. Ele procura transformá-los em ação, revelando, assim, sua potência de agir. Ele se torna, então, sua própria causa adequada, que o faz alcançar a beatitude na compreensão de Deus e sua união intelectual para ele, experimentando a vivência da liberdade imanente em sua mais pura expressão.

---

<sup>62</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 483.



### 3 O PROCESSO DA LIBERDADE HUMANA SE DÁ NA IMANÊNCIA DA SUBSTÂNCIA INFINITA, MANIFESTANDO-SE PELA MODERAÇÃO QUE O SER HUMANO FAZ DE SEUS AFETOS

#### 3.1 A via que conduz à liberdade humana é o conhecimento

Ao longo de *Ética*,<sup>1</sup> Spinoza traça seu percurso, que começa em Deus, substância infinita, possuidora de infinitos atributos, dos quais conhecemos apenas dois: extensão e pensamento. Os seres humanos são modos da substância, atravessados pelo espaço e pelo tempo. Desse modo, são limitados por sua condição de estarem intimamente conectados a Deus, para o qual, após todos os corpos que, associados, formam seu corpo, cada um retorna para seus atributos e assim segue o fluxo contínuo da vida. Ainda nesse percurso que é *Ética*, o filósofo define como se dá o jogo de encontros pelos quais somos afetados, para que, com isso, possa mostrar o caminho que faz com que o ser humano saia da servidão e caminhe em direção à liberdade.

Podemos dizer, talvez, que a filosofia de Spinoza tem como seu propósito principal fazer com que o ser humano saia da servidão e encontre a liberdade mediante o conhecimento que realiza acerca de Deus, substância infinita ou Natureza. A liberdade, para ele, nada mais é do que conhecer a ordem da Natureza, a gênese de nossas ideias e seus objetos correspondentes,<sup>2</sup> pois a ordem da natureza é causal. Com isso, sua investigação busca compreender por que o ser humano permanece por tanto tempo na servidão, uma vez que está imerso e participa desse encadeamento de causas e efeitos, afetando e sendo afetado; e em quais condições pode haver liberdade individual. O percurso longo realizado em *Ética* nos faz refletir que tal exercício é importante para percebermos que nada é tão raro quanto encontrar um ser humano livre e virtuoso.<sup>3</sup> Sobre a servidão, Spinoza diz que chama de:

---

<sup>1</sup> O cerne da *Ética* de Spinoza é o conhecimento e a liberdade, e de que forma podem ser alcançados. Para isso, ele parte de uma reflexão metafísica rigorosa sobre o conceito de Deus, procurando demonstrar como pode ser traçado o caminho para a libertação humana, saindo, assim, da servidão das paixões. Isso se torna possível pelo conhecimento racional e intuitivo, chegando a seu ponto máximo que é na beatitude e no amor intelectual, que o permite conhecer a totalidade da existência. Potência, alegria e compreensão da necessidade universal são pontos que a *Ética* do filósofo visa a destacar como principais na existência humana, e são eles que servem como vias para uma liberdade verdadeira. Posto isso, a verdadeira ética, para Spinoza, surge da compreensão de que toda reflexão ética está imbuída de afetos, sejam eles alegres ou tristes. Para ele, nenhuma reflexão ética é possível sem antes considerar que, uma vez que ela é construída a partir dos modos humanos da substância, não está isenta de conter os afetos que também provêm desses modos. Só se constrói uma verdadeira ética a partir da compreensão dos afetos; caso contrário, o que surge é ética que gera e propaga mais afetos de tristeza, ao invés de fazer brotar afetos de alegria.

<sup>2</sup> Objetos que nos causam alegria, aumento de potência.

<sup>3</sup> Que não é embotado pelo medo e pela culpa de ser quem é.

Impotência humana para moderar e coibir os afetos; com efeito, o homem submetido aos afetos não é senhor de si, mas a senhora dele é a fortuna, em cujo poder ele está de tal maneira que frequentemente é coagido, embora veja o melhor para si, a seguir porém o pior.<sup>4</sup>

No campo da servidão, na qual o ser humano já nasce inserido, existe um jogo de forças que o conduz desde que se torna um grau de potência. Desde que passa a ser um *conatus* no mundo, essas forças externas, para o ser humano poder se libertar, precisam ser contrariadas. O ser humano contraria tais forças quando age motivado por sua natureza, por sua potência de agir no mundo, porém é preciso que ele compreenda sua própria natureza para compreender que ele tem uma potência e que ela pode ajudá-lo na construção de sua liberdade, tornando-se, assim, livre.

O ser humano que vê o que é melhor para si, ou seja, aquilo que aumenta sua potência, porém, segue fazendo o pior, isto é, segue insistindo na sujeição à servidão de suas paixões, na ilusão de extinguir ou dominar totalmente os afetos. Segue insistindo na tristeza, baixa potência, isso faz refletir o corte de sua força revelando, assim, sua fraqueza de pensar e, conseqüentemente, de agir, pois seu pensamento ainda está no primeiro gênero de conhecimento, ou seja, tem e alimenta conhecimentos imaginativos e não ultrapassou o campo das superstições; permanece na posição do ignorante.

A liberdade surge quando o pensar é fortificado, quando a razão como operadora começa a pesar os afetos e mostra como lidar com eles, ajudando a refreá-los e moderá-los, pois não há possibilidade de nos livrarmos deles. Esse é o modo de agir do ser humano potente e sábio. Não há uma oposição da parte de Spinoza a respeito da felicidade ou da tristeza, ou até mesmo contra o amor e o ódio, pois ambos estão presentes tanto na servidão quanto na liberdade. A diferença reside no ato de compreender, e é isso que diferencia o ser humano livre daquele que vive na servidão, pois aquele livre é causa ativa dos próprios afetos, ou seja, eles provêm de sua natureza que é desejante, porém não é apenas desejar por desejar, não é um desejar desenfreado e sem direção.

Nesse ponto se distingue o ser humano potente do impotente. O sábio é mais potente que o ignorante, pois aprendeu a interagir com os outros modos da substância infinita. Ele aprendeu a evitar encontros que diminuem sua potência de agir e, mesmo que não consiga evitá-los, quando eles ocorrem, ele aprendeu a tirar bom proveito de maus encontros, pois dada a sua potência, ele consegue fazer isso, porém seu objetivo maior é sempre maximizar e cultivar os bons encontros. As coisas não são boas ou más em si mesmas. Podemos, portanto, pensar que

---

<sup>4</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 371.

os encontros seguem a mesma lógica, no seguinte sentido: quando temos um bom encontro, não é porque ele é bom em si mesmo, o “ser bom” de um encontro se dá conforme nosso corpo e mente estão sincronizados em estado ativo; e quando um encontro é mau, é porque, do mesmo modo, nosso corpo e mente estão em estado passivo. Ou seja, os encontros são definidos num processo interno de cada ser humano, visto que está num potente ou impotente. Por isso, não existe um método para que todos alcancem a alegria e saiam da tristeza, pois cada ser humano percebe isso de maneira diferente, cada um, mediante o conhecimento que tem acerca do que o ajuda a sintonizar com sua essência, é que define o que o agrada e o desagrada, portanto não é algo que serve para todos, de maneira igual. O mais potente dos afetos é o conhecimento, essa é a insistência do filósofo ao longo de sua filosofia, pois a mente, pela força que tem, pode afirmar ou negar ideias, e a via que conduz à liberdade é o conhecimento.

Passo, finalmente, à outra parte da *Ética*, que versa sobre a maneira, ou seja, a via que conduz à Liberdade. Nela me ocuparei, portanto, da potência da razão, mostrando o que a própria razão pode sobre os afetos e, a seguir, o que é a Liberdade da Mente ou felicidade; e com isso veremos o quanto o sábio é mais potente do que o ignorante.<sup>5</sup>

É pelo conhecimento que passamos de causas inadequadas ou parciais (em que o ser humano se imagina distante e separados do mundo, gerando nele, sem que ele perceba, uma vida de baixa potência) para a parte comum que se alinha ao conhecimento adequado do mundo, em que temos parte na existência, fortalecendo e aumentando nossa potência de agir, pois reconhecemos que participamos na existência e, por isso, somos capazes de produzir afecções ativas. Aumentar a capacidade de agir significa tornar-se parte no processo de ser causa de sua própria felicidade, implica agir em conjunto, fazer aliados nos meios sociais em que estamos inseridos, criar conexões com os demais. É um processo de ajuda recíproca em que se cresce naquilo que nos convém, ou seja, naquilo que nos potencializa nas relações necessárias entre as partes, diminuindo e nos afastando da impotência causada por aqueles que são mais potentes que nós.

Pensar-se separado do mundo, como um império (ser humano) num império (Natureza), não quer dizer que somos autônomos. Ter autonomia é justamente tirar proveito adequadamente dele, isto é, apoiar-se na potência do mundo para fortalecer a nossa. Ter encontros alegres não quer dizer que devemos ser passivos quando eles ocorrem; devemos interagir com eles e fazer com que esses encontros possam durar muito mais. Temos de fazer parte da produção dele, para que, assim, possamos ser causa de nossa felicidade. A ética nasce nesse ponto, como uma rede

---

<sup>5</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 517.

tecida nas relações cotidianas e momentâneas, em que cada um reforça sua alegria com os demais, para que todos possam crescer mutuamente, pois não existimos isolados dos demais.

Conforme conhecemos e nos esforçamos para nos mantermos na existência como um sábio, nós nos deparamos com a capacidade de escolher nossos próprios encontros afetivos. É por isso que Spinoza oferece, no prefácio da parte V de *Ética*, remédios para os afetos,<sup>6</sup> ou melhor, remédios para eles, que nada mais são do que meios para se chegar à compreensão destes e alcançar a felicidade.

Portanto, visto que a potência da Mente é definida pela só inteligência, como mostrei antes, determinaremos pelo só conhecimento da Mente os remédios para os afetos – remédios que creio que todos certamente experimentam, embora não os observem com cuidado nem os vejam distintamente – e desse conhecimento deduziremos tudo o que toca sua felicidade.<sup>7</sup>

O conhecimento daquilo que sentimos e da maneira como agimos é reflexo da potência que a mente tem de pensar, e esse aprendizado é sempre alegre, pois a mente aumenta sua potência quando está em seu exercício contínuo de pensar. Do contrário, não há conhecimento triste, pode-se dizer que é conhecimento, porém é superstição e ilusão, sinal de poder e dominação de espíritos potentes. Esse conhecimento de que tanto fala Spinoza, por vezes, parece um que extrapola o conhecimento racional, que até mesmo extrapola uma dimensão na qual poderiam demonstrá-lo.

Spinoza, assim, chama atenção para o estágio de saída do primeiro gênero de conhecimento (que é o ouvir dizer, é a opinião) em direção ao segundo, o pensamento racional. Quando não vivemos em conformidade com o segundo gênero, nos opomos aos demais, quebrando assim a rede da ética da qual falávamos. Vale lembrar que a razão não tem o papel de comandar, ela não dá ordens, ela é um auxílio para lidar com nossos afetos.

Por este poder de corretamente ordenar e concatenar as afecções do Corpo, podemos fazer com que não sejamos facilmente afetados por afetos maus. Pois [...] requer-se uma maior força para coibir Afetos ordenados e concatenados segundo a ordem do intelecto do que para coibir os incertos e vagos. Portanto, o melhor que podemos fazer enquanto [*quamdiu*] não temos o conhecimento perfeito de nossos afetos é conceber uma reta regra de viver ou certos dogmas de vida, confiá-los à memória e aplicá-los continuamente às coisas particulares que frequentemente se apresentam na vida, para que assim nossa imaginação seja largamente afetada por eles e eles nos estejam sempre à mão.<sup>8</sup>

Sempre que realizamos bons encontros, isso resulta em aumento de nossa potência; caso contrário, temos uma diminuição dessa potência. Da mesma maneira, quanto mais se fortalece

<sup>6</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 523.

<sup>7</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 523.

<sup>8</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 537.

nosso *conatus*, passamos a ser capazes de afetar e ser afetados. No entanto, é preciso que o indivíduo consiga perceber sua capacidade e sua força para compreender todas as coisas quanto queira, sendo resultados da soma de forças do conhecimento e da razão, bem como sua existência como ser desejante e como possuidor de um *conatus*, que se esforça pela realização de encontros que convêm, sendo, portanto, causa de sua própria potência de existir, que se dá por sua autodeterminação. É o corpo agindo simultaneamente com o pensamento. Essa é a força maior da vida. Nada acontece separado, tudo está envolvido.

O mesmo ocorre com a liberdade, que é ter um corpo apto para agir de diversas maneiras e, assim, ser afetado pelo mundo de diversas formas, o que Spinoza chamou de *plura simul*,<sup>9</sup> estar no mundo de múltiplas maneiras. O conhecimento nos faz multiplicar dentro de nós, tornando-nos vários e cada vez mais ativos; nós criamos e recriamos de múltiplas formas. Por nossa composição, já é possível notar a multiplicidade na qual estamos inseridos, pela associação de corpos que formam um grande conjunto e que chamamos de “nosso corpo”, os humanos, assim como os animais e os outros modos, são uma pequena parte da potência infinita da substância (Deus). No caso dos humanos, porém, quanto mais aumentamos nossa potência, mais nos aproximamos de Deus, ou seja, mais nos aproximamos de sua força geradora, tornando-nos, assim, mais perfeitos. Perfeição é se apoiar na potência da Natureza para agir mais e melhor. Como diz Spinoza, na proposição 40 da parte V de *Ética*, “quanto mais cada coisa tem mais perfeição, tanto mais age e menos padece, e, ao contrário, quanto mais age, tanto mais é perfeita”.<sup>10</sup>

O ser humano que trabalha pela construção de sua perfeição e liberdade, é aquele que compreende que, mesmo sendo finito, sabe que pode realizar muitas coisas a partir dessa finitude. Ele entende que não é totalmente livre, pois está submetido ao acaso dos encontros dos quais ele nem sempre consegue saber se serão bons ou maus, porém, do mesmo modo, age. O agir humano, nesse sentido, é a capacidade de aprender que a vida não segue o que esperamos, porém, com as circunstâncias que aparecem na vida, como ele lida com tudo isso, como contorna situações em que ele percebe que existe mais de uma saída, a vida segue seu curso, mas o ser humano pode contornar tais situações. O agir de Deus é diferente, pois, uma vez que é infinito e absolutamente livre, nada o constrange. É causa de si mesmo e de todas as coisas segundo sua essência, inclusive de suas próprias leis. Por ser causa de si e de todas as coisas, é totalmente livre, pois não é constrangido por nada. A liberdade, portanto, é a oposição ao

---

<sup>9</sup> É ser múltiplo e simultâneo. Eu não deixo de ser eu, eu sou eu vivendo várias outras versões em mim mesmo, na simultaneidade, na realidade que estou.

<sup>10</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 575.

constrangimento. Somos constrangidos pela Natureza, mas também temos uma parte da essência de Deus, um grau de sua potência, e é isso que nos permite agir no mundo. No caso de Deus, é constante, é sempre causa de algo e nada a faz flutuar, mas, em nosso caso, ela é definida pela potência atual, que flutua enquanto realizamos encontros no mundo.

A liberdade humana reside no alinhamento da atualização de nossa potência com a natureza de nossa essência, que, como já dissemos, é desejante. Ou seja, conforme vivemos, cada instante de vida é uma atualização de nossa potência. Esta, somada à força do desejo, vai nos impulsionar para alçarmos aquilo que desejamos; do contrário, se temos um desejo e não temos potência para fazer com que ele se realize, nós o deixamos de lado, e a liberdade se esvai, voltamos para servidão.

Vivemos de acordo com a necessidade de nossa essência, visto que o desejo, o fazer e o ser algo no mundo se tornam a mesma coisa, pois passamos a nos produzir como parte de nossa potência. Essa produção é o próprio perseverar na existência. Perseverar não é apenas se manter vivo e sem danos, é preciso lembrar que a liberdade é uma construção e nem sempre é um caminho suave de se percorrer. Viver é fazer brotar as causas adequadas daquilo que ocorre conosco.

Liberdade é agir adequadamente, é ser causa, e, de forma alguma, a liberdade deve ser entendida como ausência de causa. Ela é justamente a necessidade da causa interna, de ser aquilo que se é, de ser aquilo que busca agir pela sua ampliação e conservação de sua potência de existir, conhecer e agir. Como nos diz Spinoza, uma coisa livre é aquela que existe totalmente pela necessidade de sua natureza, sendo determinada apenas por si mesma a agir.<sup>11</sup> Tornar-se livre ou libertar-se implica agir no mundo conforme sua própria natureza, que nada mais é do que a própria natureza divina em nós, que nos impulsiona à ação, pois, vale lembrar, que também somos parte dessa potência, e essa centelha é que nos move, e não podemos deixar que ela se apague diante dos *conatus* mais potentes que o nosso.

O que nos escraviza é a falta de conhecimento a respeito da essência infinita e eterna de Deus. A falta de conhecimento nos deixa confusos e, com isso, agimos de maneira inadequada, erramos e nos prejudicamos. Assim, Spinoza nos convida a fazermos uma análise de nossos afetos e sua natureza, para que, a partir da compreensão deles, possamos não mais ser levados por sua força e aproximarmos a emoção da razão para que atuem juntas.

Interagimos o tempo inteiro com os outros modos da substância, por isso é importante conhecermos e descobrirmos como estes interagem de volta conosco, lembrando que qualquer

---

<sup>11</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 47.

interação com o mundo são os encontros, e conforme sabemos como esse conhecer e ser conhecido (na interação humana e animal) se dá, mais podemos escolher entre os encontros que aumentam nossa potência e que conosco convêm.

A liberdade é a conveniência<sup>12</sup> (relação, interação) entre as partes e o todo em que estamos inseridos. É importante integrar-se no sistema natural da vida, entre as coerências,<sup>13</sup> concordâncias<sup>14</sup> e as coisas que nos convêm, pois, pela potência de pensar, devemos buscar encontrar aquilo que é útil nas relações necessárias.<sup>15</sup> O amor à liberdade demanda um trabalho árduo, não é uma tarefa simples e que, uma vez realizada, não se precisa mais fazer nada; pelo contrário, ser livre demanda esforço diário e constante. Assim como nosso ânimo flutua entre alegria e tristeza, nós também flutuamos entre a liberdade e a servidão; ora somos ignorantes, ora somos sábios. Conforme o escólio da proposição 10 da parte V de *Ética*, Spinoza escreve:

Portanto, quem se empenha em moderar seus afetos e apetites pelo só amor da Liberdade, aplica-se, o quanto pode, em conhecer as virtudes e suas verdadeiras causas, e em encher o ânimo do gozo que se origina do verdadeiro conhecimento delas; mas de jeito nenhum em contemplar os vícios humanos, difamar os homens e regozijar-se com uma falsa espécie de liberdade.<sup>16</sup>

Spinoza propõe outras formas de pensar e agir, diferente das formas anteriores, em que os afetos deveriam ser eliminados e que são maus por si mesmos. Com a proposta do filósofo, partindo dos três gêneros de conhecimento, em que o primeiro e o segundo respectivamente são, opinião e razão, com a intenção de chegarmos ao terceiro, que é a intuição, ou seja, é o instante em que conseguimos olhar a vida em seus bastidores, onde tudo acontece. Quando se alcança o último gênero de conhecimento, não há mais a obrigação de crença em algo que nos transcende, percebemos que somos parte da eternidade da substância infinita que compartilha

<sup>12</sup> Conveniência nada mais é do que a relação entre o indivíduo que tem uma potência e as coisas externas com as quais ele entra em contato e que o afetam, que visam ao aumento de sua capacidade de pensar e agir. O que nos convém é aquilo que é útil, ou seja, aquilo que nos fortalece, aumentando nossa capacidade de ser e fazer. Conveniência é um ajuste, um alinhamento entre o indivíduo e o mundo (Deus), que, ao aumentar sua potência, contribui para uma maior liberdade.

<sup>13</sup> Coerência é interconexão, é harmonia de todas as coisas no Universo, que são as manifestações de Deus ou Natureza, é a manifestação da única substância. Nosso corpo é coerente entre suas partes, pois se relaciona com outros corpos e que, juntos, formam um corpo ao qual chamo de “meu corpo”. A filosofia de Spinoza visa à compreensão da realidade como um todo coerente em que todas as coisas estão interconectadas, interligadas, em que cada elemento, ao se relacionar com outros, contribui para o Universo ser o que é.

<sup>14</sup> Concordância é o reconhecimento da própria natureza e, a partir disso, agir conforme as leis da natureza, que por sua vez, são as leis que surgem da autonomia de Deus.

<sup>15</sup> “Relação necessária”: beber água, comer, respirar (tudo isso são encontros). Se a água estiver com gosto, pode ser um encontro bom ou ruim. Se a comida ou qualquer alimento não for do meu agrado, será um encontro ruim; se boa, um bom encontro. Se o ar estiver poluído, não é um bom encontro. Essas e outras coisas são relações necessárias que ocorrem somente.

<sup>16</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 541.

conosco a existência.<sup>17</sup> Não há mais um Deus tirano e impiedoso, que muda de ânimo como o ser humano, que impõe leis morais. Não há punição nem mesmo um inferno à espera de quem descumpra suas ordens.

Quando Deus é visto na forma de toda a Natureza, dentro de toda a sua complexidade, o objetivo divino é eliminado da forma de pensar, a causa final<sup>18</sup> deixa de existir, é chegado o fim da superstição que prejudica e impede o desenvolvimento do conhecimento verdadeiro acerca de Deus. A superstição permeia a relação entre os seres humanos. Com isso, podemos perceber que há uma evolução e uma maneira de pensar a superstição como que sendo sempre superada quando há respostas para o que foi considerado superstição, porém, em momentos de falta de clareza das ideias, ela ressurgue como resposta, sendo utilizada por aqueles que sabem se aproveitar da ocasião para conduzir os impotentes pelo medo (um produto da superstição). Quando superamos a superstição e buscamos firmemente o conhecimento verdadeiro de Deus, medo e esperança, resultantes da superstição e da ignorância, tornam-se mais fracos, pois encontramos em nós mesmos o motivo de nossas ações e, com isso, não mais esperamos que algo de fora nos faça agir ou fazer, fazemos simplesmente, tornamo-nos parte, em vez de sermos parte, pois tomamos parte da força que flui da Natureza através de nós.

Isso se reflete no contentamento profundo de quem alcançou a liberdade de apropriar-se de si mesmo, por ser causa ativa de suas próprias relações. Assim, vive-se em beatitude. É nesse sentido que o filósofo inicia o prefácio da parte III de *Ética*, dizendo:

Quase todos que escreveram sobre os Afetos e a maneira de viver dos homens parecem tratar não de coisas naturais, que seguem leis comuns da natureza, mas de coisas que estão fora da natureza. Parecem, antes, conceber o homem na natureza qual um império num império. Pois creem que o homem mais perturba do que segue a ordem da natureza, que possui potência absoluta sobre suas ações, e que não é determinado por nenhum outro que ele próprio. Ademais, atribuem a causa da impotência e inconstância humanas não à potência comum da natureza, mas a não sei que vício da natureza humana, a qual, por isso, lamentam, ridicularizam, desprezam ou, o que no mais das vezes acontece, amaldiçoam; e aquele que sabe mais arguta ou eloquentemente recriminar a impotência da Mente humana é tido como Divino.<sup>19</sup>

Não nos tornamos divinos por extinguir os afetos, que, aliás, não podem ser extintos, o que há, como escreve Spinoza, é que existem alguns seres humanos capazes de exaltar a impotência humana, que, por outro lado, é potente o suficiente para tirar proveito da impotência

<sup>17</sup> A existência se aplica apenas a Deus, por depender apenas de si mesmo, por ser causa de si mesmo. Não existimos no sentido em que Spinoza pensa, pois não somos causa de nós mesmos.

<sup>18</sup> Spinoza rejeita o conceito de causa final, pois como, para ele, Deus ou a natureza somente agem, não há motivos para se entender que ele age para um determinado fim, com um objetivo. A vida é o que é, é necessária agindo segundo suas próprias leis. Para ele, portanto, a causa final não passa de um conceito ilusório, que provém do pensamento humano, visando a atribuir finalidades externas aos eventos, uma vez não compreender as forças às quais ele está sujeito.

<sup>19</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 233.



dos demais. Quando aprendemos a lidar com nossos afetos, passamos a ser causa ativa na criação de mais contentamento e satisfação com nós mesmos, fazendo-nos estar em conformidade com a Natureza (Deus). O ser humano que se torna livre e que está na posição do sábio reconhece melhor que ninguém que ele e Deus são um só.

De todos os modos da Natureza, somos o mais potente deles, pois somos capazes de criar maneiras de agir, somos capazes de criar múltiplas formas de ser no mundo.<sup>20</sup> Essa é uma capacidade intrínseca à nossa mente e corpo, que nos faz sermos afetados de diferentes maneiras e que nos leva a agir de formas variadas. Com isso, o ser humano deve se questionar como ele é e reage conforme é afetado dentro dessa multiplicidade, qual é a versão que ele assume para ser e agir no mundo, pois, dependendo da situação, assustamo-nos com a versão que assumimos, porém o susto se dá pelo desconhecimento acerca de nós mesmos. Esse é um ponto que retorna à constatação de Spinoza, que ressalta que não sabemos o que pode o corpo e, se não o sabemos, uma vez que é mais simples de conhecer, muito menos sabemos o que pode a mente.

Considerando o desconhecimento acerca da mente e do corpo, e as formas pelas quais se expressa e age, a beatitude se manifesta como o resultado que advém da potência de agir e do pensamento, formados pelo próprio ser humano. Não se trata de algo externo, dado como um prêmio, é uma produção interna que, consequentemente, torna-o virtuoso conforme experiencia a vida. A beatitude é o ápice da virtude e da liberdade na filosofia spinoziana, o mais alto patamar que o indivíduo pode alcançar.

O ser humano que atinge o grau da beatitude não é passivo diante dos afetos e das determinações externas. Ele se empenha na jornada de compreensão das causas que o afetam e o levam a agir, e, a partir disso, ele muda suas atitudes, deixando-se guiar pela razão. É na autodeterminação que ele tem a possibilidade de aumentar sua potência de agir, a pensar o que promove a experimentação de uma alegria duradoura e profunda. A beatitude é, portanto, experiência que a mente realiza em sua máxima atividade e clareza, vivenciando, de forma adequada e intuitiva, a si e a Natureza (Deus).

---

<sup>20</sup> *Plura simul* seria a capacidade que a mente e o corpo têm para serem afetados, o que os faz agir de diversas formas. A ideia é que ser humano eu sou enquanto sou afetado e qual versão eu assumo nessa multiplicidade de formas de ser e agir no mundo. Somos muitos dentro de nós mesmos. Observação: uma vez que não sabemos o que pode o corpo, menos ainda saberemos o que pode a mente, pois ela pode “brincar” e criar versões para si mesma, sobre o que não temos total controle. É algo interessante de se considerar, pois, em muitos casos, atualmente, a perda de controle dessa diversidade dentro de nós pode nos levar à loucura.

### 3.2 A beatitude é resultado da potência da ação e do pensamento dados pelo próprio ser humano, que o fazem, conforme vive, ser mais virtuoso

A liberdade, na filosofia de Spinoza, nada tem a ver com o sentido como era entendida pela tradição teológica cristã e que, até os dias atuais, se propaga, ou seja, a liberdade ligada à noção de livre-arbítrio. A noção de livre-arbítrio diz respeito à ideia de que o ser humano é uma criatura privilegiada na Natureza, entre as outras criaturas, por ter uma indeterminação com relação à sua vontade, ou seja, o ser humano nasceu com a capacidade que o permite fazer escolhas que não sejam determinadas pelos desejos ou pelos afetos. Tudo o que ele escolhe é plenamente algo que nasce de sua vontade, e sua escolha nada tem a ver com a exterioridade ou a até mesmo a interioridade, no sentido de tudo aquilo que sentimos no ato de uma escolha.

É nesse sentido que o filósofo diz que o ser humano não é um império num império,<sup>21</sup> querendo dizer que o ser humano não pode se pensar como maior que a Natureza, da qual ele faz parte. Tudo o que há nela existe também nele, em maior ou menor grau. Ele está submetido a leis causais da Natureza como todo e qualquer ser vivo. O livre-arbítrio é, portanto, uma ilusão que se dá pela privação de conhecimento gerada pelas ideias inadequadas. Como são confusas e compreende-se apenas uma parte delas, faz com que o ser humano caia em ilusões.<sup>22</sup> Na parte II, Spinoza escreve:

Os homens equivocam-se ao se reputarem livres, opinião que consiste apenas em serem cômicos de suas ações e ignorantes das causas pelas quais são determinados. Logo, sua ideia de liberdade é esta: não conhecem nenhuma causa de suas ações. Com efeito, isso que dizem, que as ações humanas dependem da vontade, são palavras das quais não têm nenhuma ideia. Pois todos ignoram o que seja a vontade e como move o Corpo; e aqueles que se jactam do contrário e forjam uma sede e habitáculos da alma costumam provocar ou o riso, ou a náusea.<sup>23</sup>

Nós nos consideramos livres porque desconhecemos as causas que influenciam nosso agir. No entanto, a partir do momento em que passamos a ter um olhar atento sobre nosso comportamento, tomamos consciência de que, na verdade, nossas escolhas e desejos, que considerávamos serem orientados livremente por nós, são determinados por causas das quais não temos controle e que simplesmente acontecem, pois seguem seu curso natural.

Um ser totalmente livre só pode ser aplicado a Deus, pois existe segundo a necessidade de sua natureza. Ele mesmo se determinou em seu agir e existir, e não é coagido por nada além dele mesmo. Deus é o sustentáculo da liberdade em seu sentido último. Nós apenas

---

<sup>21</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 233.

<sup>22</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 189.

<sup>23</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 191.

participamos dos graus de liberdade que nós somos capazes de alcançar com a orientação da razão. Nós nos tornamos livres conforme agimos segundo nossa própria natureza (essência), quanto mais formamos ideias adequadas, mais conscientes nos tornamos das causas de nosso agir, de nossas ações, amenizando, assim, a influência de causas exteriores, o que nos faz não sermos somente levados por elas. É possível que, a partir de uma causa, possamos ter uma postura diferente. Apesar da determinação necessária a qual estamos sujeitos, o ponto-chave para Spinoza é ser determinado por si mesmo, é cultivar a autodeterminação, onde a compressão acerca nós mesmos, é o que nos impulsiona para nos tornamos livres.

Nossas ações se tornam cada vez mais livres, conforme derivam de nossa essência singular e não mais sob a influência em grande parte de causas exteriores, isso é possível mediante o exercício que fazemos da razão. Ser livre é fazer brotar em si mesmo ações alegres, ou seja, ações potentes que correspondem às determinações de sua natureza, pois o ser humano permanece determinado pelos atributos divinos, extensão e pensamento, que o compõem e que formam profundamente sua natureza. Não há possibilidade de ser sermos outra coisa diferente do que somos. Conforme nossa natureza, nossas ações se dão conforme somos potentes para deixar fluir em nós nossa natureza mais profunda.

O ser humano, ao se desenvolver sem perceber, é ativo em suas relações com os demais, porém essa atividade, como uma força bruta de realizar coisas no mundo, vai sendo modelada conforme o avanço de seu desenvolvimento. Desse modo, ele pode permanecer ativo por toda a vida. Seu grau de liberdade advém justamente da forma como ele age diante das coisas que acontecem e na qual ele se envolve, pois, quando se trata de contribuir para com os demais, ele negocia consigo mesmo e modera sua forma ativa no mundo, ora coloca toda sua força para o bem comum, ora a reduz para não haver conflitos de seres ativos. Esse movimento só é possível com a ajuda da razão, que o auxilia a visualizar melhor uma situação, para ponderar o melhor caminho a ser tomado.

A reação de um indivíduo, portanto, diante de uma situação ou de um obstáculo que o contrarie, depende de como ele guia seu modo de agir, se pelos afetos ou pela razão. A liberdade desse indivíduo depende de sua capacidade de dominar seus afetos, como tristeza, ira, medo. Caso ele seja capaz disso, ele é mais livre do que aquele que não o consegue, pois, tomados por esses afetos e sem os moderar, a ação que se segue é conduzida pela influência deles, coloca o indivíduo na servidão. No entanto, a liberdade se manifesta quando aquele que tomado pela ira responde com amor. Sua atitude representa uma resposta diferente daquela esperada, dada a situação que já esperava uma resposta de ira. Conforme essas decisões são tomadas, toda uma sequência de causas é alterada e um novo curso é traçado. A autodeterminação reside nesse

ponto, pois ela é a capacidade que temos de superar a reação automática guiada pelas paixões, alterando nossa forma de agir, guiados pela razão e por afetos ativos, e não pelas paixões.

A redefinição de liberdade dada por Spinoza é, de um lado, uma compreensão e aceitação da necessidade como parte integrante da vida, e que nada pode ser feito quanto a isso;<sup>24</sup> por outro lado, como libertação em relação às paixões, pois ignora as causas que o levam a agir. Conforme escreve Lenoir:

O ignorante será assim escravo de suas paixões, e, finalmente, infeliz, porque encadeado em seus afetos cujas causas ele ignora, enquanto o sábio agirá sob a condução da razão e será feliz, porque liberado da servidão da ignorância e das paixões. A liberdade se opõe ao constrangimento, mas não à necessidade. Somos mais livres quanto menos constrangidos pelas causas exteriores, quando compreendemos a necessidade das leis da Natureza que nos determinam. Consequentemente, a libertação da servidão aumenta nossa potência de agir e nossa alegria, para nos conduzir, como logo veremos, até a alegria infinita da beatitude.<sup>25</sup>

Em sua filosofia, Spinoza é aquele que nos recorda de que temos todas as condições para sairmos da servidão e irmos em busca da liberdade. As virtudes do sábio são aquelas que o fazem gozar de liberdade e beatitude. Pois o coloca no processo de busca pela compressão da essência de Deus<sup>26</sup> bem como, entre mente e corpo, seus afetos e a maneira como lida com eles. Tudo isso sustentado pela confiança que o filósofo tem na razão,<sup>27</sup> porém esta não é vista aqui na posição de comando. Ela funciona como uma espécie de organizadora, que filtra e ordena o conhecimento confuso, não apenas de uma maneira, mas de várias. Cada uma numa versão diferente, gerando novas possibilidades de vida. Bem, útil e potência passam a ser a mesma coisa, pois é pela potência de pensar que chegamos à condução de nós mesmos, em direção àquilo que vemos como bem e útil.

Notamos que, em volta do conhecimento racional, erige-se todo um discurso de como essa capacidade humana pode ser benéfica, quando bem desenvolvida e bem exercitada. Esse conhecimento pode nos tornar livres, porém, para alcançarmos a felicidade suprema, a beatitude, ele é insuficiente. Por essa razão, Spinoza vê na ciência intuitiva, no terceiro gênero

<sup>24</sup> Não podemos, por exemplo, flutuar como bolhas de sabão enquanto a gravidade não o permitir. É necessário que fiquemos com os pés fixos no chão. Porém não nos é negado o poder de conhecer como a natureza funciona, e uma vez que a conhecemos, podemos fazer um avião levantar voo, fazer um barco flutuar. Com isso, tiramos proveito da necessidade em benefício próprio.

<sup>25</sup> LENOIR, Frédéric. *O milagre Espinosa: uma filosofia para iluminar nossa vida*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 129.

<sup>26</sup> Em Spinoza, vale lembrar, que nada é terminado enquanto estamos em vida. Somente quando deixamos essa vida é que o processo de conhecer se encerra.

<sup>27</sup> Apesar de levantar a questão do que pode o corpo, Spinoza percorre o caminho de procurar saber o que pode a mente, por meio de um procedimento lógico, como diz no prefácio da parte V da *Ética*: “Entretanto, aqui não cabe dizer de que maneira e por qual via o intelecto deve perfazer-se, nem, ademais, com que arte o Corpo deve ser cuidado para cumprir corretamente seu ofício, pois isto concerne à Medicina e aquilo à Lógica” (SPINOZA, *Ética*, p. 517).

de conhecimento, essa possibilidade de chegarmos a essa felicidade, lembrando que a razão está presente, só que como suporte para algo que extrapola seus limites. Por isso é importante o esforço para se chegar ao terceiro gênero de conhecimento (intuição), para podermos separar o que é ou não da razão.

Imaginação e opinião, que, como vimos, compõem o primeiro gênero de conhecimento, mantêm-nos na servidão total de duas maneiras: primeiro, porque estamos sujeitos a nossos afetos, desconhecemos o que eles podem fazer conosco e, com isso, agimos sob a influência total destes; e segundo, somos levados por aqueles que dizem ter conhecimento sobre algo ou alguma situação e, assim, agimos conforme sua influência. Não paramos para investigar e questionar se, de fato, o que foi dito é realmente da forma como foi dita. Assim, não somos causas e somos levados pelos efeitos que se originam em outro. O que nos permite ordenar e conhecer um pouco mais sobre nossos afetos é a razão, o segundo gênero, onde passamos a não mais aceitar com tanta rapidez o que nos chega, e é o que nos leva a questionar as situações em que vivemos.

Os gêneros de conhecimento são processos internos que o ser humano realiza dentro de si mesmo, mediante uma busca constante de conhecer a si mesmo e ir observando questões que antes passavam despercebidas. Esses gêneros vão como numa espiral que, a cada etapa, são superados e guardados como base para o próximo gênero, em que toda vez que se tende a regredir, ele é lembrado, e a razão mostra que não é mais condizente com o estado atual, retorna a um estado anterior. O indivíduo passa a se ver como um campo de estudo e investigação. Ele não precisa ir buscar fora de si, só que, para isso, é preciso ter chegado ao segundo gênero, que, em seu prolongamento, chegamos ao terceiro gênero que é a intuição. É essa junção de intuição e razão que nos coloca na posição de captarmos como se relaciona uma coisa finita e infinita, entre a eternidade dos atributos divinos e a existência de nosso corpo e mente.

A adequação do mundo, a totalidade do mundo em suas leis, é percebida pela intuição, que, por sua vez, tem como suporte a razão, responsável pelo ordenamento, a forma como nos relacionamos com Deus, que, em último caso, é o próprio Deus se relacionando com ele mesmo. A beatitude ou a felicidade que provém dessa compressão intuitiva é uma alegria perfeita, pois nos faz considerar as coisas de uma forma totalmente diferente e nova, e com isso, nos faz alcançar altas satisfações da mente, pois uma vez que experimentamos o conhecimento adequado, nada mais importa. É aquele instante em que agimos na mais alta potência. No entanto, não podemos compreender esse processo como uma experiência mística. Como explica Lenoir:

Convém, todavia, desconfiar da conotação religiosa do vocabulário utilizado pelo próprio Espinosa. O mesmo Robert Misrahi alerta contra uma interpretação de tipo místico dessa experiência última: “A beatitude espinosista não é uma mística: ela não poderia resultar da fusão de um ser finito com o Ser infinito; ela resulta de uma compreensão racional e intuitiva, e ela é esse conhecimento, ou seja, essa sabedoria.”<sup>28</sup>

O vocabulário de Spinoza, por muitas vezes, sugere uma compressão diferente do que realmente ele está dizendo, por isso, ao lê-lo, é importante estar atento ao que realmente ele está querendo dizer com a palavra que ele emprega, pois ele vai dando um sentido diferente, criando, assim, uma ruptura com a tradição, com a forma com que se entendia tais termos.

Com isso, a experiência da qual falamos difere da experiência dos místicos cristãos, pois nela temos a busca por um Deus transcendente e a união com ele pela fé e a pureza de coração. Dessa união entre o crente e Deus, no pensamento cristão, nasce um novo ser humano, capaz superar todas as intempéries da vida e preparar os demais para viver uma vida diferente desse mundo; já no caso da experiência spinoziana, causada pela união entre razão e intuição, não há a busca por um Deus imanente, mas o reconhecimento de que Ele é todas as coisas, que a causa de nosso grau de existência depende dele, não há uma busca por se unir a ele, pois Ele já está unido a nós sem nem mesmo termos conhecimento disso. Porém, quando nos damos conta disso, mais participamos de sua divindade e mais nos elevamos em alegria e perfeição. Isso é próprio de “quem entende clara e distintamente a si e a seus afetos ama a Deus,”<sup>29</sup> e tanto mais quanto mais entende a si e seus afetos”.<sup>30</sup> Ou seja, quando mais entendemos, mais potentes nos tornamos e mais amamos a Deus, não no sentido amoroso ou de forma agradecida com orações e preces, amamos a Deus no próprio ato de aumento de potência.

Na definição 8 da parte IV de *Ética*, Spinoza escreve, dizendo que a potência nada mais é do que a própria virtude em seu entender, o que posteriormente unificará potência e virtude numa única palavra: beatitude. Segundo ele: “Por virtude e potência entendo o mesmo; isto é [...], a virtude, enquanto referida ao homem, é a própria essência ou natureza do homem, enquanto tem poder de fazer algumas coisas que só pelas leis de sua natureza podem ser entendidas”.<sup>31</sup>

A virtude está sempre ligada a uma ação alegre, ou seja, é uma ação adequada, pois pode ser compreendida pelo ser humano para poder fazer mais e melhor. Ela se opõe às ações inadequadas, tristes. A potência, que também é a capacidade de pensar, que Spinoza passa a chamar de virtude, representa tudo aquilo que pode o ser humano, isto é, ele tem a capacidade

<sup>28</sup> LENOIR, *O milagre Espinosa*, p. 130.

<sup>29</sup> Ama a Deus porque compreende. O amor aqui é uma dimensão de reconhecimento da capacidade que temos de perceber e compreender que vivemos a partir da substância.

<sup>30</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 543.

<sup>31</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 381.

de autodeterminação,<sup>32</sup> pois pode conhecer a si mesmo e também aos outros. Ele é virtuoso visto que muda sua relação com o mundo, fortificando sua parcela de existência como causa adequada, resultado de sua potência de agir. Apesar disso, o ser humano não é livre, pois sua existência não é dada por ele mesmo, mas sim por Deus, que existe por si mesmo, é autônomo e é independente.

Vale ressaltar que a autodeterminação, ou determinação interna, ligada à liberdade humana, diz respeito à oposição que existe ao constrangimento, à coação, não à necessidade. Nesse sentido, quando é aplicada a Deus, de forma alguma, significa dizer que é uma indeterminação absoluta oposta à necessidade, pois Deus é a própria necessidade que se dá por suas próprias leis.<sup>33</sup> Não se pode pensar que Ele age de acordo com sua livre vontade, como se pensa o livre-arbítrio, escolhendo entre A e B. Da mesma maneira, ele não constrange seus modos, ou seja, o ser humano, nesse caso específico, os coage porque são determinados a agir, pelo contrário, eles têm a capacidade e foram dotados com graus de potência que podem ou não os levar a agir, a potência foi dada a todos, porém o uso é algo feito mediante a descoberta do quanto cada um pode realizar algo no mundo. Agir determinado por si mesmo, a partir de uma determinação interna produzida por si mesmo e não por outro, é o que significa ser livre; do contrário, ser coagido significa agir determinado por algo eterno, age-se constrangido por algo além de si mesmo.

O ser humano é, então, uma parte interdependente. Ele é um modo da substância infinita, assim como todas as outras coisas. Saímos da servidão, visto que eliminamos a ilusão da autonomia e passamos a aceitar que o mundo funciona regido por causas e leis que desconhecemos. Com essa aceitação, passamos a construir nossa própria liberdade que acontece através do conhecimento.

Buscamos por bons encontros e evitamos os maus. Todos os seres buscam por alta potência e não baixa. Em nosso caso, não é diferente. Queremos perseverar na existência, e agir no mundo demanda ter alta potência. Os bons encontros fazem a razão formar noções comuns, indo primeiro de noções particulares e, em seguida, gerais. Vivemos sempre na tensão entre a passividade, quando uma situação externa me atinge, que vai desde uma questão familiar até questões políticas; assim como, na atividade, ou seja, como nós reagíamos diante dessas

---

<sup>32</sup> “Sobre independência e autonomia”: a autodeterminação faz cair por terra a ideia de independência e autonomia. Temos a capacidade de determinar como agiremos diante de uma situação. Um afeto nos atinge, a razão listará as possibilidades que temos e, a partir disso, reagiremos conforme a potência de nossa mente. Determinamos uma determinação, seria mais ou menos isso. “O ser humano não é autônomo”: o ser humano não é independente, somente Deus. Tampouco autônomo, somente Deus pode ser autônomo.

<sup>33</sup> Ele mesmo se dá suas leis e não há outro que as imponha para que Ele as siga. Esse é o sentido de sua autonomia.

questões, como nós respondemos a isso, como organizamos esses encontros e como revertermos tal situação. A partir das noções comuns, formamos um amor ativo a Deus,<sup>34</sup> ou seja, se agimos adequadamente, com potência, alinhamo-nos a Deus. Aqui entra outro ponto importante na filosofia de Spinoza, a beatitude, a capacidade que temos de perceber Deus em nós, em suas infinitas modificações. A esse respeito, ele escreve: “Quanto mais cada um se esforça para buscar o seu útil, isto é, para conservar o seu ser, e pode [fazê-lo], tanto mais é dotado de virtude e, ao contrário, enquanto negligencia o seu útil, isto é, a conservação de seu ser, nesta medida é impotente”.<sup>35</sup>

Conservamos nosso ser, perseveramos na existência quando conseguimos lidar com nossos afetos, quando, numa situação, agimos de uma maneira totalmente contrária ao que os afetos conduziriam. É potente aquele que, diante da raiva, age contrário a isso, oferecendo uma solução a um problema; diferente do impotente, que, guiado pela raiva, pelas paixões tristes, é levado por eles e somente depois se dá conta do que fez. Diferente do tolo, do ignorante, o sábio passa de um estado de menor perfeição para um estado de maior perfeição, há uma proporção nesse sentido que realiza uma mudança entre afetos passivos e ativos, pois o sábio ou o ser humano que não se deixa ser levado pelos afetos pensa racionalmente e age preenchido pela alegria da qual é causa adequada por ter sido originado a partir de si. O ser humano se aproxima da liberdade conforme se torna mais virtuoso, ou seja, à proporção que é mais potente para realizar as coisas que sua natureza lhe permite realizar e, com isso, sua essência se expressar quase por completo na existência.<sup>36</sup>

O ser humano deve buscar existir de maneira virtuosa, conhecendo e vivendo de acordo com sua própria essência, definindo valores, sem desprezar os valores colocados para que viva com os demais. Sua vivência se torna cada vez mais reflexiva, pois reconhece que, de todos os seus afetos, o pensamento é o mais potente deles. É expressivo, imanente, é em ato, pela ação que pode realizar no mundo e com os demais. Seu grande objetivo com o aumento de sua potência é poder agir sempre adequadamente, alinhado com a adequação com que o próprio Deus age, sendo Ele a fonte de alegria constante e durável. A alegria divina ou alegrias ativas estão ligadas ao terceiro gênero de conhecimento, ou seja, ao que Spinoza chama de intuição, buscando o que é útil para si próprio. Não é algo que vale para todos, cada um deve buscar o seu, com isso, ele diz que “agir absolutamente por virtude nada outro é em nós que agir, viver

---

<sup>34</sup> O amor é a alegria que se origina da compreensão e do aumento de potência do ser. Amamos um alimento porque sacia nossa fome, ou seja, é a união e o reconhecimento daquilo que nos faz bem, enquanto aumento de potência.

<sup>35</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 409.

<sup>36</sup> Não se expressa completamente, pois devemos lembrar que somos modos humanos pertencentes a Deus, e nossa essência é uma parte da essência divina.



e conservar o seu ser (os três significam o mesmo) sob a condução da razão, e isso pelo fundamento de buscar o próprio útil”.<sup>37</sup> Na mesma proposição, porém, na demonstração, ele escreve:

Agir absolutamente por virtude [...] nada outro é que agir segundo as leis de sua própria natureza. Ora, agimos apenas enquanto entendemos [...]. Logo, agir por virtude nada outro é em nós que agir, viver e conservar o seu ser sob a condução da razão, e isso [...] pelo fundamento de buscar o seu útil.<sup>38</sup>

Alegremo-nos sempre que aprendemos novas formas de lidar com o mundo e com o tempo em que vivemos, quando há uma solução para problemas que não haviam sido resolvidos. Também nos alegramos quando aprendemos algo e podemos colocar isso em prática, e essa virtude pode ser cada vez maior quando isso for praticado e aperfeiçoado, por isso é importante sabermos do que somos capazes, o que podemos. A esse respeito fica uma grande interrogação, é um campo inexplorado por nós, não como atividade coletiva, mas em âmbito pessoal, que sempre fica como uma atividade para depois, porém, o depois pode ou não existir, não sabemos. Não estamos no mundo para vivermos estagnados. A vida ocorre em seu fervilhar constante e, para agirmos com convicção e segurança, é preciso que aprendamos sobre o mundo, exploremos o quanto pudermos, descobrindo alegrias sinceras e silenciosas que nos preenchem completamente por conta daquele acontecimento, que se torna eterno e único em nós. Esse instante de vida que vale a pena é o momento eterno do “é isso mesmo, está correto”.<sup>39</sup> Todas as vozes em nossa cabeça, todos os momentos foram reduzidos àquele único eterno instante, o corpo e a mente se modificam nesse processo e nos sentimos diferentes, e cada um expressa essa experiência de uma maneira diferente,<sup>40</sup> como é o caso de Lenoir. Segundo ele:

É uma experiência similar àquela descrita por muitos místicos. Pode-se também ter uma ideia disso quando, diante de uma experiência de amor ou de contemplação da beleza do mundo que nos abala, dizemos ter “a impressão de que o tempo para”. Eu tive pela primeira vez esse sentimento de eternidade quando, ao sair da infância, fui tomado por um amor infinito e universal, ao ver em uma floresta o sol atravessar uma clareira ainda embrumada. Fiquei um longo tempo a contemplar esse espetáculo que me abalava, mas não havia mais nenhuma noção do tempo. E sentia não somente que o tempo era abolido, mas também toda separação entre mim e o mundo. Eu era um com a natureza, num instante que me fez experimentar esse sentimento de eternidade evocado por Espinosa.<sup>41</sup>

---

<sup>37</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 413.

<sup>38</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 413.

<sup>39</sup> É o momento em que, de outra maneira, sentimo-nos conectados com a vida. Em que todas as vozes se calam e somente aquele momento é importante.

<sup>40</sup> Depende da potência de cada ser. Um jardim é visto de diferentes formas por diferentes pessoas, cada uma com uma potência que pode aumentar ou diminuir com a experiência.

<sup>41</sup> LENOIR, *O milagre Espinosa*, p. 132-133.

Sentimos o que pode a potência em nós, que Spinoza chama de virtude e depois beatitude, dizendo que esta última “não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude. E não gozamos dela porque coibimos a lascívia, mas, ao contrário, é porque gozamos dela que podemos coibir a lascívia”.<sup>42</sup> Ele aponta para os limites que cada um deve colocar em seus apetites, que cada um deve equilibrar os momentos em que vive. Por exemplo: se comermos demais determinado alimento, devemos ter consciência de que o excesso fará mal, porém, ao moderarmos a quantidade, a sensação que fica é de querer mais. A potência que fez com que se realizasse o desejo de comer aquele alimento é a mesma que diz “chega”. O sábio é aquele que não se priva de desfrutar desses momentos, mas os vive com moderação; já o impotente vive sem moderação e depois reclama pelo excesso que cometeu, e sua justificativa para o que fez é de que a morte está sempre à espreita.

Na demonstração da proposição 42, ainda sobre a virtude, Spinoza explica que a beatitude

Consiste no Amor a Deus [...], Amor que certamente se origina do terceiro gênero de conhecimento [...], e, portanto, esse Amor [...] deve ser referido à Mente enquanto ela age; por isso [...], ele é a própria virtude, o que era o primeiro. Em seguida, quanto mais a Mente goza deste Amor divino ou felicidade, tanto mais entende [...], isto é [...], tanto maior potência tem sobre os afetos, e [...] tanto menos padece dos afetos que são maus. E assim, porque a Mente goza deste Amor divino ou felicidade, ela tem o poder de coibir a lascívia. E como a potência humana para coibir os afetos consiste no só intelecto, logo ninguém goza da felicidade porque coibiu os afetos, mas, ao contrário, o poder de coibir a lascívia origina-se da própria felicidade.<sup>43 44</sup>

Os impotentes se preocupam mais com a morte do que com a vida, temem a morte por terem muito a perder com ela, pois há sempre a sensação de que poderia ser feito mais por não aprenderem a aproveitar os momentos que realmente eram importantes. Já o sábio, o homem livre, não teme a morte, “não há nenhuma coisa em que o homem livre pense menos do que na morte, e sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida”.<sup>45</sup> Aquele que se desdobra para se tornar livre, vive sob o ditame da razão e não se deixa levar pelo medo da morte. A vida terá um fim, na forma em que conhecemos, e ele sabe disso. Não há motivos para temê-la. Ele vive desejando o bem, isto é, buscando por aquilo que o faça agir, viver e conservar seu ser. Não há disposição da parte de seu *conatus* pensar sobre a morte, pois ela é tristeza, baixa potência, e ele não busca por isso. Ele faz de sua vida uma meditação sobre a vida e não

<sup>42</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 577.

<sup>43</sup> Felicidade aqui é o mesmo que beatitude. Depende da versão e tradução de *Ética*.

<sup>44</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 579.

<sup>45</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 483.

sobre a morte, sua sabedoria se aplica em ir vivendo o momento presente com responsabilidade, regulando e moderando seus afetos, pois, se o amanhã existir, ele não terá de se preocupar.<sup>46</sup>

Diferente do ignorante, que pensa a mesma coisa, só que pode ser irresponsável ao extremo. Quando o amanhã o surpreende, reclama de não ter sido prudente no dia anterior. Isso ocorre porque ele continua preso ao primeiro e até mesmo ao segundo gênero de conhecimento. Apesar de o segundo ser o da razão, ele ainda é confuso e está ligado à impotência. Para Spinoza, é importante alcançarmos o terceiro gênero (intuição), pois nele chegamos à beatitude e somos capazes de notar a própria Natureza pensando<sup>47</sup> em nós pela potência (virtude) que temos para chegarmos a isso.

### **3.2.1 Beatitude é a vivência da eternidade alcançada pela intuição, gerando o amor intelectual, pois nos permite compreender a Natureza e a nós mesmos**

A beatitude, ou alegria perfeita, é o resultado dessa soma de potências que provém do pensamento e da ação que são causas de si, ou seja, trata-se de uma produção do próprio ser humano. Ele não espera por algo externo, ele mesmo produz e trabalha para sustentar essa potência que o preenche de maneira a torná-lo ainda mais virtuoso. E é tanto mais virtuoso conforme puder unir forças e aumentar sua potência. Resultado que se dá por meio de um conhecimento que é tanto racional como intuitivo, desembocando em um amor.

Esse amor de que nos fala o filósofo não se trata de um amor no sentido de uma paixão, pois “Deus é isento de paixões e não é afetado por nenhum afeto de Alegria ou Tristeza”.<sup>48</sup> Assim, “Deus não ama nem odeia ninguém. Pois Deus [...] não é afetado por nenhum afeto de Alegria nem de Tristeza e, conseqüentemente [...], também não ama nem odeia ninguém”.<sup>49</sup> Trata-se, portanto, de um amor universal, fruto da mente humana, com a mente infinita de Deus, pois

O amor intelectual da mente de Deus é o próprio Amor de Deus pelo qual Deus ama a si próprio, não enquanto é infinito, mas enquanto pode ser explicado pela essência da Mente humana considerada sob o aspecto da eternidade; isto é, o Amor intelectual da Mente a Deus é parte do amor infinito pela qual Deus ama a si próprio.<sup>50</sup>

---

<sup>46</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 483.

<sup>47</sup> A Natureza pensando significa que é pelo pensamento que conseguimos nos aproximar de Deus. O pensamento é o suporte de uma compreensão de que estamos ligados à substância infinita e que nela existimos.

<sup>48</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 545.

<sup>49</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 545.

<sup>50</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 567.

Conforme participamos da natureza divina, sendo causas adequadas, mais o amor intelectual de Deus é percebido por nós como uma coisa só, pois não faz diferença entre o amor que sentimos por Deus, ou ele para conosco, ou dele para si mesmo, porque “enquanto ama a si próprio, ama os homens, e, conseqüentemente, que amor de Deus aos homens e o Amor intelectual da Mente a Deus são um só e o mesmo”.<sup>51</sup> Ele ama a nós e a si mesmo antes que nós o amemos, o resultado é sempre o mesmo, Deus está voltado para si mesmo e, como somos modos dele, ele nos ama, mesmo que não o amemos.<sup>52</sup> Entendemos, com isso, em que consiste nossa salvação, beatitude ou liberdade, que é “no Amor constante e eterno de Deus, ou seja, no Amor de Deus aos homens”.<sup>53</sup>

Nesse estado, notamos que também somos partes ativas da criação de causas. Afetamos enquanto temos a forma que temos, apesar de perecermos como corpo, já somos parte da eternidade, nosso corpo e suas partes extensivas deixam de nos constituir para entrar em relação (conveniência) com outros corpos e realizar outros encontros. No que tange ao pensamento, contudo, nossa essência, ao entrar em contato com a mente divina, permanece. Por essa razão, não há temor à morte no caso do sábio, pois ele tem um grande conhecimento acerca de sua eternidade, como diz Spinoza:

Porque os Corpos humanos são aptos a muitíssimas coisas, não há dúvida de que podem ser de uma tal natureza que se refiram a Mentes que têm um grande conhecimento de si e de Deus, cuja maior ou principal parte é eterna, e assim dificilmente temem a morte.<sup>54</sup>

A noção de eternidade, central na filosofia de Spinoza, e que surge no centro de sua reflexão sobre o amor intelectual de Deus<sup>55</sup>, nasce quando o ser humano passa ao conhecimento intuitivo, que segundo ele, esse amor “[...] que se origina do terceiro gênero de conhecimento, é eterno.”<sup>56</sup> Esse amor, portanto, está fora do espaço e do tempo, por essa razão, ele é eterno. Por isso também, quando nos sentimos envolvidos e unidos à natureza, experimentamos e sentimos a eternidade em nós. No entanto, eternidade não pode ser confundida com imortalidade. A eternidade diz respeito a um instante fora do espaço e do tempo, sem começo e nem fim, que independe das relações causais. Por outro lado, a imortalidade é uma existência

---

<sup>51</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 567.

<sup>52</sup> Mesmo que sejamos causas inadequadas sempre. Mesmo que nós não busquemos entender nada sobre os afetos ou sobre a natureza, não importa para Deus. Ele não é afetado por nada.

<sup>53</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 569.

<sup>54</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 573.

<sup>55</sup> O amor de Deus é o amor por sua existência. Sem coação, Ele compreende a si mesmo, Ele é adequado e é potência infinita. O amor do ser humano é aquilo que faz bem e é útil a ele, não tem nada a ver com amor carinhoso ou algo assim. Vale ressaltar também que o Amor que Spinoza fala é aquilo que aumenta nossa potência como modo humano.

<sup>56</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 563.

que se estende em um tempo interminável, dentro do espaço, do tempo e das relações causais. Como explica Lenoir:

Experimentalmente que somos eternos significa viver no instante essa experiência indizível de que podemos existir além da temporalidade, o que Bruno Giuliani exprime muito bem: “Dizer que a mente se percebe como eterna é dizer que ela se percebe em sua essência mesma como existindo fora do tempo e do espaço. Isso não quer dizer que ela durará indefinidamente. Ao contrário, isso significa que ela não dura: a mente sente simplesmente que é eterna no sentido de que ela se percebe como existindo de uma maneira intemporal, com a mesma necessidade que a eternidade da vida de Deus”.<sup>57</sup>

A mente, portanto, não se sente simplesmente como eterna. Ela não desaparece com a chegada da morte, ela “não pode ser absolutamente destruída com o corpo, mas dela permanece algo que é eterno”.<sup>58</sup> A parte eterna que permanece é aquela que se esforçou para formar ideias adequadas e eliminar o máximo de ideias inadequadas, ou seja, a parte que perdura é a ativa, e a que perece é a parte passiva, da imaginação. Conforme escreve Spinoza, no corolário da proposição 40:

Disso segue que a parte da Mente que permanece, qualquer que seja sua grandeza, é mais perfeita do que a outra. Pois a parte eterna da Mente [...] é o intelecto, somente pelo qual somos ditos agir [...]; mas a que mostramos perecer é a própria imaginação [...], somente pela qual somos ditos padecer [...]; e assim [...] aquela, qualquer que seja sua grandeza, é mais perfeita do que esta última.<sup>59</sup>

O ser humano que melhor desenvolveu sua razão bem como produziu ideias adequadas foi causa de alegria, fortalecendo, assim, sua potência de agir. Maior será sua “salvação”, quando ocorrer a desfragmentação do corpo, ou seja, todo esse esforço resultará na sobrevivência de sua mente,<sup>60</sup> proporcional ao esforço realizado. Do contrário, aquele que não utilizou sua potência para sair do domínio da imaginação e não soube utilizar da potência da mente para moderar seus afetos, de sua mente pouco, ou nada, perdurará na eternidade. A sobrevivência da mente, portanto, depende da potência que ela tiver e que o ser humano desenvolveu para reger ordenar e concatenar suas emoções e sentimentos, fazendo com que os afetos maus, que impedem a mente de entender, sejam transformados em bons afetos, a partir do entendimento que ela faz deles, conduzindo-nos a agir no mundo. A esse respeito, Spinoza escreve:

Os afetos que são contrários à nossa natureza, isto é [...], que são maus, são maus apenas enquanto impedem que a Mente entenda [...]. Então, enquanto [*quamdiu*] não

<sup>57</sup> LENOIR, *O milagre Espinosa*, p. 132.

<sup>58</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 553.

<sup>59</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 575.

<sup>60</sup> Para o filósofo, é algo muito claro, porém é uma ideia que, nos dias atuais, poderia ser interpretada como de cunho “religioso”. Tal como é a ideia de uma divinização da Natureza, o que, para ele, não faz sentido.

nos defrontamos com afetos que são contrários à nossa natureza, a potência da Mente pela qual se esforça para entender as coisas [...] não é impedida, e por isso tem o poder de formar ideias claras e distintas e deduzi-las umas das outras [...]; e, conseqüentemente [...], temos o poder de ordenar e concatenar as afecções do Corpo segundo a ordem do intelecto.<sup>61</sup>

A razão, quando bem desenvolvida, pode auxiliar o ser humano na vivência de experiências, como é o caso do conhecimento intuitivo do amor de Deus. Como já dissemos, ela não exerce uma posição de comando, mas de seleção de tudo o que por nós é percebido e pode ajudar também na vivência dessas experiências, pois ajuda a dissipar a obscuridade daquilo que está sendo experienciado. O ser humano que chega a esse estado se encontra na alegria que não lhe pode ser tirada, “nossa Mente, enquanto conhece a si e ao Corpo sob o aspecto da eternidade, tem necessariamente o conhecimento de Deus e sabe que é em Deus e é concebida por Deus”.<sup>62</sup> Essa experiência o faz aceitar que a vida tem como base a necessidade, e tudo ocorre dessa maneira, dele se extirpa o ódio, a piedade, procura o que é útil para si e colabora, a partir disso, com os demais. Desprezo e ódio são combatidos com amor, por saber que “os ânimos, no entanto, não são vencidos pelas armas e sim pelo Amor e pela Generosidade”.<sup>63</sup>

O movimento realizado por *Ética* é de partir da alegria em direção à alegria perfeita, ou seja, alegria eterna de Deus. Esta começa pela felicidade que sentimos ao ordenar nossas paixões, com o objetivo de aumentar nossa potência de agir, que se estende pelo ordenamento de nossa vida com a ajuda da razão.

Ignorante, além de ser agitado pelas causas externas de muitas maneiras, e de nunca possuir o verdadeiro contentamento do ânimo, vive quase inconsciente de si, de Deus e das coisas; e logo que deixa de padecer, simultaneamente deixa também de ser. Por outro lado, o sábio, enquanto considerado como tal, dificilmente tem o ânimo comovido; mas, cômico de si, de Deus e das coisas por alguma necessidade eterna, nunca deixa de ser, e sempre possui o verdadeiro contentamento do ânimo.<sup>64</sup>

A proposta é que nos apoiemos, ou melhor, nos unamos por amor às coisas que nos causam alegria, nos tornam felizes, para podermos nos engajar com os demais e crescer juntos, individual e socialmente, permanecendo no caminho da sabedoria, que, de alegria em alegria, vai nos fazer alcançar a beatitude e a liberdade.

É nesse movimento que podemos perceber que o trabalho de Spinoza começa por um conhecimento racional acerca de Deus, em que nada pode ser conhecido senão começando por ele, a causa primordial de tudo, e finalizando por um amor de Deus mostrando que, quanto mais

---

<sup>61</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 537.

<sup>62</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 561.

<sup>63</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 499.

<sup>64</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 579.

nos tornamos livres, mais amamos a Deus por meio da potência que somos capazes de alcançar, a partir da compreensão de nossos afetos.

A *Ética* de Spinoza é um caminho para a beatitude (felicidade) e a libertação do ser humano, não é um conjunto de regras que dita um modelo de comportamento que visa à superação ou negação de algo que é natural, muito pelo contrário, é o ponto de apoio para o despertar da compreensão racional da necessidade natural e divina na qual estamos inseridos. Fazer do conhecimento o afeto mais potente é compreender que somos mais capazes conforme mais conhecemos e ordenamos nossos afetos e, com isso, mais experimentamos o amor de Deus.

O que Spinoza pretende explicitar é que, para se alcançar a liberdade (mesmo que uma parte dela, uma vez que, totalmente livre somente Deus o é), tal construção se dá no ato de compreender a necessidade, ou seja, entender as causas que determinam o ser humano, e na ação de acordo com a razão. A abordagem do filósofo visa a focar na autodeterminação do indivíduo, que se torna capaz de moderar seus afetos:

Se agora parece árduo o caminho que eu mostrei conduzir a isso, contudo ele pode ser descoberto. E evidentemente deve ser árduo aquilo que tão raramente é encontrado. Com efeito, se a salvação estivesse à mão e pudesse ser encontrada sem grande labor, como poderia ocorrer que seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é notável é tão difícil quanto raro.<sup>65</sup>

Ele encerra *Ética* com as palavras: “mas tudo o que é notável é tão difícil quanto raro”,<sup>66</sup> pois a liberdade, para o filósofo, não é um processo fácil de ser feito e alcançado, não se trata simplesmente de entender a liberdade como na dimensão de escolha entre A ou B. Deve-se considerar que somos limitados por muitas coisas exteriores. A liberdade que se procura é a capacidade de pensar bem, lógica e racionalmente, para o indivíduo poder conduzir as próprias ações, sabendo ponderar entre uma coisa e outra (o que é um processo difícil quando não se tem consciência disso).

---

<sup>65</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 579.

<sup>66</sup> SPINOZA, *Ética*, p. 579.





## CONCLUSÃO

De alegria em alegria, atingimos a verdadeira liberdade, e é com muita alegria, como pensa nosso autor, que escrevo estas considerações finais. Gosto de pensar a *Ética* de Spinoza como a música de Guilherme Arantes: “Vivendo e aprendendo a jogar, nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas aprendendo a jogar”. Aprender a jogar o jogo da vida é o que Spinoza propõe em sua obra. A vida não é tão simples como parece e, por isso, não podemos passar por ela sem compreender os movimentos que ela faz. É como uma dança que executamos sem nem mesmo termos sido convidados.

São revolucionárias as ideias de Spinoza, apesar de ter vivido marginalizado, pois foi rejeitado pela comunidade judaica bem como pelos cristãos. A despeito de tudo, ele seguiu em frente, ensinando o que é ser um ser humano potente para produzir meios para alcançar aquilo que ele almejava, a tão sonhada liberdade de pensar e de se expressar.

Em sua obra magna, *Ética*, contrapõe-se a algumas maneiras de pensar, como a de Descartes, por exemplo, que pensava que o domínio completo dos afetos não era algo possível. Spinoza, por sua vez, mostra que é algo que pode ser realizado, e precisamos dominá-lo para não sermos levados de um lado a outro sem saber o motivo de tal movimento. Ele também se contrapõe aos estoicos, que buscavam extinguir os afetos ou paixões, pois estes eram causa de sofrimento e, pelo uso rigoroso da razão, procurar meios para erradicar as paixões, para que fosse possível alcançar a serenidade e a tranquilidade. Spinoza observa que não é possível extirpar algo que é próprio do ser humano, não é possível livrar-se dos afetos, eles estão integrados naturalmente em nossa existência. Viver é justamente afetar e ser afetado, manifestação resultante do *conatus* como potência de agir.

Às ideias cristãs de liberdade, ele se contrapõe ao livre-arbítrio, que diz que o ser humano livre é aquele que pode escolher entre uma coisa ou outra, guiado por sua vontade, livre de qualquer causa externa. O problema levantado pelo filósofo é que os seres humanos desconhecem as causas pelas quais são levados a escolher, escolhem sob influência de suas paixões e a isso chamam de liberdade, quando, na verdade, estão somente lutando por sua própria servidão.

Não podemos esperar de Spinoza um direcionamento que diga o que deve ser feito ou não, principalmente quando tomamos *Ética*. Suas ideias são expostas para que aquele se aproxime delas faça ele mesmo a experiência e a avaliação para descobrir se a dica do filósofo faz ou não sentido em sua vida. Não é uma regra que vale para todos. Somos diferentes, cada um com suas particularidades, cada um com afetos mais afluídos do que outros. Caso

contrário, se sua escrita fosse um manual que dita como deve ser a vida, ele seria só mais um que dá direcionamentos para todo aquele que não sabe qual caminho buscar. É preciso ter potência suficiente para produzir os próprios caminhos, para ser causa adequada dos próprios encontros. É assim o comportamento daquele que busca realmente a liberdade, é compreender que não é outro que tem a responsabilidade de dar nas mãos o que ele deve seguir, é sua própria.

Torna-se livre aquele que, segundo sua própria natureza, age. Essa ideia é interessante, pois revela a própria potência que advém de Deus, como a potência máxima de existir e causar a si mesmo e a todas as coisas. Somos partes da potência divina que se cruzam em nós por meio de dois atributos dos quais somos formados, extensão e pensamento. Somos então uma modificação da substância infinita, que age a todo instante. Também somos impulsionados a isso, dado que existimos nela.

Tendemos para a servidão, porque não entendemos a essência eterna de Deus tampouco nossos afetos. Nessa confusão na qual somos jogados, agimos de maneira inadequada e nos prejudicamos. Por isso, na esteira da filosofia de Spinoza, faz-se necessária a aproximação das emoções e da razão. É preciso analisar a fundo os afetos e sua natureza para saber como lidar com eles e não simplesmente fechar os olhos para algo que move o mundo humano.

Só efetuaremos bons encontros no mundo se, de fato, estivermos comprometidos em nos conhecermos melhor, descobrindo como o mundo à nossa volta nos afeta e como afetamos os demais. Vivemos em um emaranhado de *conatus* em que cada um quer perseverar na existência e faz de tudo para isso.

*Ética* não é apenas um texto acadêmico, é uma chamada de atenção que o filósofo faz para que possamos ter em mente que o desconhecimento dos afetos e de tudo aquilo que não conhecemos acerca da natureza gera medo, insegurança, complôs, revoltas e culmina em momentos longos de guerra. Esse foi o tempo que ele viveu, odiado e rejeitado, justamente por não se deixar aprisionar pelo pensamento dos outros. Sua liberdade foi inegociável, foi um preço alto a ser pago, porém aprendeu a jogar o jogo da vida, mostrando que, apesar das dificuldades, é preciso ter coragem para enfrentar todo aquele que tente dar direcionamentos contrários daquilo que o próprio indivíduo pensou e criou para si. É dessa força de resistir que vemos brotar uma obra que, somente após sua morte, foi publicada, pois ele tinha em mente que ela agitaria mais uma vez os ânimos de todos.

Apesar determinista e monista, *Ética* culmina numa possível liberdade humana verdadeira e numa beatitude ou felicidade, que podem ser alcançadas somente pela via do conhecimento, primeiro de si e depois do mundo. É pela compreensão da realidade que felicidade e liberdade são atingidas, e não pelo livre-arbítrio, pois, quando nos entendemos

como modos da substância infinita e necessária, buscamos meios para transformar nossas paixões passivas que nos levam à servidão em afetos ativos. Ou seja, é preciso saber como tirar proveito de uma paixão triste para dela se beneficiar. Não podemos apenas ser tomados por ela e deixar que nossa potência diminua. Isso é possível mediante o conhecimento adequado, que se alinha com a mente divina que só produz ideias adequadas, com isso é possível alcançar a tranquilidade, pois toda e qualquer situação que ocorra o indivíduo potente sabe como resolver.

Quando perpassamos pelos capítulos de nosso estudo, bem como pela obra *Ética*, que o embasou, buscando responder à problematização inicial, podemos notar que há um convite de transformação da existência em suas páginas, em que tudo começa por extirpar a ilusão da contingência e sair do sofrimento gerado pela ignorância acerca das causas, até a ascensão da ignorância à vida de sabedoria, virtude, liberdade e beatitude, em que a razão pode governar as paixões e, com isso, fazer com que a mente possa se unir intelectualmente com o todo (amor intelectual de Deus). Tudo isso ocorrendo de maneira imanente, e, com isso, a salvação e a perfeição que buscamos não estão em outra vida ou em algum lugar distante, estão justamente no ato mesmo de compreender e aceitar que essa é a única realidade que existe.



## REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, Diogo Pires. O político em Espinosa: do “afecto comum” à república. *Metacrítica: Revista de Filosofia da Unidade de Investigação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Lusófona*, Lisboa; Porto, n. 2, p. 91-100, 2003. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/metacritica/article/view/2708/2065>. Acesso em: 1º jun. 2023.
- BALIBAR, Étienne. *Spinoza and politics*. London: Verso, 2008.
- BARTUSCHAT, Wolfgang. *Espinosa: introdução*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BENJAMIN, César (org.). *Estudos sobre Spinoza*. Tradução de Eliana Aguiar; Estela dos Santos Abreu; Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- BENNETT, Jonathan. *A study of Spinoza's ethics*. Indianapolis: Hackett, 1984.
- BENNETT, Jonathan. Spinoza's metaphysics. In: GARRETT, Don. *The Cambridge companion to Spinoza*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 1-12.
- BERNAL, César Colera. O conceito de modos em Spinoza. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 11-16, 2008. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/1668>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- BERTINI, Fátima Maria Araújo. M. Afetos em Espinosa e a cidade como civitas. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 11-18, dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/12122>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- CAMUS, Sébastien. *100 obras-chave de filosofia*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CASTRO, Maria Tereza Mendes de. O conceito de conhecimento a partir do pensamento de Benedictus de Spinoza. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 67-72, 2007. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/1656>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- CHARLES, Ramond. *Vocabulário de Espinosa*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. (Vocabulário dos Filósofos).
- CHAUI, Marilena. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa*. (v. 1 - Imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CHAUI, Marilena. *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinosa* (v. 2 - Liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CHAUI, Marilena. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CHAUI, Marilena. *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna, 2005. (Logos).
- CHAUI, Marilena. *Política em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAUI, Marilena. Ser parte e ter parte: servidão e liberdade na ética IV. *Discurso*, São Paulo, n. 22, p. 63-122, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37973>. Acesso em: 24 maio 2023.

CURLEY, Edwin (ed.). *A Spinoza reader: the ethics and other works*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

CURLEY, Edwin. *The essential Spinoza: ethics and related writings*. Cambridge: Hackett, 2006.

DAVID, Antônio. O vulgo e a interpretação da obra de Espinosa. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n. 39, p. 141-162, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/149571>. Acesso em: 1º jun. 2023.

DELBOS, Victor. *O espinosismo: curso proferido na Sorbonne em 1912-1913*. Tradução de Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. Tradução de GT Deleuze. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa e os signos*. Porto: Rés, 1970.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELLA ROCCA, Michael. *Representation and the mind-body problem in Spinoza*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ESPINOSA, Baruch. *Breve tratado sobre Deus, o ser humano e sua felicidade*. Tradução de Flavio Quintale. Petrópolis: Vozes, 2021. (Coleção Vozes de Bolso).

ESPINOSA, Baruch. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência*. Tradução de Marilena de Souza Chaui et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

ESPINOSA, Baruch. *Tratado da emenda do intelecto*. Tradução de Cristiano Novaes de Rezende. Campinas: Editora da Unicamp, 2015c.

ESPINOSA, Baruch. *Tratado teológico-político*. Tradução de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. O conceito de liberdade na ética de Benedictus de Spinoza. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 27-36, jul. 2007. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/1650>. Acesso em: 22 mar. 2024.

GAINZA, Mariana Cecilia. El límite y la parte: los confines de la interioridad en la filosofía spinoziana. *Demarcaciones*, Buenos Aires, n. 4, p. 207-219, mayo 2016.

GAINZA, Mariana Cecilia. El problema de las distinciones en Spinoza: una subección crítica de Descartes. *Éndoxa: Series Filosóficas*, Madrid, n. 41, p. 55-73, 2018.

GAINZA, Mariana Cecilia. *Espinosa: uma filosofia materialista do infinito positivo*. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2011.

GARRETT, Don. *Spinoza*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

GLEIZER, Marcos André. *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 2005. (Passo-a-passo; 53)

GLEIZER, Marcos André. *Lições introdutórias à ética de Espinosa*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015. (Filosofia Primeira).

GOMES, Carlos Wagner Benevides. O problema da potência ética e política em Benedictus de Spinoza. *Polymatheia – Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 9, n. 14, p. 97-117, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistapolymatheia/article/view/5947>. Acesso em: 1º jun. 2023.

GRISSAULT, Katy. *50 autores-chave de filosofia... e seus textos incontornáveis*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAMPSHIRE, Stuart. Spinoza and the idea of freedom. In: KASHAP, Paul (Ed). *Studies in Spinoza: critical and interpretative essays*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1974. p. 310-331.

HUENEMANN, Charles. *Interpreting Spinoza: critical essays*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

JAQUET, Chantal. *A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula; Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Filô/Espinosa, 1).

LEBUFFE, Michael. Theories about consciousness in Spinoza's ethics. *The Philosophical Review*, Durham, v. 119, n. 4, p. 531-563, 2010.

LENOIR, Frédéric, 1962. *O milagre Espinosa: uma filosofia para iluminar nossa vida*. Tradução de Marcos Ferreira de Paula. Petrópolis: Vozes, 2019.

MARSHALL, Eugene. Adequacy and innateness in Spinoza. *Oxford Studies in Early Modern Philosophy*, Oxford, v. 4, p. 51-88, 2008.

MARTÍNEZ, Francisco José Martínez. Normatividad y empiria: el recurso a los ejemplos históricos en el Tratado Político. In: CORDÓN, Julian Carvajal; CÁMARA, María Luisa de la. *Spinoza: de la física a la historia*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2008. p. 407-418.

MARTINS, André. *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MASCARENHAS, Vijay. Consciousness, representation, thought and extensión: an interpretation of monistic parallelism in the philosophy of Baruch Spinoza. *Studia Spinozana*, Wurtzburgo, v. 14, p. 92-109, 1998.

- MOREIRA, Jocilene Matias. Os afetos como parte da natureza humana. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 12, n. 22, p. 45-53, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/10736>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- MORGAN, Michael L. *The essential Spinoza: ethics and related writings*. Indianapolis: Hackett, 2006.
- NADLER, Steven. Spinoza and consciousness. *Mind*, Oxford, v. 117, n. 467, p. 575-601, Jul. 2008.
- NADLER, Steven. *Spinoza's ethics: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- NEGRI, Antonio. *Espinosa subversivo e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- NEGRI, Antonio. *Spinoza for our time: politics and postmodernity*. New York: Columbia University Press, 2013.
- OLIVA, Luís César. Da independência dos atributos à ordenação das coisas. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 75-81, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/10656>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio. *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 89-112.
- RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. Chauí: *plura simul* na ética de Espinosa. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, Brasil, n. 36, p. 119-138, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/espinosanos/article/view/132665>. Acesso em: 22 mar. 2024.
- RIZK, Hadi. *Compreender Spinoza*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SANTIAGO, Homero. Entre servidão e liberdade. *Cadernos Espinosanos*, São Paulo, n. 26, p. 11-23, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/89455>. Acesso em: 24 maio 2023.
- SCALA, André. *Espinosa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003a.
- SCALA, André. *Espinoza*. Tradução de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2003b. (Figuras do Saber, 5).
- SCRUTON, Roger. *Espinosa*. Tradução de Angélica Elisabeth Könker. São Paulo: Ed. Unesp, 2000. (Coleção Grandes Filósofos).
- SHARP, Hasana. *Spinoza and the politics of renaturalization*. Chicago: University of Chicago Press, 2019b.
- SILVA, Henrique Lima da; Gomes, Carlos Wagner Benevides. Uma recusa ao servir: processos de libertação na ética de Spinoza. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 12, n. 22, p. 31-44, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/10735>. Acesso em: 22 mar. 2024.



SILVA, Henrique. *Servidão humana e imanência na filosofia de Benedictus de Spinoza*. *Revista Conatus – Filosofia de Spinoza*, Fortaleza, v. 9, n. 17, p. 43-52, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/12140>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; Marilena Chaui (coord.). São Paulo: Edusp, 2018.

SPINOZA, Baruch. *Tratado político*. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio; revisão da tradução Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

YOVEL, Yirmiyahu. *Espinosa e outros hereges*. Lisboa: Impresa Nacional; Casa da Moeda, 1993.